

José Arthur Montenegro e a Guerra do Paraguai

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

TEXTOS HISTÓRICOS 1

CENTRO DE ESTUDOS GLOBAIS
UNIVERSIDADE ABERTA www.uab.pt
CÁTEDRA UNESCO DE ESTUDOS GLOBAIS
unesco Cátedra
EDIÇÕES BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

José Arthur Montenegro e a Guerra do Paraguai



- 1 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior
- Universidade Estadual Paulista – Assis -
António Ventura
- Universidade de Lisboa -
Beatriz Weigert
- Universidade de Évora -
Carlos Alexandre Baumgarten
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -
Ernesto Rodrigues
- CLEPUL – Universidade de Lisboa -
Francisco Gonzalo Fernandez Suarez
- Universidade de Santiago de Compostela -
Francisco Topa
- Universidade do Porto -
Isabel Lousada
- Universidade Nova de Lisboa -
João Relvão Caetano
- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -
José Eduardo Franco
- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -
Maria Aparecida Ribeiro
- Universidade de Coimbra -
Maria Eunice Moreira
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –
Maria Cristina Firmino Santos
- Universidade de Évora -
Vania Pinheiro Chaves
- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

José Arthur Montenegro e a Guerra do Paraguai

Lisboa / Rio Grande
2026

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:
José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:
João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:
Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE
Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1ª Secretária: Luciana Coutinho Gepiak
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica
- Título: José Arthur Montenegro e a Guerra do Paraguai
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Textos históricos, 1
- Composição & Paginação: do autor
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/ UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, 2026

ISBN – 978-65-5306-149-1

CAPA: Retrato de José Arthur Montenegro publicado no *Album de la Guerra del Paraguay* e capa do livro *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de trezentos livros.

Livro vinculado à Ação de desenvolvimento – O Arquivo Montenegro no acervo da Biblioteca Rio-Grandense: História e Arte – promovida junto ao Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical "Florestan Fernandes"- CEMOSi, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Câmpus Presidente Prudente, sob a supervisão da Profa. Dra. Paula Ferreira Vermeersch.

SUMÁRIO

O escritor / 11

A escritura / 23

O escritor

Um cearense pobre que teve de migrar para um lugar geográfica e figurativamente oposto ao seu local de nascimento, a mais meridional unidade administrativa brasileira, José Arthur Montenegro encontrou no Rio Grande do Sul as ocupações profissionais que lhe permitiram a sobrevivência material. No sul estudou, atuou como militar e finalmente tornou-se funcionário de empresas ferroviárias, além de ter formado família. Mas foi também no contexto sul-rio-grandense que passou a desempenhar um outro papel, o de intelectual, tornando-se em sua época um dos mais relevantes estudiosos da Guerra do Paraguai.

Durante sua permanência em terras gaúchas, o sítio no qual Montenegro fixou residência por maior tempo foi a cidade do Rio Grande, uma localidade litorânea que contava com o único porto marítimo sulino, vindo a encontrar seu desenvolvimento a partir das práticas mercantis. A partir do comércio originaram-se certos progressos que não se detiveram apenas ao âmbito econômico, atingindo também o cultural, com a circulação de uma variada imprensa, a existência de uma vasta biblioteca e o funcionamento de diversas livrarias. Assim, tal local propiciou ao rio-grandense adotivo um ambiente propício às atividades intelectuais, fosse pela disponibilidade de material bibliográfico e documental, pelo intercâmbio com outros escritores, ou ainda pela

ampliação da possibilidade de comunicação por meio do porto, a qual propiciou uma das mais marcantes ações de Arthur Montenegro, vinculada à rede de interligações com outros representantes da intelectualidade e atores da Guerra da Tríplice Aliança, fulcro de seus estudos.

No Brasil da virada do século XIX à centúria seguinte, ainda era comum a figura do "homem de letras", ou seja, um representante da intelectualidade que, mesmo sem formação acadêmica específica, abarcava em suas pesquisas um considerável cabedal de informações oriundas das mais variadas áreas do saber humano, gerando uma produção de conhecimento que mirava a ilustração do público leitor. Nessa linha, vários desses pesquisadores, mormente no que tange aos estudos em torno das humanidades, tiveram ações múltiplas, militando em segmentos variados como o histórico, o geográfico, o literário e o jornalístico, apenas para citar alguns dentre tantos.

Um deles foi José Arthur Montenegro que, ao longo de sua curta vida, se dedicou incansavelmente à pesquisa/coleta de documentos. Embora, algumas incertezas entre seus biógrafos em relação ao ano, ele nasceu em fevereiro de 1864, em Uruburetama, no Ceará. Não há maiores informações quanto à sua formação estudantil, ficando demarcado que, órfão muito cedo, teve de dedicar-se ao trabalho ainda bastante jovem. Primeiramente dedicou-se às lides comerciais para, em seguida, voltar-se à vida marítima, viajando pelas costas brasileiras, entre 1878 e 1880, praticando o estudo da pilotagem. Sem condições para continuar a educação naval, deslocou-se para o sul para cursar a Escola Militar de Porto Alegre, onde permaneceu de 1881 a 1884.

Dedicou-se à vida militar, com expedições em Santa Catarina, chegando inclusive a ser ferido, e mais constantemente no Rio Grande do Sul, onde atuou em várias ações na fronteira com o Uruguai, como por ocasião de uma revolução no território oriental, em 1885, e de uma eclosão epidêmica de cólera no país vizinho, em 1887. Permaneceu no exército, junto ao comando da fronteira e guarnição, até 1889. Neste ano, mantendo-se no Rio Grande do Sul, ingressou na Estrada de Ferro Porto Alegre a Uruguaiana, atuando como amanuense e arquivista. Com a saúde abalada, voltou à sua terra natal, em 1897, vindo a ser secretário da Estrada de Ferro de Baturité. Uma vez arrendada tal empresa, retornou ao Rio Grande do Sul, empregando-se como encarregado de arrecadar o material pertencente à Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana. Posteriormente, passou a secretariar a empresa Southern-Brazilian Rio Grande do Sul, entre 1899 e 1901. Enquanto esteve no sul, estabeleceu moradia na cidade do Rio Grande, onde viria a ocorrer sua prematura morte, causada por tuberculose, aos trinta e sete anos, em abril de 1901.

Tais encargos profissionais garantiam o sustento de Montenegro e o de sua família, mas sua maior vocação estava ligada à pesquisa documental, desenvolvendo uma carreira paralela como historiador e geógrafo, entre outros ramos do conhecimento, de acordo com os padrões intelectuais de então. A vida de pesquisador viria a trazer-lhe significativo reconhecimento, tanto que ele pertenceu a várias instituições acadêmico-intelectuais, em diferentes pontos do Brasil e mesmo no exterior, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o

Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano, o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, o Instituto Geográfico Argentino, o Ateneu de Buenos Aires, o Centro Literário do Ceará, a Academia Cearense, a Associação Guerreiros do Paraguai, o Instituto de Coimbra e a Associação dos Homens de Letras de Caracas.

O fulcro de suas pesquisas esteve voltado aos estudos sobre a Guerra do Paraguai, aos quais dedicou boa parte de sua vida, embora tenha dedicado também sua atenção para outras temáticas. Sua ação fundamental como pesquisador direcionou-se à coleta de documentos, para a qual desenvolveu verdadeira rede de comunicações com outros estudiosos e militares que participaram da Guerra da Tríplice Aliança. Muitos de seus estudos viriam a ser publicados por meio da imprensa periódica, método muito comum aos pesquisadores de então, quando, diante das dificuldades na edição de livros, o jornalismo servia para difusão/divulgação das pesquisas. Nesse sentido, boa parte da produção intelectual de José Arthur Montenegro foi publicada em diversos periódicos, notadamente sul-rio-grandenses e cearenses. Apesar de sua profícua pesquisa, foram poucas as obras de sua lavra editadas no formato de livros, caso de *Notas para a carta geográfica do Rio Grande do Sul* (1895) e *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai* (1900). Sua atuação na coleta de documentos foi também coroada com a publicação de livros por ele traduzidos, introduzidos e/ou anotados, como *Resumo da ordenança sobre os exercícios e evoluções dos corpos de infantaria do exército. Parte aplicável à Guarda Nacional* (1891), *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothea Duprat de Lasserre*

(1893), *Guerra do Paraguai – monografias históricas por Juan Silvano de Godoi* (1895) e *O Uruguai* (1900).

Outras pesquisas projetadas por Montenegro foram publicadas, parcial ou integralmente, junto à imprensa, como foi o caso de *História da Guerra Chileno-Peru-Boliviana, 1879-1881*; *Cristóvão Colombo e o descobrimento da América*; *Efemérides das campanhas do Uruguai e Paraguai*; além de vários outros trabalhos. Tais edições ficaram espalhadas por periódicos como os gaúchos *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* (Rio Grande), *Almanaque popular brasileiro* (Pelotas), *A Atualidade* (Rio Grande), *Correio Mercantil* (Pelotas), *Diário do Rio Grande* (Rio Grande) e *Eco do Sul* (Rio Grande); os cearenses *A República*, *Revista da Academia Cearense* e *Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará* (todos de Fortaleza); bem como no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Outras dentre suas obras projetadas acabaram por permanecer inéditas: *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai* (planeada para oito volumes); *Dicionário histórico-geográfico do Estado do Rio Grande do Sul*; *Dicionário das madeiras do Brasil*; *As ilhas do Brasil;* e *Bibliografia do Rio Grande do Sul nos séculos XVIII e XIX*[1].

[1] Dados biográficos e bibliográficos elaborados a partir de: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. 4, p. 319-322.; MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Instituto Estadual do Livro, 1978. p. 375-376.; STUDART, Guilherme. *Dicionário biobibliográfico cearense*. Fortaleza: Tipografia e Litografia a Vapor, 1913, v. 2, p. 66-73.;

Para empreender sua obra, o escritor promoveu uma constante comunicação com vários pesquisadores no contexto local, nacional e internacional. Dessa maneira, correspondeu-se com estudiosos e artistas, alguns pouco conhecidos, outros que conquistaram notável reconhecimento intelectual, bem como com alguns dos atores sociais remanescentes em relação aos eventos históricos abordados. Seus contatos iam do pessoal ao institucional, granjeando-lhe também certa notoriedade, daí o pertencimento a tantas entidades culturais em várias partes do Brasil e do mundo. As missivas enviadas por Montenegro, além de promover o intercâmbio cultural, visavam à busca de dados e documentos que, peça por peça, viriam a compor seus estudos.

Mesmo com tal reconhecimento, foram vários os obstáculos que impediram Montenegro de levar à conclusão desejada para suas pesquisas, representada pela edição de livros. Entre eles esteve a necessidade de promover a labuta diária em suas ocupações profissionais, a qual limitava um tempo que poderia ser ainda maior na dedicação às investigações; os altíssimos custos na confecção de livros; os pequenos recursos que serviam precipuamente para garantir a sobrevivência; e a doença que cada vez mais lhe tirava as forças. Ainda que não tenha atingido plenamente seus intentos quanto ao destino final de alguns de seus estudos, o pesquisador empreendeu um trabalho incomparável em termos de levantamento de fontes e obtenção de

---

e VILLAS-BÔAS, Pedro. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: *A Nação*; Instituto Estadual do Livro, 1974. p. 325.

documentos. Assim, seus esforços levaram à formação de um dos mais importantes acervos notadamente a respeito da Guerra do Paraguai. O espólio desse incansável trabalho ficaria como uma herança formidável para os pesquisadores e foi reunido pela Biblioteca Rio-Grandense que montou o Arquivo José Arthur Montenegro[2].

Na construção de seu acervo documental e nos trabalhos que escreveu J. Arthur Montenegro estabeleceu um enfoque muito bem determinado, fixando um modo de "fazer história" calcado essencialmente no conteúdo militar e na ação daqueles que considerava como os protagonistas do devir histórico. Prevalecia assim uma abordagem embasada na heroicização, com o enaltecimento dos denominados "grandes homens" que, através de seus atos "heroicos", trilharam um propalado caminho de glórias e triunfos no combate ao inimigo. Nessa linha, para o pesquisador/escritor, o ato de historiar esteve fundamentalmente vinculado ao de biografar.

De acordo com tal perspectiva, a biografia era encarada como "um empreendimento de homologação seja do conhecimento adquirido, seja das ideias prontas sobre um homem, seja das relações entre um sistema político e a realidade"[3]. Nesse sentido, os enfoques

---

[2] ALVES, Francisco das Neves. O historiador José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: registros textuais e iconográficos*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 12-17.

[3] LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro:

biográficos pretendiam "fazer do personagem uma 'revelação da essência da humanidade", de modo que, ao invés "de descrever uma vida", buscam "reconstituir um 'projeto existencial'"[4]. Assim, a narração biográfica "assimilou a exaltação das glórias nacionais, no cenário de uma história que embelezava o acontecimento, o fato"[5].

Nesse contexto, realizava-se uma "biografia pública, exemplar, moral"[6], na qual os personagens vinculados ao passado tiveram suas existências elevadas a um panteão cívico, de maneira que a abordagem biográfica trazia o destaque às "vidas dos grandes homens ilustres, compostos como espelhos de heroicidade e exemplaridade moral"[7]. Os escritos biográficos relacionavam suas ações com as dos "ícones de outrora", que teriam atuado como "vetores

---

Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 175.

[4] BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 226.

[5] PRIORE, Mary del. Biografias, biografados: uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 75.

[6] LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 169.

[7] OLIVEIRA, Maria da Glória. Para além de uma ilusão: indivíduo, tempo e narrativa biográfica. In: AVELAR, Alexandre de Sá & SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). *O que pode a biografia*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 59.

privilegiados" no devir histórico, no sentido de "incutir a veneração dos heróis da gesta patriótica", com "a insistência num discurso moral exemplar"[8].

A partir de tais premissas, a obra de Montenegro atuava na propagação do "discurso de celebração", no qual a biografia "desempenha um papel determinante", ao construir um "personagem memorável", que viria a ser digno do "relato histórico"[9]. Nessa linha, "uma individualidade biológica socialmente instituída" passaria a agir "como suporte de um conjunto de atributos e atribuições que lhe permitem intervir como agente eficiente em diferentes campos"[10]. A abordagem de cunho biográfico aparecia como essencialmente "preocupada com as peripécias e as vicissitudes dos grandes homens", em um quadro pelo qual, o "drama histórico humano" é recuperado e ressaltado através do "peso das grandes decisões dos 'heróis'" e no "rol fundamental das vidas dos grandes personagens na definição dos destinos daquele drama"[11].

Levando em conta tal contexto, o ato de historiar/biografar trazia em si elementos constitutivos

---

[8] DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. p. 7.

[9] BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 290.

[10] BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 190.

[11] ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 11.

de várias tendências voltadas à construção do biográfico. Levava-se então em conta a perspectiva pela qual "durante muito tempo o gênero biográfico teve por função essencial identificar", prestando-se "ao discurso das virtudes" e servindo "de modelo moral edificante para educar, transmitir os valores dominantes às gerações futuras". Tal conteúdo biográfico vinha a participar "de um regime de historicidade no qual o futuro é a reprodução dos modelos existentes, que devem perpetuar-se". Assim as construções de natureza biográfica inscreveram-se, "durante esse longo período, no respeito absoluto a uma tradição" que perpassou por "valores heroicos", chegando a tomar "por modelo as vidas exemplares"[12].

A abordagem de natureza histórica que José Arthur Montenegro trouxe à sua obra esteve inserida nesses múltiplos enfoques acerca do conteúdo biográfico, com plena incursão à heroificação e à relevância dos princípios articulados com a nacionalidade e mesmo com o patriotismo. Desse modo, ele reuniu todas as informações textuais e registros imagéticos que conseguiu acerca dos participantes da Guerra do Paraguai. Assim, o próprio escritor/pesquisador afirmava que, faltando-lhe "ainda muitos dados sobre" a Guerra da Tríplice Aliança, os quais só poderia "ir obtendo com vagar e muito esforço, além de muitos retratos de vultos eminentes de que não posso prescindir, estou resolvido a não sacrificar a obra", com uma publicação apressada, "sem esclarecer minuciosamente todos os sucessos, para o que estou disposto a dedicar toda a minha vida, contanto que, ao

[12] DOSSE, 2015, p. 123.

entregá-la ao público", pudesse "dizer – eis a última palavra sobre a tremenda epopeia que dignificou minha pátria em cinco anos de luta contra a tirania"[13].

A preferência pelo conteúdo de natureza biográfica fortemente articulada com a perspectiva da heroicização ficava demarcada pelo próprio Montenegro, que chegava a reconhecer o "quão árido é o trabalho biográfico", fator que não o afastaria do seu "mais ardente desejo", o qual seria o de "poder descrever os feitos dos argentinos e orientais com a mesma minuciosidade e serenidade de espírito com que o faço para os brasileiros", esperando "que a posteridade e os mais contemporâneos me façam a justiça de chamar-me imparcial como historiador"[14]. O único livro publicado por José Arthur Montenegro, na condição de autor, sobre o tema de sua preferência, intitulado *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*, bem expressou o modelo de "fazer história" do estudioso.

[13] Citado por BLAKE, 1898, v. 4, p. 320.

[14] ALBUM DE LA GUERRA DEL PARAGUAY. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246.

A escritura

O livro *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai* acabou por constituir o único que efetivamente contou com a autoria de José Arthur Montenegro acerca da Guerra do Paraguai. Com as dimensões de 22 X 12,5 cm, serviria como uma amostragem do trabalho mais amplo que pretendia levar a público. O título acabava por revelar a intenção do autor de apresentar alguns "fragmentos", ou seja, artigos avulsos, sem interligação entre si, mas mantendo como fio condutor a abordagem daquele conflito internacional. Nesse sentido, a publicação adquiria um certo caráter de coletânea, pois reunia alguns de seus escritos anteriormente divulgados por meio da imprensa periódica. Já o subtítulo, "homens e fatos da Guerra do Paraguai", bem caracterizava o modo de "fazer história" do escritor, voltado essencialmente ao estudo das ações dos vultos históricos, muitas vezes transmutados em heróis, e dos episódios que compuseram o teatro bélico[15].

Os estudos da lavra de Montenegro em seu livro *Fragmentos históricos*, predominantemente de caráter

[15] ALVES, Francisco das Neves. O autor e os *Fragmentos Históricos da Guerra do Paraguai*. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: registros textuais e iconográficos*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020a. p. 38.

biográfico, não se prendiam necessariamente à descrição de todas as fases da vida do biografado, tendo, normalmente por preferência a abordagem das ações dos indivíduos em suas interfaces com a Guerra do Paraguai. Os personagens brasileiros são apresentados como portadores de uma bravura interminável ao enfrentar todas as intempéries da guerra, quer seja, seriam os "heróis" que moviam a história e deveriam servir de "exemplo" para seus coetâneos e para as gerações futuras. Há até mesmo textos que reconhecem o valor dos soldados paraguaios, mas, como contraponto, aparecem as figuras de Elisa Linch e Solano Lopez, que corporificavam a imagem do inimigo, o qual deveria ser depreciado, desmerecido e desvirtuado. Estabelecia-se assim a construção de um pressuposto de legitimação/idealização do aliado e deslegitimação/ descrédito do adversário[16].

A apresentação do livro coube ao escritor, filósofo, político, administrador público e professor brasileiro, Raimundo Farias de Brito, um dos fundadores da Academia Cearense de Letras, na qual foi colega de Arthur Montenegro. Segundo Brito, o livro em pauta era o "resultado dos longos estudos sobre a Guerra do Paraguai", realizados por Montenegro, demarcando que este tornara-se uma "autoridade" intelectual pela "empresa colossal a que meteu ombros com relação à Guerra do Paraguai". Ao referir-se à obra do

[16] ALVES, Francisco das Neves. O biógrafo José Arthur Montenegro. In: ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique & OLIVEIRA, Marcelo França de. *O Arquivo Montenegro: retratos e biografias*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020b. p. 31-32.

pesquisador, o prefaciador demarcava que notava-se naquele trabalho "pronunciada tendência para averiguar, para entrar no exame dos menores detalhes, para deixar tudo fora de dúvidas", de maneira "a dar às suas narrações um grau tal de certeza que a gente ao lê-las não possa deixar de ficar convencida".

Farias Brito sustentava que "o ilustre escritor tem consciência clara e distinta das imperfeições inerentes ao conhecimento histórico", em um quadro pelo qual "se esforça por tornar mais vivas as tintas do quadro que traceja, deixando bem saliente a figura dos indivíduos", bem como "reduzindo às suas legítimas proporções as coisas e os fatos". Considerava ainda que tal característica era observada "a todo instante nos *Fragmentos* que melhor se poderiam chamar *Quadros históricos*", tendo em vista "a autoridade com que nos fala, daí o tom de convicção com que se exprime o autor, o que dá às suas narrações inestimável valor", de modo que "ele como que faz esforços para transportar seu próprio ser para a história, como se pretendesse dar vida e alma aos quadros que representa".

Para Raimundo de Farias Brito, o escritor cearense/gaúcho figurava dentre os historiadores que "pretendem como que representar em quadro os homens e as coisas, esforçando-se por arrancar do passado a lembrança dos fatos", os quais seriam legados "à humanidade como um tesouro e restituindo-lhe por este modo, se não a vida, pelo menos a imortalidade da memória". Ainda a respeito de Montenegro, buscava esclarecer que, "abrangendo em suas investigações apenas um período da nossa história", já que "todos os seus quadros giram em torno da Guerra do Paraguai, principal objeto de suas lucubrações", poderia ser

observado "que o seu objetivo é não interrogar o passado da vida nacional, para fazer a dedução dos destinos da civilização brasileira", e sim "apenas arrancar do olvido a memória dos nossos heróis, apresentá-los à posteridade tais quais foram" e, acima de tudo "fazendo justiça aos que souberam morrer pela causa da pátria".

O prefaciador enfatizava que Arthur Montenegro apresentava-se "não somente como artista que figura quadros, mas também e principalmente como juiz que premia e condena", aparecendo em seu trabalho "por uma das múltiplas faces o destino moral da história, sendo que assim considerada é como tribunal que a história funciona". Outras características salientadas nos escritos de Montenegro seriam "a imparcialidade, a retidão, a justiça, quer se trate dos brasileiros, que se trate do inimigo da pátria". Considerava que tal característica seria constatada a partir do fato de que "a coragem dos paraguaios nos é apresentada, não raro, em tais condições que chega a tomar as proporções do heroísmo", ainda que "em regra se mostrassem sem disciplina e pouco conhecedores da arte da guerra". Argumentava que, se fosse o caso "de um historiador parcial e pouco justo", seria "mais que provável que o valor do inimigo não fosse assim reconhecido e apregoado", mas ao contrário, ao tratar "do povo e dos indivíduos é sempre com máxima imparcialidade que o historiador os julga e aprecia".

O conhecimento da História Militar era outra característica ressaltada por Brito, ao afirmar que "outra coisa que se torna digna de grande reparo nestes *Fragmentos*" era "que o autor, descrevendo episódios da Guerra do Paraguai, não só se mostra conhecedor da arte

da guerra, como perfeitamente familiarizado com os usos, costumes e hábitos da vida militar", o que seria explicado pelo fato de que Montenegro "já pertenceu ao exército, tendo feito os estudos necessários para se mostrar possuidor do conhecimento técnico da matéria". De acordo com o intelectual que redigia a apresentação, aquele conhecimento de causa seria "uma circunstância valiosíssima, pois é com perfeita autoridade que se pôde ocupar com assuntos militares", reforçando que o autor tinha "por experiência pessoal os segredos da vida do soldado e do marinheiro", pintando a partir daí, "com vivo sentimento em seus quadros as emoções violentas porque passa na guerra o coração do homem, quer de entusiasmo, quer de terror".

Na mesma linha, Faria Brito dizia que Montenegro "transporta-nos às alegrias da vitória por parte do que triunfa; constrange-nos a alma as angústias da derrota por parte do que é vencido"; bem como estremecia o leitor "ao toque de corneta no começo da luta", assim como ouvia "o gemido dos moribundos, depois de findo o combate". Exaltava também que o escritor entrava "nas mais minuciosas circunstâncias, repete o que diz o soldado, fala de seus pequenos interesses, de suas rixas, das dificuldades com que luta", e "de tudo que lhe diz respeito"; assim como "conta anedotas, explica a origem dos apelidos dos generais, escreve a história dos chefes, escreve a história dos soldados", ou seja, "em uma palavra tão minucioso se mostra, fala com tanta segurança, e sobretudo tão vivo nos descreve tudo o que se passa", que possibilitava ao leitor uma identificação "com o assunto, que nos chega a parecer que tomamos parte como o autor na vida dos acampamentos".

Em conclusão, Raimundo de Farias Brito esclarecia que o livro apresentado tratava-se apenas de uma pesquisa introdutória em relação à obra de vulto planejada por Montenegro, explicando que aquela seria "apenas uma série de episódios", a qual, entretanto, "é quanto basta para que se possa desde logo fazer ideia precisa do imenso valor da grande obra que está sendo preparada", com "o título *História da Guerra da Tríplice Aliança contra a República do Paraguai"*. Frente a tal circunstância, esclarecia que era, "porém, cedo ainda para apresentar sobre esta obra opinião definitiva", bastando "por enquanto, que felicitemos o autor, pelos seus preciosos – *Fragmentos* –, ao mesmo tempo" que dava, "pelo aparecimento desta obra, parabéns à literatura pátria e especialmente aos que se interessam pelo estudo da história nacional".

O texto de abertura dos *Fragmentos históricos* intitulava-se "A epopeia paraguaia", o qual trazia consigo a intenção de ressaltar o valor guerreiro do povo paraguaio, buscando demonstrar que tal valentia foi um fator primordial para a continuidade da guerra. Ao mesmo tempo em que valorizava a população guarani, o autor não deixava de colaborar com a construção da imagem do inimigo, encarnado na "figura ditatorial" de Solano Lopez. Nessa linha, ele dizia ter feito "inteira justiça a esse povo heroico que se extinguiu quase, defendendo com rara abnegação o solo pátrio". Mantendo o fulcro de suas abordagens, Montenegro descrevia vários movimentos bélicos do conflito, insistindo nos constantes erros estratégicos cometidos pelo presidente paraguaio.

Em seguida aparecia "Os combates do Chaco", no qual o escritor apresentava o tema e intentava

demonstrar que aquela era apenas uma amostra da obra mais completa que pretendia publicar. Segundo ele, "a magnitude do assunto exige grande desenvolvimento, longas explicações para torná-lo ao alcance dos que não conhecem os detalhes dessa campanha", o que não seria viável naquele "momento em que tenho a saúde profundamente alterada". Nesse sentido anunciava que "todo o IV volume de minha obra sobre a Campanha do Paraguai (Cerco do Quadrilátero)" exigia "ainda muito retoque, muita *lima* para que se possa extrair cópia da parte correspondente aos sucessos do Chaco". Como em outros capítulos, o historiador demonstrava significativa leitura e considerável conhecimento adquirido sobre a História Militar, da antiguidade à contemporaneidade[17].

Um dos personagens enfatizados por Montenegro foi o coronel José do Amaral Ferrador, militar e latifundiário sul-rio-grandense, que era veterano da Revolução Farroupilha, com ativa participação na Guerra da Tríplice Aliança. Sob o título "O coronel Amaral Ferrador", tal personalidade era retratada em sua atuação em meio ao teatro de operações no Paraguai, com destaque para a época do comando geral do Marquês de Caxias. O texto abordava a guerra em uma de suas particularidades, vinculada às vivências dos militares e às inter-relações entre os comandantes. O protagonista gaúcho era caracterizado como um autor de "espirituosas diabruras", ao mesmo tempo em que possuiria "uma bravura levada à temeridade", sendo responsável "pelos atos arrojados" praticados em combates, de modo que um tom com certa

[17] ALVES, 2020a. p. 38.

nuance jocosa, não deixava de lado a abordagem calcada na heroicidade[18].

Embora o artigo "O major Bento Luiz Gama" não chegasse a constituir um texto de cunho biográfico no sentido tradicional na feitura de Arthur Montenegro, arrolando alguns "feitos" do biografado, normalmente ao longo de sua vida, não deixava de possuir tal inspiração, no caso abordando um episódio específico da ação do militar. A essência narrativa era a de abrir brevíssima lacuna nas descrições das cruezas da guerra, mostrando que, mesmo no ambiente bélico, poderia surgir espaço para o inusitado, de modo que o texto contava uma historieta, beirando o anedótico, sem deixar de confirmar que, mesmo que consistisse um ato pouquíssimo usual, não deixava de ser uma prova de "coragem" e até uma verdadeira "façanha"[19].

Um jovem militar, Antônio Carlos de Mariz e Barros, foi outro personagem exaltado por Arthur Montenegro. Carioca de nascimento, Mariz e Barros seguiu uma linhagem familiar de serviços prestados à marinha, sendo filho do almirante Joaquim José Inácio de Barros, Visconde de Inhaúma. Conquistaria certo reconhecimento ainda no início de sua carreira, em operação de salvamento de embarcação no Rio de Janeiro e completando seu arco com a participação e falecimento durante as questões platinas, já que, nos conflitos bélicos do Império Brasileiro na década de

[18] ALVES, Francisco das Neves. *Um enfoque sobre a Guerra do Paraguai na obra e no acervo de José Arthur Montenegro*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2026. p. 33.
[19] ALVES, 2026. p. 40-41.

1860, esteve presente nas campanhas do Uruguai e do Paraguai. O enfoque acerca do militar concentrou-se em uma primeira parte destinada à operação de socorro a um navio e uma segunda voltada à presença do mesmo na Guerra do Paraguai, incorrendo em uma associação entre a heroificação e a martirização, guindando-o ao panteão do "herói" que morreu pela "causa pátria"[20].

No texto "Consequências do desastre de Curupaiti", o autor mantinha a intenção de demonstrar o "objetivo civilizador da Tríplice Aliança", destacando suas vitórias, sem deixar de também abordar os efeitos da derrota, em termos de necessidade de remobilização. Mesmo não abandonando tais pressupostos, Montenegro chegava a destinar espaço para o estudo de poemetos jocosos que criticavam a estratégia brasileira naquele momento do confronto bélico, que se caracterizava pelo prolongamento, o qual provoca certo desgaste junto à opinião pública[21].

Um militar e um político foram os objetos de abordagem de outro artigo de tom personalizador publicado por José Arthur Montenegro. Eram eles Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, militar que participou de significativa parte dos embates bélicos internos e externos nos quais o Império Brasileiro esteve envolvido e João Lustosa da Cunha Paranaguá, o Visconde de Paranaguá, autoridade pública com expressão jurídica e política, à época Ministro da Guerra. O texto descrevia o ambiente do momento do confronto bélico entre Brasil e Paraguai, trazendo por destaque a escolha de Caxias por parte do gabinete para liderar as

[20] ALVES, 2026. p. 45.
[21] ALVES, 2020a. p. 39.

forças brasileiras, apesar das discrepâncias político-partidárias entre o militar, conservador, e a pasta dominante, liberal. O sentido geral era demonstrar que a causa pátria teria ficado acima das discordâncias e dos enfrentamentos partidários[22].

O cenário de outro escrito elaborado por Montenegro era a Batalha de Curuzu e o personagem enfatizado não era um oficial, e sim um soldado voluntário, tratando-se do sergipano Francisco Camerino de Azevedo, o qual lutou, foi ferido e morreu por ocasião da Guerra do Paraguai. O texto original denominou-se "Reminiscências da História Brasileira – a morte de um bravo" e foi publicado na *Revista Moderna*, sendo descrito como "um eco retrospectivo das mais brilhantes páginas das nossas glórias", redigido pelo "competente escritor militar J. Montenegro", que "firma com talento e estilo" este "artigo acompanhado de ilustrações da época"[23]. O título repetiu-se reduzido como "A morte de um bravo", no livro *Fragmentos históricos*. Conhecido como "Livre Caçador", Camerino de Azevedo foi outro personagem retratado como herói e mártir, por ter perecido em território inimigo em nome da "defesa da pátria"[24].

No texto intitulado "Valor indomável", outro soldado esteve em destaque na obra de José Arthur Montenegro. O mesmo foi denominado de "caboclo cearense" e se tratava de Alexandre Baraúna Mossoró. A

[22] ALVES, 2026. p. 54.
[23] MONTENEGRO, José Arthur. *Reminiscências da História Brasileira – a morte de um bravo*. In: *Revista Moderna*. Paris, a. 2, n. 24, ago. 1898, p. 771-772.
[24] ALVES, 2026. p. 62.

pauta era a campanha do Uruguai, envolvendo o cerco de Paissandu na República Oriental, com as forças imperiais apoiadas pelos *colorados* uruguaios, em ataque às tropas dos *blancos*, ocorrido entre o final de 1864 e o início de 1865. A ação militar do personagem era qualificada como de profunda coragem, chegando a ultrapassar a dor e o padecimento dos ferimentos, para não deixar de lado suas funções no ataque aos inimigos. A heroicização e a martirização mais uma vez se fizeram presentes no relato, uma vez que o militar em destaque também perdeu a vida no teatro das operações bélicas[25].

Com "A Piriquita", Arthur Montenegro enfatizava o papel da mulher no conflito da Tríplice Aliança, citando o exemplo de uma representante do sexo feminino que pegara em armas, lutando à altura dos companheiros. A partir de tal constatação, o autor chegava a expressar um "protesto solene ao preconceito social que empresta à mulher incapacidade para as grandes empresas". Nessa linha, afirmava que "a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos", nos casos de não "incutir o desânimo no soldado". Explicitava, entretanto, que o papel feminino deveria circunscrever-se a funções específicas, não necessariamente vinculadas diretamente às lides bélicas[26].

Dentre os vários artigos que compõem o livro *Fragmentos históricos*, pode ser destacado um caracterizado por uma certa diferenciação em relação aos demais. Em meio a maior parte dos textos que valorizava os "feitos" brasileiros na guerra, um deles,

[25] ALVES, 2026. p. 71-72.
[26] ALVES, 2020a. p. 39.

intitulado "Morte de espartano", buscava demarcar que a bravura também poderia ser uma característica atribuída aos soldados paraguaios. Tal perspectiva vinha bastante ao encontro da versão estabelecida pelo Brasil em relação à Guerra do Paraguai desde o seu início, quer seja, discursivamente localizando o adversário não no povo paraguaio e sim na "ditadura" de Lopez, abrindo a possibilidade de um elogio, no que seria um caso de demonstração de coragem de um soldado guarani[27].

"O tenente Vassimon" era o título de outro artigo de cunho biográfico escrito por J. Arthur Montenegro. A redação recaía sobre o 1º tenente Francisco Antônio de Vassimon, que nasceu no Rio de Janeiro, em 1835, vindo a desenvolver carreira na força armada, tornando-se aspirante a guarda-marinha, em 1851, guarda-marinha, em 1854, segundo-tenente, em 1857, e primeiro-tenente, em 1860. Foi morto em combate a bordo do Encouraçado Tamandaré, em 27 de março de 1866. O texto do escritor cearense/gaúcho se referia a um episódio do cerco de Paissandu, na campanha do Uruguai, no qual apresentava uma perspectiva da versão brasileira para aquele conflito e, ao final, ressaltava o papel de Vassimon na defesa da nacionalidade brasileira[28].

Em oposição ao intento de heroicizar os personagens brasileiros que participaram na Guerra do Paraguai, José Arthur Montenegro colaborou com o

[27] ALVES, Francisco das Neves. Estudos sobre a Guerra do Paraguai. In: ALVES, Francisco das Neves & TORRES, Luiz Henrique. *O Arquivo Montenegro e a Guerra do Paraguai: fragmentos históricos e fotográficos*. Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020c. p. 73.
[28] ALVES, 2026. p. 82.

projeto nacional da época do conflito voltado a buscar demonstrar que a luta não era contra o povo paraguaio e sim contra seu líder. De acordo com tal concepção, Solano Lopez tornava-se a encarnação do inimigo, estendendo-se a mesma apreciação a alguns daqueles que o cercavam. Nesse sentido, a esposa do líder guarani, Elisa Linch esteve na linha de frente como alvo de ataques e, Montenegro seguiu à risca tal premissa, não poupando adjetivações negativas e pejorativas para a britânica. Assim, o texto "Elisa Linch", publicado no livro *Fragmentos históricos* foi primoroso em desqualificativos atribuídos direta ou indiretamente à personagem, imputando-lhe práticas como a infidelidade, a devassidão, a desvirtuação, a deslealdade e a ambição desmedida[29].

Já em "A passagem de Humaitá", Montenegro apresentava uma versão para os fatos que cercaram tal evento, descrevendo-os minuciosamente e comparando-os com uma representação artística que os tinha retratado. Tratava-se de um quadro de autoria do pintor histórico e de marinhas italiano Eduardo de Martino, que servira ao Império, reproduzindo várias cenas da Guerra da Tríplice Aliança. Esteve presente na cidade do Rio Grande, onde vendeu alguma de suas obras, sendo que uma delas, em poder da municipalidade, foi avariada por imperícia, havendo a necessidade de sua restauração, com inauguração marcada por solenidade para a qual Montenegro preparou o texto em pauta, realizando um "resumo histórico" acerca dos acontecimentos que cercavam a representação imagética. Ainda que reconhecendo uma carga de heroicidade em

[29] ALVES, 2020b. p. 87-88.

torno do evento, o escritor chegava a chamar a atenção para o fato de que o mesmo "vai com os anos se transformando em exagerada lenda, com grave prejuízo da verdade histórica". Diante disso, ele relatava que "a verdade é esta" e "o mais que se conta é lenda" [30].

Os estudos biográficos de Montenegro também recaíram sobre o almirante Tamandaré, militar que serviu na marinha e participou de vários enfrentamentos bélicos da armada, desde a guerra da independência, passando pelas rebeliões provinciais e chegando às questões platinas. A origem do texto era uma carta enviada à redação do jornal rio-grandino *Diário do Rio Grande* que a publicou, como uma homenagem póstuma ao almirante, logo após a sua morte. Posteriormente foi publicado pela *Revista da Academia Cearense*[31] e pelo *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul*[32] e, finalmente, no livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*. Sob o título "O Marquês de Tamandaré", todas as versões apresentavam poucas alterações entre si. Apesar da participação de Tamandaré nas tantas guerras nas quais o Brasil envolveu-se, inclusive a do Paraguai, Montenegro não seguiu a sua predileção com a narrativa predominante dos eventos bélico-militares. Ao realizar o elogio fúnebre, o escritor optou por abordar um microcosmo da ação do

[30] ALVES, 2020a. p. 39.

[31] MONTENEGRO, José Arthur. O Marquês de Tamandaré. In: *Revista da Academia Cearense*. Fortaleza: Tipografia Studart, 1897, t. 2, p. 181-188.

[32] MONTENEGRO, José Arthur. O Marquês de Tamandaré. In: *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899*. Rio Grande: Livraria Americana, 1898. p. 83-90.

almirante, no caso sua atuação em salvamentos marítimos, ao passo que o fio condutor da descrição era o motivo da escolha do nome que lhe foi atribuído ao ingressar na nobreza imperial[33].

O escritor e pesquisador José Arthur Montenegro se mesclava com o colecionador, revelando que seu interesse acerca da Guerra do Paraguai ia além dos registros textuais e fotográficos, uma vez que chegava a buscar reunir peças que fizeram parte do confronto bélico. Foi o caso do episódio narrado em "Uma bala histórica", publicado inicialmente na revista argentina *Album de la Guerra del Paraguay*[34], para depois ser incorporado ao livro *Fragmentos históricos*. O personagem ressaltado era o Barão do Triunfo, título do militar gaúcho José Joaquim de Andrade Neves, que participou da Revolução Farroupilha – ao lado dos legalistas –, da Guerra contra Oribe e Rosas e, na Guerra da Tríplice Aliança, das campanhas do Uruguai e do Paraguai. Esse general pereceu nos confrontos do Paraguai, já na fase final do enfrentamento bélico, e Montenegro dissertava sobre o projétil que levou à morte daquele que denominava de "legendário" combatente e "bravo dos bravos", refletindo ao longo do texto sobre o esforço de guerra dos paraguaios e o papel de mais um dos "mártires heroicos" brasileiros[35].

A outra personificação do inimigo manifesta nos textos de natureza biográfica da lavra de Arthur

[33] ALVES, 2026. p. 90.
[34] MONTENEGRO, José Arthur. Una bala historica. In: *Album de la Guerra del Paraguay*. Buenos Aires: Associação Guerreiros do Paraguai, 1895, tomo 2, entrega 40, p. 246-248.
[35] ALVES, 2026. p. 100.

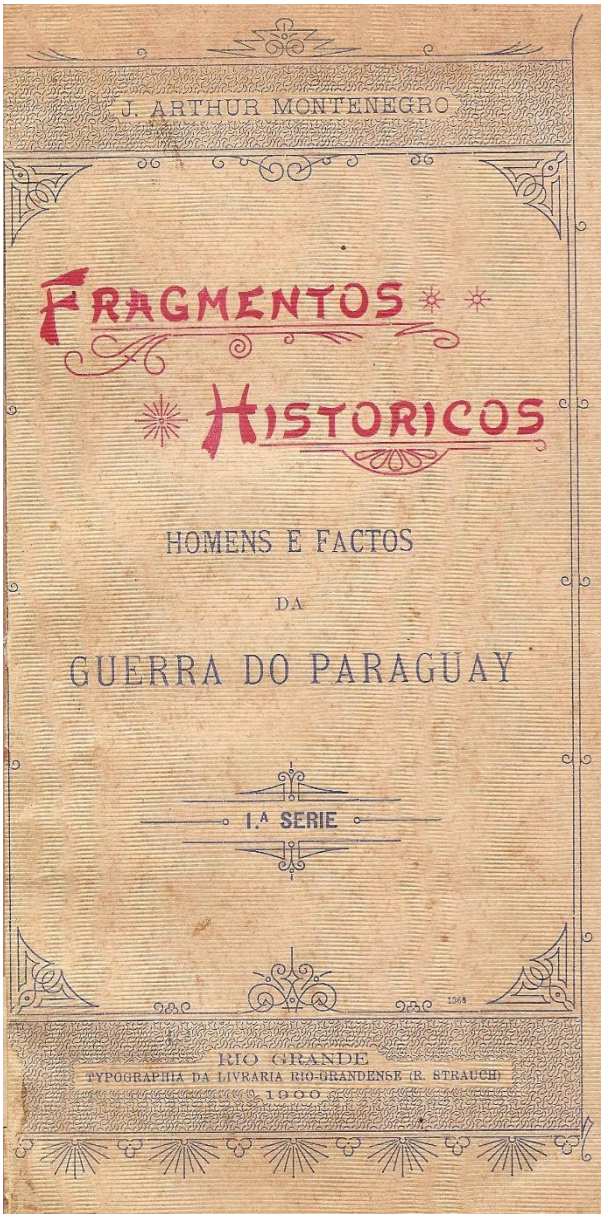
Montenegro foi o líder paraguaio Solano Lopez. Seguindo a versão brasileira construída acerca das causas do conflito, o escritor enxergava nas ações de Lopez a prática de uma cruel ditadura e a execução de uma ambição desmedida, lançada em direção a abiscoitar, pela força, fatias dos territórios dos vizinhos sul-americanos. As "maldades" do presidente guarani foram expressas mais amiúde por Montenegro no "Proêmio" que escreveu para o livro *Guerra do Paraguai – memórias de Mme. Dorothéa Duprat de Lassere*, ao passo que no texto "O marechal Solano Lopez", publicado na obra *Fragmentos históricos*, em tom até certo ponto jocoso, o personagem era ridicularizado, sendo-lhe negados dotes de inteligência e, por consequência, imputando-lhe a incapacidade governativa[36].

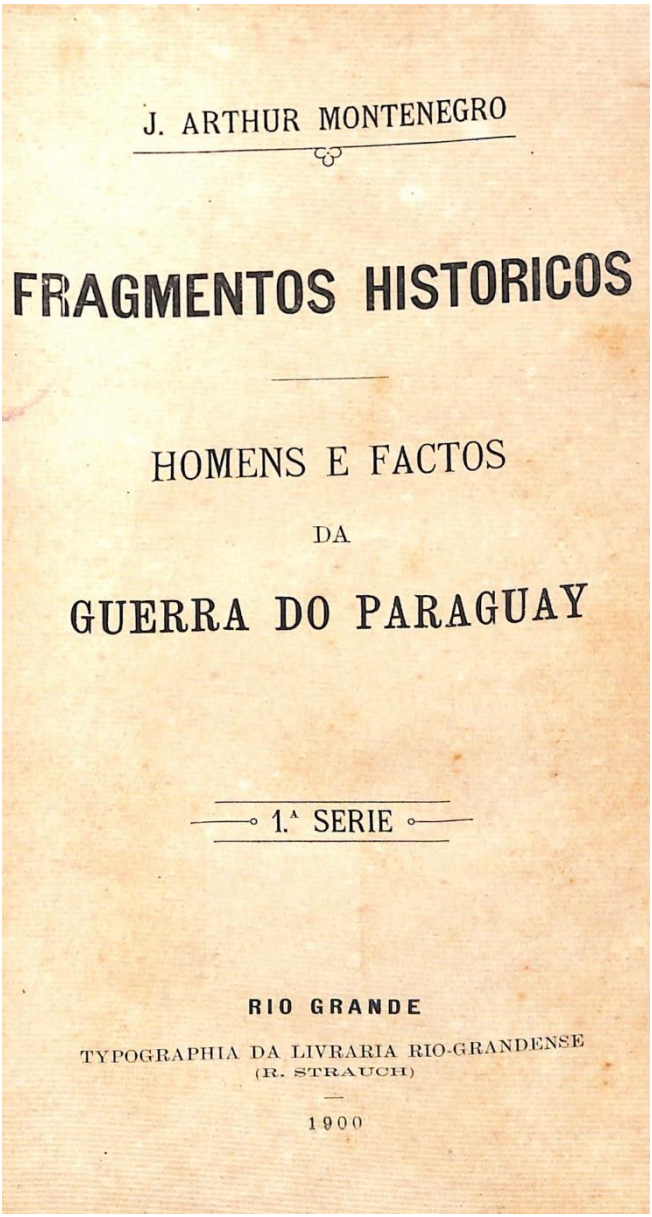
O artigo "Hospital flutuante" tinha por objetivo desmentir as versões de que a primazia dessa prática cabia a uma recente experiência colocada em prática pela marinha norte-americana, localizando que tal ação precursora era da armada brasileira à época da Guerra do Paraguai. Nessa linha, concluía que aquilo era o que poderia "dizer, de momento, sobre os nossos hospitais flutuantes"[37]. Ao final do livro *Fragmentos históricos – homens e fatos da Guerra do Paraguai*, José Arthur Montenegro ainda publicou um "Apêndice" intitulado "Assuntos militares", que trazia réplicas e tréplicas quanto a uma crítica que recebera em artigo publicado por outro militar junto à imprensa. Como o tema central do texto não era a Guerra do Paraguai, tal segmento do livro não foi destacado nesta publicação.

[36] ALVES, 2020b. p. 97-98.
[37] ALVES, 2020b. p. 40.

Tais textos bem servem para demonstrar o afinco que José Arthur Montenegro tinha para com seu primordial objeto de estudo. Reunir documentos e escrever sobre a Guerra da Tríplice Aliança tornou-se uma verdadeira missão de vida do escritor e *Fragmentos históricos: homens e fatos da Guerra do Paraguai*, ainda que uma obra introdutória, bem demonstrava os intentos do historiador"[38], os quais só foram interrompidos pelo seu falecimento. A maior parte do conjunto de sua obra permaneceu na forma de manuscritos, restando aquele pequeno impresso de maneira que revelava seu próprio título – Fragmentos históricos – o qual dava uma ideia acerca das propostas do autor, encontrando-se o seu conteúdo a seguir reproduzido.

[38] ALVES, 2020a. p. 40-41.


J. ARTHUR MONTENEGRO
FRAGMENTOS
HISTORICOS
HOMENS E FACTOS
DA
GUERRA DO PARAGUAY
I.ª SERIE
RIO GRANDE
TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA RIO-GRANDENSE (R. STRAUCH)
1900



J. ARTHUR MONTENEGRO

FRAGMENTOS HISTORICOS

HOMENS E FACTOS

DA

GUERRA DO PARAGUAY

1.ª SERIE

RIO GRANDE

TYPOGRAPHIA DA LIVRARIA RIO-GRANDENSE
(R. STRAUCH)

1900

A EPOPÉA PARAGUAYA (1)

(Carta aberta ao Dr. Pedro Osorio)

«Parece-me que esse pequeno povo bloqueado pela marinha alliada desde o começo da luta até o fim, absolutamente reduzido aos seus proprios recursos, apresentando-se em campo um contra dois, fazendo tres nações estacaram irresolutas durante mezes e mezes, quando tinham á sua disposição todos os portos do mundo, — parece-me que esse povo devia mereeer da parte dos historiadores mais justiça, sem que por isso o amor proprio dos adversarios se julgasse offendido.»
(Carta do Dr. Pedro Osorio ao autor. — Bagé, 8 de Julho de 1896)

Tem razão, meu amigo. em exaltar o valor desse povo original, que, batido pelo numero, esmagado pela força bruta do canhão alliado, soube salvar a honra, lutando até a ultima trincheira levantada á margem desse historico rio Taquaras que assignala no coração da America do Sul pungente interrogação ao futuro... e Cerro Corá será antes um monumento levantado á bravura, ao patriotismo e á fidelidade paraguaya, que um labéo lançado pela historia á degradação moral do povo.

Penso assim e si me fôr permettida a ventura de concluir o livro que elaboro sobre essa campanha, verá, meu bom amigo, que faço inteira justiça a esse povo heroico que extinguio-se quasi, defendendo com rara abnegação o sólo patrio.

E esses restos do grande exercito, ultimos veteranos daquelles 80.000 homens sob cujas baionetas devia erguer-se um imperio, podiam repetir em Aquidaban as memoraveis palavras de Francisco I em Pavia:

Perdeu-se tudo, menos a honra!

* * *

Os repetidos desastres soffridos pelas armas paraguayas, têm sua explicação em *causas* moraes e mate-

(1) Publicado, em Pelotas, no «Correio Mercantil» de 19 de Julho de 1896.

riaes. Nestas, poderosamente influio a antiquada organisação tactica do exercito que não correspondia então ás exigencias da guerra moderna; ao pessimo e variado armamento que possuia e, finalmente, a extrema ignorancia de seus bravos generaes e chefes superiores, guindados ás culminancias do mando, não pelo merito real, mas pelo capricho do Marechal Solano Lopez.

Para demonstrar ligeiramente o primeiro ponto, basta dizer que a infantaria, principal arma do campo de batalha, seguia a antiga ordenança hespanhola, dividindo-se em tres classes *a mesma unidade administrativa e de combate*, isto é, em cada batalhão de 800 a 1000 homens, as duas companhias da frente éram de *caçadores*, as quatro do centro de *fuzileiros* e as duas ultimas de *granadeiros*.

Afiguro-se, meu amigo que, pela ordenança antiga, cada uma dessas classes deviam operar em terreno apropiado á sua especialidade; por exemplo: em logar accidentado ou coberto de matto carrasquenho, *os caçadores de todos os corpos*, compostos dos homens mais baixos e ageis, eram lançados para a frente a engajar o combate (1); os *fuzileiros* empenhavam-se quando o inimigo manobrava em planicies ou se pronunciava em derrota, aos *granadeiros* — reserva geral — competia vibrar o ultimo golpe: éra o exercito de Xerxes esperando a sahida do sól...

No caso de victoria tudo marchava bem, como se vio em Corrales e no Estero Ballaco nas primeiras

---

(1) A nossa actual tactica de combate arremeda esse systema com os taes «atiradores» e seu cortejo de «reforço» e «apoio»; ordem imprestavel para as campanhas da America do Sul, onde por muito tempo ainda a cavallaria terá acção decisiva no campo de batalha.

Os allemães só a empregaram uma vez, no principio da guerra com a França e bem caro pagaram o ensaio.

A 6 de Agosto de 1870, em Saarbrücken, a 5.ª divisão prussiana perdeu em dez minutos 1600 homens cortados á espada pelos dezeseis esquadrões da divisão Frossard.

Entre nós temos um exemplo recente: No combate de Passo Fundo os gaúchos de Prestes Guimarães espatifaram o valente e infeliz 30.º de infantaria sorprehendido nessa formatura.

Esse facto bem devia influir para que fosse banida de nossa ordenança semelhante pratica — como ordem inicial de combate —, porque nos pode accarretar tremendo desastre em campanha regular.

O emprego de «atiradores» devia ser restringido a operações especiaes e o futuro dirá se tenho razão.

A nota acima provocou pela imprensa a discussão que inclui no—*Appendice*—deste livro e para a qual chamo a attenção do leitor.

horas do dia; mas pronunciando-se a derrota, tudo éra confusão: jámais essas companhias destacadas em pontos differentes podiam se reunir a seus corpos e, na retirada em massa, sem norte, accósados pela baioneta ou pela metralha, estabeleciam a desordem nas reservas; d'ahi o sacrificio immenso de vidas que seguia-se a cada acção, porque soldado sem formatura regular, embora valente e disciplinado, torna impossivel qualquer resistencia.

Esse defeito tactico foi o preludio da dèrrota de Tuyoty que a bravura dos alliados transformou em tremendo desastre.

Nesse dia, em que o nome do *legendario gaúcho* vôou à immortalidade, trinta e dois mil alliados foram aggredidos por vinte e quatro mil paraguayos; a nossa superioridade numerica, porem, não teve acção decisiva no resultado da luta, por que apenas 23.000 a 24.000 homens combateram realmente; muitos corpos não tiveram occasião de queimar uma escórva, outros se limitaram ápoiar a primeira e segunda linha de batalha. O numero, portanto, contrabalançou-se e só podemos resistir com vantagem a primeira e formidavel investida do inimigo, desapercebidos como estavamos, devido á ordem de castramentação que adoptára Osorio, acampando o exercito em tres linhas paralellas.

Dezeseis batalhões brasileiros e todo o Segundo Corpo de Exercito Argentino ficaram de reserva e no entanto o inimigo perdeu 13.000 homens de suas melhores tropas!

A derrota se pronunciou nas fileiras paraguayas precisamente ás 12 horas do dia, quando a cavallaria de Resquin, metralhada de frente e flanco pela artilharia Mallet, recuou desordenada sobre as columnas de infantaria que acabavam de transpor extenso e profundo banhado e no mesmo momento em que Osorio á frente da divisão Argollo reforçava o flanco defendido pelo general Antonio de Sampaio dos ataques impetuosos do general Eduviges Diaz.

A infantaria na frente da vanguarda, desembaraçada de seus ginetes, ainda avançou impulsionada sómente pela bravura individual, mas já tacticamente desorganisada; a 3.ª e 5.ª divisões completaram no flanco esquerdo a derrota do inimigo.

Não houve um só batalhão paraguayo que carregasse *em ordem unida*; éram companhias destacadas que se atiravam loucamente sem communhão de esforços, sem determinado objectivo, contra a triplice linha de

baionetas alliadas que por todos os lados offereciam á mesma potencia defensiva.

Tres vezes atacaram os paraguayos, quatro columnas operaram, mas foram esforços isolados que se esterilisaram ante a cohesão dos alliados.

Riachuelo e Tuyoty foram tremendos desastres que inclinaram decisivamente a victoria para a causa da alliança: nesta perdeu o Marechal a flor do seu exercito, naquella vio aniquilada a sua marinha de guerra; no entanto a nossa inferioridade era patente n'uma e n'outra acção e todas as vantagens da aggressão e da sorpreza eram dos contrarios; mas em suas fileiras imperava pratica carunchosa exigindo formalidades extultas que o canhão da alliança vantajosamente dispensou, aniquilando aquelle arrojo inconsiderado, cego, violento que caracterisou o soldado paraguayo nessa luta de cinco longos annos.

Em Riachuelo, vemos o plano de batalha profundamente alterado pelo incidente do *Iberá* nas Tres Boccas: Pedro Meza, devendo atacar pela madrugada, só se apresentou ás 11 horas da manhã diante da esquadrilha de Barroso, perdendo assim as vantagens que lhe dariam a sorpreza e a abordagem no escuro da noite.

O velho chefe paraguayo perdeu a serenidade ante a atrevida resolução de Barroso que o foi atacar nas posições vantajosas que escolhera; nenhuma manobra ordenou para engajar a luta: nos galopes da capitanea paraguaya nenhum signal se desfraldou para indicar acção de cada navio e sómente á superioridade da marcha de seus barcos, ao seu pouco calado e consequente facilidade de evoluções sobre baixios de estreitos e tortuosos canaes, poude lutar com vantagem durante algum tempo: limitou a sua unica manobra tactica em cortar a linha brazileira na altura do penultimo navio, abordando com tres canhoneiras a historica *Parnahyba*.

O grave ferimento que recebera, obrigando-o a passar o commando ao valente Robles, o qual, dirigindo abordagem, não poude mais assignalar evolução alguma aos navios que combatiam em grupos isolados, permittio a *manobra de ariete* audazmente iniciada pelo talhamar do *Amazonas*, cobrindo assim de louros a fronte veneranda de Barroso, que se vio imitado um anno depois, em Lissa, pelo almirante Tegethof com o esporão do *Ferdinand Max*. (1)

(1) Barroso, mettendo a pique os navios paraguayos a golpes de talha-mar, não inventou a theoria do ariete que

Em Tuyoty se nota a mesma ausencia de cohesão no ataque dividido o exercito em quatro columnas, que deviam avançar pelas alas. frente e retaguarda dos alliados. vemos a mesma falta de simultaneidade no conjuncto da operação e cada general atacando, não no momento combinado, mas quando desembaraçaram a sua frente na planicie; Resquin atira a cavallaria nos banhados da frente da artilharia Mallet, Marcó obrigado e mudar de direcção para apoiar a divisão Diaz valentemente combatida pela divisão Sampaio, e Barrios só desembocando no Potreiro Pires ás 3 horas da tarde,— tudo isso junto aos incidentes varios que sobrevem no meio da acção, fizeram perder todas as probabilidades de triumpho para as armas paraguayas.

* * * *

Parece que no espirito do Marechal Solano Lopez se arraigou a ideia de vencer o Brazil só pelo numero, pela força bruta das grandes massas armadas.

Sabia que o Imperio não tinha exercito e que os poucos soldados que mantinha em armas operavam na Republica do Uruguay contra os *blancos*, seus alliados; se lembrava talvez da campanha de 1827 em que difficuldades internas obrigaram ao primeiro Imperador ácceitar uma paz pouco honrosa, depois de uma luta em que os exercitos belligerantes deram o singular espectaculo de fugir um do outro após um encontro em que reconheceram a impossibilidade de sahir um

---

constituio posteriormente, como hoje o torpedo, o supremo argumento das batalhas maritimas.

Nihil novi sub sole.

Quatrocentos e oitenta annos antes de Christo, na batalha de Salamina, o grego Themistocles **empregou pela primeira vez** esporões de bronze contra os navios do persa Ariamenes.

O «invento» se conservou esquecido 2.345 annos. E' de presumir, porém, que Barroso, saccudido por fortissima emoção em meio de batalha, não tivesse calma bastante para se lembrar de gregos e persas se degladiando nas costas da Attica junto á lendaria ilha Coluri... é mais racional suppôr que a manobra da «Amazonas», em Riachuelo, fosse inspiração do momento e nunca imitação de um **principio** tactico mais velho que a christandade.

Barroso tinha nervos como outro qualquer: não é possivel que um individuo, sópezando os destinos da Patria no fragor de uma batalha, no momento em que procura arrancar a victoria do adversario, possa recordar factos escondidos na historia pelas brumas espessimas do vinte e tres seculos...

O **ariete moderno** derivou-se portanto da manobra da fragata «Amazonas»: a gloria é de Barroso.

vencedor e outro vencido. E nesta crença deu o golpe sobre Matto Grosso e depois dirigio suas tropas para o Rio Grande do Sul, esquecido de que começava a campanha com gravissimo erro estrategico e que o Imperio estava consolidado, tendo á sua frente um monarcha da estatura moral de D. Pedro II.

* * *

No quartel general paraguayo predominou a astucia do selvagem para a guerra de emboscadas, de sorprezas, de ciladas; no rancho-palacio de Passo-Pocú não existio a acção inteligente da sciencia militar para as operações estrategicas.(1) Imperou estulta vaidade de improvisado general, em cujas mãos poder discricionario, amplo, sem limite algum nas leis divinas ou humanas, produzio esse phenomeno social de um povo inteiro subjugar-se com extrema dedicação a uma só vontade...

Ao espirito sagaz do Marechal Solano Lopes escaparam os ensinamentos das campanhas navaes de Nelson e continentaes de Napoleão, em que os adversarios afferrados a preconceitos tacticos, seguindo *systemas* mais ou menos bem combinados, consagrados em leis e regulamentos especiaes, soffreram tremendos desastres, sem coragem de romper com essas praticas antiquadas, a cujo *exacto comprimento* attribuiam uma ou outra victoria obtida a caro custo, como si na guerra podessem ser immutaveis os sucessos e previstos todos os casos em regulamentos militares.

Singular espectaculo, na verdade, apresentou o Marechal Solano Lopez com *o seu modo* de fazer a guerra, com essa mistura de principios que applicou ás operações: alliou á ordenança hespanhola do tempo

(1) Ao iniciar a campanha o exercito brasileiro se achou no sólo paraguayo nas mesmas condições das tropas inglezas no sul da Africa diante dos boers.

Como os inglezes, tambem iamos fazer guerra scientifica, baseada em principios tactico-estrategicos, segundo o uso corrente. Antes, porém, de passarmos o Paraná, os combates da margem esquerda avisaram de que a guerra alli seria guerra de indios, guerra á americana — de chatas contra couraçados, de abordagens, de sorprezas, de ciladas, luta corpo a corpo, em que a coragem individual quasi sempre decidia...

Os generaes brazileiros tiveram extrema difficuldade em se amoldar áquelles «costumes» desconhecidos do mundo civilisado: aprenderam debaixo de fogo. D'ahi a extrema lentidão das operações e a explicação do caracter singular que apresentou o conjuncto dos successos.

de Francia á tactica dos indigenas do Chaco. E o exercito paraguayo, a despeito de sua ingente bravura, de sua não igualhada obediencia, foi sacrificado á ignorancia de seu chefe, que se arvorou em general quando militarmente era incapaz de bem discernir um plano de campanha; prova o systema que seguio, até a passagem do Paraná, de operar em *columnas destacadas* contra o inimigo que manobrava na *ordem profunda*, ordem esta preconisada pelos tacticos de todos os tempos e tão habilmente aproveitada pelo general Bonaparte na sua admiravel campanha de 1800, e hoje seguida em todos os exercitos modernos, como nos dá frisantes exemplos a guerra de sessecção nos Estados Unidos, a do Holstein e a da França em 1870.

Caro custou o seu erro e os alliados começaram a guerra destruindo em Yatahy e Uruguayana as duas columnas, a flor do seu exercito, que elle atirou isoladas no valle do Uruguay.

O Marechal Marmont diz com razão:

... «Entre dois exercitos, cuja força, estado moral, sejam identicos, as probabilidades são iguaes. Para tornal-as favoraveis, porém, combina-se movimentos estrategicos de maneira que o inimigo, enganado no objectivo da campanha, divida as suas forças. Então o general mais habil reune rapidamente suas forças, ataca o adversario e a superioridade numerica que soube adquirir, facilita em grande parte a victoria.

«A superioridade numerica no momento do combate, é de extrema importancia: verdade é que a qualidade das tropas deve merecer mais consideração que o numero, porém, no estado actual dos exercitos o numero e o conjuncto dos meios concorrem poderosamente para a victoria.» (1)

Taes principios eram conhecidos pelo Marechal Lopez (2); entretanto quem conhece os successos dessa

---

(1) Vid. Marmont — De l'Esprit des Institutions Militaires.

(2) A obra de Marmont foi mandada traduzir pelo Marechal Lopez e profusamente distribuida no exercito. Encarregou-se da traducção o tenente Gregorio Benitez que tão saliente papel representou nesta guerra e foi impressa em Besançon em 1863.

Attribuo á influencia dessa obra uma parte dos desastres soffridos pelos paraguayos, porque taes doutrinas concorreram para perturbar ainda mais o espirito de individuos sem nenhum preparo, que agiam n'um verdadeiro cáos de «cousas militares».

Durante essa guerra só conheço uma manobra verdadeiramente tactica empregada pelos paraguayos n'um campo de batalha. Foi quando o general Cabalero em Campo Grande (16

guerra sabe que tudo foi feito em sentido contrario, com excepção de dois unicos ataques em que empregou elementos respeitaveis, obedecendo a um plano verdadeiramente estrategico — Riachuelo e Tuyoty, cuja victoria em qualquer delles o faria senhor da situação; tudo mais que emprehendeu foi cercado de erros gravissimos que se provam com as consequentes derrotas, quando é certo que no principio da luta todas as vantagens eram suas.

Outro erro de caracter estrategico, pesando tambem no resultado do tremendo prelio, foi commettido pelo marechal dictador, além dos já apontados: a guerra de posições, a guerra de fortaleza, immobolisando o magnifico exercito que extinguio-se em sortidas estereis, que talvez decidisse a sorte da guerra n'uma só batalha campal, em 16 ou 17 de Abril de 1866, quando o general Osorio affrontou-o com 10.000 homens apenas, tendo na retaguarda o caudaloso Paraná.

Não é sem muita razão que o contr'almirante Fincati (1) diz que aquelle principio verdadeiramente fundamental foi o segredo de Annibal, de Cezar e de Bonaparte em suas admiraveis campanhas e será a primeira condição da victoria, quer os homens empreguem a elasticidade das catapultas, quer utilisem a expansão dos gazes nas carabinas e canhões.

Foram essas, meu amigo, as principaes causas que no meu entender influiram para o exterminio do maior exercito que tem visto a America do Sul — exercito aguerrido, disciplinado, obediente como nenhum outro no mundo, capaz dos mais alevantados feitos, mas felizmente para a nossa Patria e para a humanidade, guiado por um empyrico.

---

de Agosto de 1869), atacado de flanco, operou audaz mudança de frente, debaixo de fogo, com a qual sahiria vencedor si commandasse tropas cujo moral não estivesse tão abatido por uma serie ininterrupta de desastres.

Mudando rapidamente a artilharia do flanco esquerdo para reforçar o direito, negou aquella ala ao ataque de frente que lhe levava os brazileiros, e ás 3 horas conseguio estabelecer a linha de batalha na perpendicular de sua primitiva posição, para abrigar-se nos barrancos do arroio Juquery, do outro lado do qual já se achavam suas carretas de bagagem e munições.

E a situação tornou-se tão critica que o genera lbrasileiro **desempainhou a espada** para guiar as columnas de ataque, atirando-se no meio da refrega, provocando o episodio que Pedro Americo immortalisou n'uma tela primorosa.

(1) Fincati — «Aphorismos Militares».

OS COMBATES DO CHACO

(Carta aberta ao Tenente-Coronel Dr. Rodolpho Brasil.(1)

Peço-vos, meu caro amigo, o especial obsequio de enviar-me uma narrativa epistolar dos acontecimentos do Chaco, na Campanha do Paraguay, salientando os combates em que tomaram parte o Sr. Marechal Frota então major, e o meu amigo Coronel Marceano de Magalhães, então tenente de artilharia.

Trata-se de esclarecer uma duvida suscitada entre ambos, e o Coronel Marceano, por meu intermedio, appella para a vossa esclarecida e autorisada opinião.

(Carta do Dr. Rodolpho Brasil ao autor, Porto Alegre 10 de Agosto de 1896.)

As operações militares realisadas no Chaco, revestiram-se da mais alta importancia, não só pelos ensinamentos que nos trouxe a tactica empregada naquelles singulares combates de escaleres e canôas, no ultimo periodo daquelle drama pavoroso, de que não ha exemplo na historia militar de todos os tempos, como pelas vantagens estrategicas colhidas no principio com o fechamento completo do sitio posto ao quadrilatero paraguayo, que nos deu a posse immediata da grande fortaleza de Humaytá, pouco depois transformada em nossa base accidental de operações contra as novas linhas de Pikiciry.

A occupação do promontorio fronteiro a Humaytá, começou no dia 1.º de Maio de 1868 com o desembarque alli, no Anday, da divisão argentina do Coronel Ignacio Rivas e no Yaussy da brigada brasileira do Coronel João de Barros Falcão; e terminou pela rendição da guarnição da fortalesa, a 5 de Agosto seguinte, na Isla-Poi, dando-se repetidos e sangrentos combates nesses 96 dias de fogo continuo, em que a guerra peculiar á America do Sul desenvolveu a sua extraordinaria fecundidade no invento dos meios de acção, no imprevisto dos successos, tomando cada combate feição propria, singularmente caracteristica, jámais empregados em outras campanhas.

(1) Publicado, em Pelotas, no «Correio Mercantil» de 3 de Setembro de 1896.

A magnitude do assumpto exige grande desenvolvimento, longas explicações para tornal-o ao alcance dos que não conhecem os detalhes dessa campanha, o que não posso fazer neste momento em que tenho a saude profundamente alterada.

Cumpre accrescentar que todo o IV volume de minha obra sobre a Campanha do Paraguay *(Cerco do Quadrilatero)* exige ainda muito retoque, muita *lima* para que se possa extrahir copia da parte correspondente aos successos do Chaco.

Entretanto, para demonstrar boa vontade em cumprir ordem tão lisongeira, farei rapida analyse dos serviços prestados pelo Major Falcão da Frota e tenente Botelho de Magalhães no combate do dia 2 de Maio de 1868, que, a meu ver, revestiram-se de muita importancia em consequencia do perfeito conhecimento profissional revellado no emprego opportuno da *especialidade* de cada um delles, ante a ousada e perigosa posição que nesse dia occupára a brigada Barros Falcão — em terreno completamente desconhecido, crivado de mattas e entre estas boqueirões, lagoas, e banhados, onde a cada passo um punhado de homens decididos podia desbaratar uma forte columna.(1)

Principiarei pelo tenente Marceano Botelho de Magalhães.

* * *

No momento do desembarque da brigada do Coronel João de Barros Falcão, emquanto algumas companhias dos 1.º, 3.º e 8.º de infantaria ajudadas pela bateria allemã (2), desalojavam os paraguayos que se

---

(1) Leonidas não teve privilegio para o feito homerico das Termopylas. Os annaes militares registram muitas resistencias heroicas em passagens estreitas.

Entre outras, me occorre a defeza do desfiladeiro de Sapucahy, na Cordilheira, onde o general Cabalero repelliu o ataque do general João Manoel que dispunha de forças muito superiores (8 de Junho de 1869).

Recentemente, em Maio de 1882, o capitão Szmrecsanzi com a 18.ª companhia do regimento imperial de engenheiros, defendeu valorosamente o desfiladeiro de Kan, na Crivoscia, atacado por numerosas tropas da rebellião dalmata.

Nestes dois feitos os defensores impediram totalmente a realisação do objectivo das forças atacantes.

(2) Essa bateria foi organisada em S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul, com voluntarios «teuto-brazileiros».

tinham entrincheirado na matta fronteira e em fóssos que previamente construiram, o Tenente-Coronel Tiburcio de Souza recebia ordem de proteger o desembarque do resto da columna e limpar os flancos da posição dos piquetes inimigos.

Tiburcio, que tinha indole verdadeiramente guerreira(1), estendeu a ala esquerda do 16.º de infantaria com a frente para o sul e conduzio em pessoa a ala direita na direcção do norte para os lados do Timbó, onde a abra da matta indicava o caminho de retirada do inimigo. Ahi empenhou-se em sério recontro com a columna do Major Orzuza que avançou celere com o visivel intento de lhe cortar a retirada e reconquistar a posição de Yuassy.

Nesse momento em que o 16.º media-se com forças muito superiores, o capitão Amphrisio Fialho (2), commandante da bateria allemã, se apresenta com um canhão, chegando a tempo de metralhar o inimigo a 50 passos de distancia, obrigando-o a recuar promptamente tangido pelo effeito inesperado das lanternetas.

Ao tenente Marceano de Magalhães competia marchar para o flanco ameaçado com o canhão que funccionou tão a proposito.

O commandante da bateria não podia abandonal-a para ir tão distante levar o auxilio de pequena fracção de sua força, deixando ao seu immediato a direcção de maior numero de boccas de fogo aonde o combate era mais renhido. Essa infracção do regulamento (e da hermeneutica — porque a lei suppõe o superior como mais habil e com mais conhecimentos) propositalmente commettida pelo capitão Amphrisio, como elle confessa em suas *Memorias*, deu ensejo, entretanto, para o tenente Marceano de Magalhães provar ao exercito que já era digno de um commando isolado.

O capitão Amphrisio Fialho, gravemente ferido nessa occasião, teve de entregar o commando ao 1.º te-

---

(1) Phrases do meu amigo Visconde de Taunay em carta que me dirigiu em 14 de Julho de 1896, e accrescenta: — Era de valor militar inexcedivel e de vastissima intelligencia, inclinada um tanto á emphase. Os successos não o ajudaram e estou certo que se vivesse em epochas de crise social e de conturbação, teria representado papel em extremo saliente e decisivo.

(2) Falleceu a 3 de Abril de 1896, em Montevidéo. Agitadissima a vida desse official em consequencia de desmedida ambição que foi seu traço caracteristico. Deixou umas memorias — **Meio Seculo de Recordações** — onde teve a franqueza de dizer a verdade núa e crúa.

Concluida a construcção do reducto, e sómente protegido pela companhia do capitão Castello Branco, explorou ao rumo de N O a parte septentrional da Laguna-Verá, poucos dias depois theatro de sangrentos combates entre a nossa flotilha de escaleres e as canôas paraguayas — e todo o terreno adjacente até encontrar a direcção do caminho que se necessitava para operar a juncção das duas columnas — brasileira e argentina — que realisou-se na tarde de 3 de Maio, depois de penosos trabalhos de aberturas de picadas nas mattas virgens do Gran-Chaco, em que o cerrado entrelaçamento de cipós, grossos, vigorosos, dirigidos em todos sentidos, attestava a extrema fereza daquella opulenta vegetação.

Ainda depois de reunidas as duas columnas, fortificou o campo argentino, considerado mais estrategico para as operações que os alliados iam emprehender e destruio o primeiro entrincheiramento, abandonado no dia 2.

Durante os sangrentos successos que se desenrolaram nos pantanos do Gran-Chaco, em frente ao baluarte paraguayo, esses dois officiaes tiveram occasião de prestar assignalados serviços, mas nenhum revestio-se do valor dos que acabo de mencionar ligeiramente e quasi de memoria.

No entanto posso estar em erro, porque são nullos os meus conhecimentos em assumptos tão elevados que exigem estudos bem complexos, mas avanço áffirmar que sem o effeito da artilharia tão prompto e decisivo, sem o concurso das trincheiras e reductos que promptamente abrigaram os nossos infantes cansados por uma luta de nove horas, outro teria sido o resultado da audaciosa expedição levada a effeito pelo Coronel João de Barros Falcão.

« . . . Agradeço-vos o especial obsequio que me fizestes, enviando-me a luminosa resposta aos quesitos que vos formulei em minha primeira carta, a proposito de uma questão historica entre os Srs. Frota e Marceano de Magalhães.

« O meu amigo, Coronel Marceano, ficou contentissimo com a solução esplendida que déstes á amistosa contenda: encarregueí-o de mostrar o vosso julgamento como arbitro competentissimo ao Sr. Marechal Falcão da Frota.

Rodolpho Brasil.»

O CORONEL AMARAL FERRADOR

I

Commandava em chefe os exercitos alliados o Marechal Marquez de Caxias.

Revestido de poderes extraordinarios que jámais foram conferidos a outro general brasileiro, Caxias era o verdadeiro soberano daquelles 50.000 homens estendidos em volta do quadrilatero paraguayo.

Tinha á suas ordens a mais poderosa esquadra que até então sulcára as aguas do Prata, Paraná e Paraguay. O thesouro militar estava a sua desposição e a nenhum limite ficavam sujeitas as despesas que entendesse realisar. Tinha a faculdade de promover até o posto de coronel e o accésso ao generalato dependia exclusivamente de sua informação....

Podia alterar. como entendesse, todas as disposições regulamentares e da legislação militar, si assim conviesse a boa marcha de guerra e fosse exigida pela tremenda responsabilidade que pesava sobre seus hombros.

As sentenças de pena ultima pronuncidas pelos conselhos de guerra e confirmadas pelas Juntas de Justiça Militar, podiam ser por elle mandadas executar si assim entendesse convir á segurança e diciplina do exercito e da esquadra, antes mesmo de subir em recurso de graça á sancção do poder moderador que no passado regimen, sob a egide do art. 98 da Constituição, era a chave de toda a organisação politica do Imperio — *une force qui les remettre a leur place* — em relação aos demais poderes do Estado.

De sua vontade, de suas combinações, dependia o destino de quatro potencias que alli se enfrentavam em tremendo prelio e, si entendesse, quem lhe cercearia o direito de lançar 50.000 homens contra 200 boccas de fogo e 30.000 baionetas, produzindo horrorosa hecatombe ao pé daquellas temerosas fortificações?

* * *

Commandava o 2.º corpo do exercito brasileiro acampado em Tuyoty, o marechal de campo Alexandre Gomes de Argollo Ferrão.

Bahiano illustre, valente, temerario nos combates, de sangue frio admiravel nas mais perigosas e arriscadas situações, tinha todos os predicados dos grandes cabos de guerra.

Muito religioso, onde acampava com alguma permanencia, tratava logo de erigir um rancho-capella para o culto divino e, fosse onde fosse, mesmo ao alcance das balas paraguayas, todos os domingos as forças de seu commando assistiam ao sacrificio da missa, chovesse embora agua do céo ou granadas dos canhões inimigos. Elle dava o exemplo; sempre imperturbavel, o peior lugar, o ponto mais exposto lhe pertencia: fosse na missa, fosse nos combates.

Mais de um official fez testamento antes de entrar em fórma para assistir á *missa do Argollo*, como diziam em intimidade.

Embirrava com a cavallaria rio-grandense, cujos habitos, imminentemente livres e expansivos, com extrema difficuldade se amoldavam á ferréa disciplina que elle mantinha na infantaria do norte.

Nesse tempo, fins de 1867, andava de *nariz torcido* com o Marquez de Caxias (que aliás muito o presavá), porque trazia a *gaúchada* na palma das mãos.

E havia razão para isso.

Cercava-se Humaytá: a infantaria e a artilharia guardavam os entrincheiramentos da linha de aproxes; todo o serviço de exploração e reconhecimentos pesava sobre a cavallaria, que, na série de brilhantes combates por ella sustentados em volta do quadrilatero, destruiu totalmente a magnifica cavallaria paraguaya que desde então desappareceu do theatro das operações.

O interior do paiz era devassado, explorado, revolvido em todos os sentidos; os recursos do inimigo córtados, tomados, destruidos, e os maldictos gaúchos, cada vez mais atrevidos nas expedições e insubordinados no acampamento, assaltavam trincheiras, arrazavam fortificações e até a laço se apossavam de barcos do inimigo!

Argollo, como bom brasileiro, tudo applaudia, reverenciando a bravura desses homens esforçados, mas *mordia-se* por não poder *completal-os*, chamando ás leis do Conde de Lippe essa gaúchada desabrida e rebelde a tudo quanto é formalidade regulamentar.

Paisanos arrastados pelo amor da patria ao thea-

tro da guerra, sem garantia militar para o seu futuro, entendiam que vencendo o inimigo cumpriam a unica obrigação moral contrahida espontanea e livremente.

Caxias, profundo observador do coração humano, que conhecia os habitos rio-grandenses desde a guerra dos *farrapos*, que sabia apreciar o valor desses *guascas* desde a guerra contra Rozas, deixava as cousas correr *sem aperto nem arrouxo*, certo de encontrar nesses temiveis centauros a obediencia e a dedicação necessarias ao triumpho da causa que defendia.

II

Um dos mais *rebeldes* cavallarianos, era o coronel José do Amaral Ferrador.

Gaúcho de uma bravura levada á temeridade, cahiu nas graças do Marquez de Caxias pelos actos arrojados que praticára em anteriores combates.

De nenhuma instrucção, mas de intelligencia viva e sagaz, sabia fingir-se ainda mais ignorante quando queria fazer das suas espirituosas diabruras.

Uma tarde, no quartel general de Tuyo-Cué, estavam em agradavel palestra o Marquez de Caxias, os generaes Enrique Castro, chefe das forças uruguayas, Gelly y Obes, commandante do exercito argentino, Fonseca Costa, chefe do estado-maior do commando em chefe, e muitos outros officiaes.

Ferrador, n'um canto, observava tudo...

Para o grupo se dirigiu o marechal Argollo Ferrão, trajando o seu tradicional casacão escuro, chapéo de castor com grandes abas e grosso bastão na mão esquerda: apparencia perfeita de venerando capuxinho...

Ferrador levantou-se e, perfilado, dirigiu a palavra ao generalissimo:

— *Seu* Marquez, tenho um grande favor p'ra pedir a *Vossa Incellencia* e desejo saber se me attende...

— Diga o que deseja, Sr. Ferrador; a um official como o senhor, difficilmente negarei o que estiver ao meu alcance...

— Já que *Vossa Incellencia* é Imperador em *commissão*, bem podia nomear o seu general Argollo — Bispo de Tuyoty.

III

Na manhã de 18 de Julho de 1868, Amaral Ferrador foi ao Chaco visitar alguns amigos que faziam parte da divisão que alli operava.

De chegada, porém, se incorporou a uma expedição que sahia para explorar as restingas e picadas que desembocavam no campo inimigo do Timbó.

O coronel Martinez de Hóz, com o batalhão argentino *Caçadores de Riojas* (Gaspar Campos), apoiado pelos 3.º e 8.º de infantaria brasileiros; mandou uma companhia de *Riojas* explorar a picada da esquerda e, em pessoa, seguiu a da direita com o resto desse batalhão.

Essas picadas desembocavam em um rincão, onde o general Cabalero com 1900 homens se emboscou á espera dos alliados: logo que os argentinos ali chegaram, Cabalero cercou-os, aprisionando-os após renhidissima luta. (1)

A companhia de *Riojas*, que seguira pela esquerda, sustentou vivo fogo em retirada, ás ordens do tenente, mas o capitão *** *disparou* para as reservas logo que viu o perigo em que estava mettido.

Ao approximar-se dos corpos brasileiros, que haviam entrado em forma para o que désse e viesse, o capitão *** se dirige ao coronel Ferrador e diz com a voz abalada pelo *cansaço:*

— Mi coronel, los soldados me hão abandonado. Yo tuve que retirar prompto.

— Sim, disse Ferrador, e a prova é que *Usted* chegou primeiro que elles.

---

(1) Esse combate tomou o nome de Acaiuasa e o marechal Lopez creou uma medalha para premiar os que nelle tomaram parte.

A medalha tem a forma de «Cruz de Malta», de oito pontas, tendo no anverso a legenda: — A la decision y bravura, e no reverso — Acaiuasa 18 de Julio 1868.

Essa medalha nunca foi cunhada e as que existem são de prata gravadas a buril.

O MAJOR BENTO LUIZ DA GAMA

Durante toda a semana santa do anno de 1868, trabalhou-se activamente na construcção de um espaldão para receber a bateria de grossos canhões que á força de perseverança conseguimos levar de Tuyoty a a Tuyo-Cué, atravez dos immensos areiaes e profundos esteiros daquella região selvagem, que até então singularmente auxiliára a defeza dos paraguayos.

Eram dois grossos morteiros de onze pollegadas, e quatro canhões raiados Withworth de 32 — dos que os paraguayos denominavam *fiú* — pelo ruido especial que em sua rotação fazia a bala rompendo as camadas de ar durante a curvelinea trajectoria, — ali postados sob o commando do capitão João Baptista Marques da Cruz (1); os quaes, juntamente com todas as baterias do exercito alliado, na extensa linha do cerco, deviam *romper alleluia*, bombardeando a face do quadrilatero paraguayo — Passo Pocú —, que ficava em frente ao acampamento do 3.º corpo do exercito, do commando do general Osorio.

Como catholicos que eram os quatro povos belligerantes, tacito e mutuo consenso determinou aos exercitos que alli se enfrentavam completa abstenção de qualquer hostilidade naquelles dias de recolhimento religioso, em que a liturgia romana commemora os martyrios do inimitavel Jesus.

No entanto, se o canhão emudecera e o fuzil se

(1) Morto heroicamente nessa mesma bateria, a 6 de Julho seguinte, quando dirigia outro bombardeio. Uma bala de canhão levou-lhe a cabeça, no momento em que conteirava uma peça.

Marques da Cruz muito se distinguira na epica e lendaria Retirada da Laguna, em Matto Grosso, durante a qual seus companheiros, augurando-lhe brilhante futuro, o chamavam Marquez da Cruz.

encostára ao sarillo, os instrumentos de sapa trabalhavam com febril actividade nos dois campos, tornando mais formidaveis, mais resistentes aquellas extensas muralhas de terra: — do lado dos paraguayos *fechava-se* o quadrilatero, completando as linhas de defeza que principiavam em Curupaity, seguindo para o N O, pelo Estero Rojas, Espinilho, Passo Canôa, Angulo, Passo Pocú, a ligar-se a Humaytá na altura de Paré-Cué; os brasileiros e argentinos levantavam reductos e espaldões para abrigar a artilharia, que não cessava um só dia a missão destruidora contra a fortaleza de Lopez.

* * *

Um tiro de canhão partido do couraçado *Brasil*, navio almirante, foi o signal de *alleluia* convencionado para toda a linha de cerco: tresentas boccas de fogo (190 dos alliados) responderam á senha, troando sinistramente desde Curuzú a Paré-Cué e de Curupaity a Humaytá, engajando-se cerrado, continúo, frenetico, o bombardeio memoravel do dia 11 de Abril de 1868.

O 50.º batalhão de voluntarios, formado a poucos passos do espaldão, protegia a bateria do capitão Marques da Cruz, cujos artilheiros, electrisados pelos accórdes harmoniosos do hymno nacional, trabalhavam com febril actividade aos gritos de — *Viva o Brasil!* Os officiaes desse corpo, satisfeita a curiosidade provocada pelo magestoso e solemne espectaculo que offerecia aquelle grande bombardeio, reuniu-se no flanco direito, e emquanto a musica tocava conversavam elles sobre o thema predilecto dos acampamentos — *as cousas da pátria.*

Repentinamente, o major fiscal, Bento Luiz da Gama, destacando-se do grupo, disse aos companheiros:

— *Cada um falla de sua amada! Eu tambem tenho saudade de minha Eulina, e é ao som das granadas que vou dar expansão ao meu estro . . .*

E a despeito da opposição dos companheiros e até da ameaça do commandante tenente-coronel Joaquim Cavalcante de Albuquerque, sentou-se na crista da trincheira, de costas para as baterias paraguayas — *que nos mandavam uma bomba de dois em dois minutos,* e nessa arriscadissima posição, onde qualquer outro não tinha coragem para se *equilibrar*, escreveu as seguintes quadrinhas, verdadeiro improviso, inspirado pelo echo de tresentas boccas de fogo ao som do hymno da patria:

Vagando, Eulina, por um solo imigo,
Sem que comtigo possa amor fruir;
Os dias vél-o, ás noites eu deliro.
E nesse giro só me apraz carpir.

Quando da noite se desdobra o manto,
Eu soffro tanto, como ninguem soffreu;
Volvo a barraca, e no chão deitado
Eis-me prostado, sem chegar Morpheu...

Assim soffrendo, vão passando as horas
Té que a deshoras me torno febril...
Visões phantasticas, tudo se me afigura
Ser creatura desgraçada e vil...

Brada a corneta, o alarma é dado,
Já levantado no meu posto estou.
Grito ao sargento: — *Forma essa gente!*
E assim dormente revestil-os vou.

Suspender armas! mando em delirio.
— E' um martyrio, mas o que fazer?
Marcha em dobrado! grito *Alto frente!*
E ouço estridente o tambor bater...

Maldirei a hora em que, esquecendo amor,
Anjo de dôr, me tornei soldado,
Deixando beijos e caricias mil
Por soldo vil, tão amargurado!

Ao criterio do leitor deixo julgar o sangue frio do major Gama, que conseguiu fazer no meio da metralha, *sentindo* o esvoaçar sinistro da morte — o que eu não seria capaz de produzir no remanso de meu gabinete. (1)

Têm graves erros de metrificação essas quadrinhas, não ha duvida, mas o pensamento é claro e demonstra perfeitamente a *normalidade da circulação* no momento em que o seu autor traçava aquellas estrophes á sua amada.

Em minha opinião, o major Gama provou ser máo poeta *debaixo de fogo*, mas ser de uma temeridade pouco commum.

(1) Disse-me um amigo «entendido» que essa poesia era uma parodia de não sei que producção de um dos nossos grandes poetas.

Parodia ou não, o major Gama a escreveu na crista da trincheira, como me affirmaram diversas testemunhas.

Por muito menos Argereau ganhou em Arcole o bastão de Marechal de França e o *sargento* Junot, no cerco de Toulon, deu o primeiro passo para cingir-se com a corôa do Ducado de Abrantes.

Um, mercê de sua força herculea, teve a honra de agarrar Bonaparte pela gólla e arrancal-o do pantano em que ia-se afogando; o outro *agradeceu* a uma bala a areia que atirou sobre o papel em que acabára de escrever: factos trivialissimos entre nós, mas que a França decanta em todos os tons...

Se o nosso major pertencesse a qualquer outro exercito europeu, a sua façanha estaria até hoje ignorada?...

O TENENTE MARIZ E BARROS

I

Esplendida a manhã de 20 de Fevereiro de 1859.

Garbosa corveta, prôa ao norte, veleja mar em fóra singrando rapida as alturas da Ilha Grande.

Gavêas e papafigos enfunados pela fresca brisa de N N O, imprimem oito nós ao formoso barco cujo talhamar córte altaneiro aquelles mares de esmeralda com a poetica magestade do branco e saudoso alcyone.

No horizonte nenhuma véla suspeita; nenhum navio negreiro cruza nessas paragens vigiadas pela veleira *Campista*, mandada pelo jovem Mariz e Barros — o terror desses piratas de carne humana, miseraveis algozes de uma raça infeliz. (1)

O vigia das gavêas assignala uma véla a E.

Immediatamente Mariz e Barros occupa a ponte; cada qual guarda o seu posto, e a corveta — ligeira gaivota deslisando a flor das ondas — manobra no sentido de reconhecer o navio que apparece ao longe.

Eram oito horas da manhã.

A's 10 estava á vista um lúgar desconhecido, navegando a todo panno.

Conformação e pintura do casco, disposição do apparelho, rapidez de manobras, denunciando essa precisão technica peculiar aos corsarios, tudo induz a crer estar ao alcance dos telescopios um navio negreiro, desconhecido nos mares do Brazil.

---

(1) A maior parte dos nossos vasos de guerra e todos os navios da estação naval da Inglaterra, no Atlantico Meridional, cruzavam nas costas do Brasil, perseguindo os navios que se empregavam no trafico de africanos — esse commercio odioso que a Lei de 7 de Novembro de 1831 aboliu sob penas rigorosas.

Mariz e Barros manda içar a flammula e bandeira; um tiro de canhão firma a intimação de *chegar á falla.*

O navio suspeito, porém, continúa impassivel a sua derrota.

Segundo e terceiro tiro da *Campista.*

Nada!

O pirata faz-se ao largo, virando em redondo e augmentando o panno.

Impaciente, tremendo de raiva ante a espectativa de perder a presa, Mariz e Barros grita á equipagem:

— *Larga tudo. Fóra cutellos e varredouras...*

E a corveta, obedecendo aos intuitos do fogoso commandante e da árdida guarnição, atira-se veloz sobre a crista espumante das vagas, encurtando precipite o espaço que a separa do mysterioso barco que veleja no bórdo do mar.

No convéz brazileiro prepara-se tudo para o combate; guarnições a postos, apóz o *safa geral*, só esperam o signal do chefe pelo apito do guardião para fulminar o barco negreiro que parecia zombar da pequena corveta — mostrando seis largas portinholas e a bocca escura de outras tantas caronadas...

Duas milhas apenas separam os contendores.

Então do passadiço da *Campista* se vê, a olho nú, alteroso navio armado em guerra, guarnecido de numeroso pessoal... mas a *Campista* avança sempre.

Subito amaina o vento!

O panno, momentos antes entesado pelo fresco terral, bate agora ao compasso do balanço, ao som plangente dos gemidos das retrancas, em sua eterna luta com as escôtas.

A raiva se apodera de todos.

Do commandante ao ultimo grumete se nota o furor do despeito, a ira da impotencia, o desejo agora de combater a todo transe...

— *Escaleres ao mar e á abordagem*, ordena o moço commandante.

Sôa o apito, gemem as talhas nos cadernaes e n'um abrir e fechar de olhos dois terços dos homens da *Campista*, vinte e oito bravos, guarnecem dois escaleres. Vinte e dois remos fendem as aguas e, á voga larga, quaes velozes cetaceos, vôam os barcos ao encontro do navio pirata, que nesse momento, percebendo a manobra dos brazileiros, parou atravessando...

A' meia amarra do navio suspeito, Mariz e Barros mandou *levar remos.*

De pé, no castello do primeiro escaler, espada em punho, prestes a ensinar aos seus homens o caminho da luta, grita:

— *A' abordagem!...*

. . . . . .

. . . . . .

Então viu-se uma scena magestosa, digna dos heróes de Plutarco:

O commandante contrario, rodeado de seus officiaes, no passadiço do *Beacon*, levanta vóz firme e sonora:

Hurrah!...

Hurrah!... responde a maruja trepando ás vergas, ao mesmo tempo que ao penól da fragata era levantado o pavilhão de guerra da orgulhosa Albion.

Ao som do pifaro e tambor, em marcha batida, ergue-se tambem ao gallope grande do vaso britanico o pendão auri-verde do Brasil; vinte e um tiros de canhão saúdam aquelle rasgo de heroismo de um punhado de valentes.

O barco suspeito era a fragata ingleza *Beacon*, chegada ha pouco da Europa e que nessas alturas crusava tambem em perseguição dos navios negreiros.

Seu commandante, tenente Edward Parsons, vira a galhardia do jovem chefe brasileiro, e admirado de sua resolução de tomar de abordagem, com duas duzias de homens, um barco artilhado, deixára que elle se aproximasse para recebel-o com essa triplice saudação que o marinheiro sabe tributar aos feitos de audacia e valor.

II

Sete annos depois. Antonio Carlos Mariz e Barros, honrando o nome glorioso que usava, recebia a sagração de heróe na luta travada entre o Brasil e o Paraguay.

Commandando o couraçado *Tamandaré*, o primeiro barco desse genero construido na America Latina, assignalou-se entre os mais ousados, desde que a esquadra brasileira enfrentou as fortificações paraguayas, que seu pae, o benemerito almirante Visconde de Inhaúma,

teve a gloria de arrasar em tres annos de combates diarios.

Nos vapores argentinos *Cachabuco* e *Buenos Aires*, comboiados pela canhoneira *Henrique Martins*, seguiram em exploração, Paraná acima, os generaes Osorio, Mitre e Flores, para escolher o local onde devia desembarcar o exercito alliado na costa paraguaya.

O forte Itapirú, auxiliado por uma chata, rompeu vivo fogo contra o couraçado *Tamandaré*, que, avançando das Tres-Boccas, tomára posição a uma milha da fortalesa para proteger a passagem da esquadrilha exploradora.

A's 3 horas da tarde o navio almirante fez signal de retirada, e no momento em que o *Tamandaré* tocava atraz para ganhar o canal, por não poder dar volta no lugar onde estava, uma bala de 68, acertando na *cortina de correntes* que protegia uma portinhola, penetrou na casamata, fazendo horrivel destroço . . .

Trinta e quatro pessoas, entre officiaes e praças, foram victimadas pelo projectil e pelos élos da corrente que voaram em todas as direcções.

Mortos, horrivelmente mutilados, ficaram logo o immediato do navio 1.º tenente Vassimon, o commissario Accioly, o escrivão Alpoim e dez imperiaes marinheiros.

Mortalmente feridos cahiram: o commandante Mariz e Barros, o 1.º tenente Silveira e quatro navaes.

Feridos, entre outros, o 2.º tenente Victor Delamare e Dyonisio Manhães Barreto. Este ultimo, assumindo o commando, apezar de ferido, levou o couraçado até o ancoradouro da esquadra nas Tres Boccas.

«. . . Si algum Miguel Angelo do nosso seculo quizer pintar o quadro mais sangrento e heroico de uma scena de guerra, converta a sua téla na casamata de prôa do *Tamandaré*, e atire aqui e alli, em diversos planos — braços, pernas, cabeças esmigalhadas, corpos fracturados e vermelho de sangue que lhes jorra das feridas e alaga o soalho e salpique as paredes de destroços sangrentos de carne e miólos. No segundo plano estenda o corpo do bravo Vassimon, o do commissario Accioly, o do escrivão Alpoim, completamente desfigurados. E com as tintas mais vivas de Raphael ou Rubens, colloque no primeiro plano, de um lado o 1.º tenente José Ignacio da Silveira sem um braço e sem uma perna arrancada pelo quadril, com a physionomia calma e serena parecendo nada soffrer, aper-

tando a mão do Visconde de Tamandaré e narrando-lhe todo o tragico acontecimento e, logo após, morrendo, abraçado com a imagem do Senhor Crucificado, expirando-lhe nos labios um — *adeus!* De outro lado, o 1.º tenente Mariz e Barros, com uma perna partida e apenas pendurada pelos tendões e que elle arranca como se descalçasse uma bota, rindo, com esse rir do athleta que tem em menospreço a vida, e a olhar para o conselheiro Octaviano e para o almirante que, compungidos pela vista deste quadro tão afflictivo, estão ao mesmo tempo assombrados do estoico heroismo desses bravos que não se deixam supplantar nem pela ideia da morte.»

. . . . . .

. . . . . .

No dia seguinte, 28 de Março de 1866, expirava no hospital de sangue de Corrientes o jovem e heroico marinheiro.

Tiveram de amputar a perna dilacerada; offereceram-lhe chloroformio; recusou:

Prefiro um charuto; deem-m'o acceso e cortem . . .

E fumou tranquillamente durante a dolorosa operação!

A' meia noite sentiu approximar-se o momento supremo: beijou o retrato da esposa, recordou os filhinhos e por ultimo disse ao Dr. Carlos Frederico:

Mande dizer a meu pae que eu soube sempre honrar o seu nome.

E finou-se o heróe!

CONSEQUENCIAS DO DESASTRE DE CURUPAITY

I

Depois do desastroso assalto que levamos ás formidaveis trincheiras de Curupaity, houve tremenda reacção no espirito que até então animara a triplice alliança.

A consequente paralisação das operações, como que contaminou em todos o desanimo que *pareceu* se apoderar dos generaes que se viam com um exercito de paisanos em frente a uma nação inteira armada e aguerrida; sem meios de remonta em um paiz topographicamente desconhecido, crivado de fortificações tão formidaveis que uma dellas — uma só — pôde com vantagem repellir ousado ataque de 19.000 homens, após bombardeio de poderosa frota couraçada.

Tres potencias, embora apparentemente, estacavam irresolutas diante do formidavel quadrilatero!

Não fôra a energia do gabinete Zaccarias (1) que, accumulando em pouco tempo consideraveis recursos diante daquellas fortissimas linhas, entregou a direcção da guerra a um vulto da estatura moral do eminente Caxias, e um desastre tremendo remataria o drama sanguinolento, que teve o seu epilogo quatro annos depois nas margens lodosas do Aquidaban.

A nossa mais forte alliada, a Republica Argentina, envolta n'uma guerra civil, era obrigada a retirar da frente do inimigo a maior parte do seu exercito, para suffocar temerosa rebellião de caudilhos que atacavam pela base o edificio social...

Venancio Flores — o valente e audaz guerrilheiro que encarnava o élo mais forte, senão unico, que prendia á alliança a Republica do Uruguay, Flores —

(1) Zaccarias de Góes e Vasconcellos, presidente do conselho de ministros, governou de 3 de Agosto de 1866 a 15 de Julho de 1868 — que foi o periodo mais critico de toda a guerra.

amigo sincero do Brasil, que abrira a campanha aureolando-se com os louros de decisiva victoria, — cahia aos golpes do punhal assassino... na rua mais transitada de Montevidéo!...

E não bastavam esses successos *domesticos* para procrastinar a guerra: no horisonte diplomatico nuvens mais negras, mais carregadas de vapores, accumulavam-se prenunciando medonho cataclismo...

De um lado as republicas do Pacifico — o Chile, Perú, Bolivia, Equador — ameaçando intervir na contenda com protestos contra o tratado da alliança que julgavam attentatorio á integridade territorial do Paraguay; do outro lado os Estados Unidos do Norte, preparando poderosa esquadra para apoiar o Paraguay(1), ameaçava derrocar céos e terras em defeza de Solano Lopez; do outro, emfim, as impertinencias dos commandantes de navios de guerra das potencias européas, provocando constantes conflictos nas linhas de bloqueio, o que podia trazer graves complicações, ainda mais entenebreciam esse quadro desanimador.

Por toda parte difficuldades a vencer: de todos os lados embaraços bem sérios, questões bem melindrosas, antepondo-se ao objectivo civilisador da triplice alliança e exigindo dos generaes e dos diplomatas muita prudencia e criterio.

* * *

Nas fileiras do exercito o desanimo era latente. Murmurava-se baixinho por toda parte e os generaes alliados eram o alvo onde iam quebrar-se esses contra-choques moraes nascidos no implacavel tribunal que se chama — fogão do soldado — e que mysteriosamente invadia todo o campo...

Entretanto, a mais rigorosa disciplina era mantida em sua plenitude pela austeridade de Porto Alegre, pela tenacidade de Argollo, pela firmeza de Polydoro e pela calma de Mitre.

Mas... murmurava-se sempre!

A' indolencia dos generaes era levada toda a culpa da situação, sem se indagar dos complexos factores que de toda parte surgiam para crear aquella atmosphera desagradavel, aquelle indizivel mal estar que a todos revoltava.

---

(1) Em meu livro — Campanhas de Uruguay e Paraguay Ephemerides, historio minuciosamente a intervenção «yankee» em nossa contenda.

Nunca soffreu tantas accusações a tradiccional indolencia da nossa administração; nunca esse caracterisco do luso-brasileiro foi tão acremente censurado, tão combatida essa imprevidencia que forma o attributo mais sensivel da nossa nacionalidade: — todos queriam avançar contra aquelle formidavel dorso de terra e leiva que constituia os entrincheiramentos paraguayos, cujo mutismo insolente provocava crispações nervosas naquelles bravos e soffredores soldados.

E' que o patriotismo e o amor proprio offendidos, exigiam uma victoria estrondosa, capaz de vingar o desastre de Curupaity.

* * *

Por essa epocha, Outubro de 1866, um desses *gaiatos* que maldizem de tudo e de todos, escreveu a seguinte poesia e, pela calada da noite, fel-a distribuir pelas barracas da officialidade do 2.º corpo do exercito que acampava em Curuzú.

E' uma espirituosa critica aos nossos generaes — que custou ao seu autor, o capitão *** (1), não poucos sustos a principio e afinal oito dias de *descanso* na guarda do exercito:

Já cantaram do Brazil
Os seus lindos palmeiraes,
O seu céo, as suas flores,
Os seus ribeiros, os seus crystaes...
Porém eu, poeta novo,
Não quero enganar o povo:
— Vou cantar os generaes...

Pobre Europa! Quão mesquinha
E' a fôfa historia tua!
— Queres saber quem foi Nelson?
Um bom mestre de falúa.
— E o que fez Napoleão?
Não passou de um fracalhão
Que foi preso na Cafúa... (2)

(1) Occupa hoje saliente posição na administração do paiz (1899). Em sua especialidade, tem innegavel reputação firmada e foi o unico official que teve promoção por merecimento scientifico.
Não posso declinar o nome, mas... é facil advinhar.
(2) Allusão ao desterro de Santa Helena.

O nosso Tamandaré?
Isso sim, fia mais fino!
Nem o sabio *mal das vinhas*,
Com elle compete em tino!
Té mesmo em telegraphia.
Mostrou tal sabedoria
Que me fez repicar sino. (1)

Barão do Herval: que talento!
Polydoro: que finura!
Porto Alegre: genio raro!
Na guerra que tanto dura!
E a não ter genios assim
E' plantar roças de capim
E mandar vender rapadura...

Malakoff... que foufice
P'ra quem vio Itapirú!
Nem Marengo ou Austerlitz
Se compara a Curuzú!
— Viva, pois, o heróe guerreiro
Do Rio Grande, o primeiro.
— Neto da velha Suçú... (2)

Me dirão os taes francezes:
— Onde está Curupaity?...
Lhes respondo: — Waterloo
Segurou teu Javaly...
— Não foi cansaço, foi brio.
Mesmo o tempo era tão frio
Como nunca esteve alli...

Patria! Sêde agradecida,
Tens mui guapos generaes.
— Que merecem por seus feitos
Mil estatuas colossaes.
Mas... tenho grande receio,
Que não busquem algum meio
De trancal-os nos curraes.

---

(1) Esse verso denunciou o autor... Dias antes o almirante Tamandaré foi á estação telegraphica de Itapirú para telegraphar ao general Polydoro sobre materia urgente. E o capitão *** encarregado do telegrapho teve nessa occasião uma «rusga» com o velho marinheiro sobre o modo de manipular o apparelho electro-magnetico de Siemens, então em uso.

(2) Appellido familiar da veneranda avó do Visconde de Porto Alegre, segundo me informaram.

II

Appareceu divergencia sobre quem era o autor desta poesia, infelizmente provocada por um *anonymo*.

No jornal *A Reforma* (Porto Alegre) de 4 de Julho de 1899, um *Veterano* affirma ser autor desta satyra o capitão do 4.º batalhão de artilharia — *Visconde de Albuquerque*, que, com todo o seu batalhão, foi aprisionado a 3 de Novembro de 1867 e pereceu de fome e máos tratos durante a penosa retirada do exercito paraguayo de Humaytá para o Tebiquary.

Accrescenta que a poesia tinha *outros* versos e cita os seguintes:

Calem-se Gonçalves Dias,
Magalhães, Mendes Leal,
Qu'eu vou cantar um canto.
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
Vou cantar os generaes.

O Zé Auto, que talento.
O Kelly — que monobrista.
No Drago, tanta prudencia
Com as granadas á vista.

O Andréa, esse sim.
Valente como elle não ha;
Nem mesmo o forte Murat.
A vinte e quatro de Maio
Como elle affrontou a morte!
Vi-o passar como um raio
Bem por perto do *Transporte*.

Enganou-se o illustre *Veterano*: os versos que citou em seu artigo são de uma das muitas parodias, imitações ou mutilações áquella satyra que appareceram por aquelle tempo, criticando no mesmo rythmo ora a officialidade de uma divisão, ora a de uma brigada e até de batalhões ou regimentos que, na maioria dos casos, não se divulgou além do respectivo acampamento.

O *Echo do Sul* n. 65 de 21 de Março de 1867, na terceira columna da segunda pagina, publica a poesia tal qual eu a obtive de meu amigo major Thomaz Francisco da Costa, um dos veteranos dessa guerra, da qual conserva gloriosas cicatrizes.

O commendador Thomaz de Mello Guimarães, então alferes ajudante do 6.º batalhão de infantaria e actualmente 1.º Notario da cidade do Rio Grande, possuidor de extraordinaria reminiscencia, me affirma tambem ser autor da poesia o capitão Visconde de Albuquerque, a quem pessoalmente conheceu; mas tenho base para discordar dessas duas opiniões, já pela informação de quem me deu copia da poesia, já por um facto que pertence ao dominio da logica:

O capitão Albuquerque *nunca servio no telegrapho*. como pois conciliar o verso do poeta quando trata do almirante Tamandaré:

> . . . Té mesmo em telegraphia
> Mostrou tal sabedoria
> *Que me fez repicar sino!*

versos esses que precisamente descobriram seu autor?

Quem se não o encarregado da estação telegraphica *mais proxima do rio* teria occasião de *repicar sino* no apparelho *Siemens*, rusgando com o velho almirante?

Sinto deveras não ter autorisação para declinar o nome do autor, mas é facil advinhar pelas minhas notas . . .

. . s

CAXIAS E PARANAGUÁ

I

O revéz do Curupaity, a retirada do general Flores do theatro da guerra, a revolução federalista na Republica Argentina, a desharmonia entre Polydoro, Porto Alegre, Tamandaré e os generaes alliados, a intriga — até então sopitada por um tal ou qual *pudor nacional* — explodindo sem rebuço nos acampamentos onde ia se reflectir com paixão as vicissitudes da politica interna — todo esse conjuncto de desgraças, ameaçando os destinos da patria e compromettendo a *situação militar* da campanha, repercutio de chofre no seio do gabinete, cujos membros, empenhados na defesa nacional, em meio de complicações ingentes, mal podiam de momento avaliar o *estado* da guerra que se feria a 300 leguas de distancia.

A situação, entretanto, se definia clara e positiva: a alliança precisava mais de uma cabeça que dirigisse a guerra com acerto e vigor, que refreasse as paixões, restabelecesse a disciplina, tornando homogeneo aquelle fraccionado exercito, que de elementos materiaes ou de reforço de tropas.

E só existia um general na altura dessa missão — o Marquez de Caxias — apontado desde muito pela opinião publica como unico capaz de levar a guerra a bom termo; mas, sendo elle *conservador*, dois ministerios *liberaes* se tinham succedido no poder, deixando-o no *esquecimento*, porque não tiveram civismo bastante para romper com os prejuizos dominantes entre os partidos que em sua ferrea intransigencia não admittiam collaboração do adversario em circumstancia alguma da vida nacional.

Caxias, vencedor de quatro campanhas, organisador, prudente, circumspecto, já tinha um nome com tanto prestigio que por si valia um exercito. Nenhum general dos tres paizes alliados reunia as qualidades

politico-militares do eminente cabo de guerra. mas tal era a força das paixões politicas da epocha que nem o gabinete de 31 de Agosto (1). nem o de 1.º de Maio (2) se lembraram do velho e experimentado guerreiro para commandar o exercito que se batia esterilmente no Paraguay.

* * *

Zaccarias de Góes e Vasconcellos, presidente do conselho de ministros. João Lustosa da Cunha Paranaguá. ministro da guerra, mostraram em tão grave momento um rasgo de patriotismo e desprendimento de tal magnitude que só por si bastaria para os immortalisar. si outros serviços ao paiz já lhes não tivessem sagrado benemeritos da patria!

Paranaguá. em nome do gabinete, convidou o Marquez de Caxias para dirigir a guerra: — o governo conferia plenos e amplissimos poderes para o general proceder como melhor entendesse convir ás operações e aos interesses da nação. (3)

Zaccarias, secundando os esforços do collega para inspirar confiança na lealdade do gabinete, dizia com nobre franqueza:

« Si V. Ex. manifesta o pensamento de não poder servir com o gabinete actual, o ministerio, collocando os interesses da nação acima das conveniencias politicas, está disposto a deixar o poder . . . »

Caxias, comprehendendo o altruismo de semelhante proceder e bem pesando a situação afflictiva do paiz, não vacillou em acceitar a commissão e seguio para o theatro da guerra.

E' que Zaccarias e Paranaguá, como estadistas, tinham a mesma envergadura moral do velho guerreiro: a patria acima de tudo.

II

W. Scully redigia e publicava no Rio de Janeiro o jornal inglez *Anglo-Brazilian Times*, que o governo subvencionava com toda reserva, para defender os

(1) Presidido pelo conselheiro Francisco José Furtado (1864).
(2) Presidido pelo Marquez de Olinda (1865).
(3) Paranaguá era então ministro da justiça e interino da guerra, mas já estava resolvido que ficaria com esta ultima pasta, tanto que, assumindo-a a 7, referendou o decreto de nomeação do Marquez a 9 de Outubro de 1866.

nossos interesses perante o *publico inglez*, de quem então muito dependiamos em consequencia dos recursos de armas e dinheiro que nos vinha da Inglaterra.

O apoio desse jornal era de real necessidade, porque, dada a situação do Brazil e diante da guerra que nos movia uma parte consideravel da imprensa européa ao soldo de Lopez, tendo como principaes campeões Elisée Reclus, Du Graty, Benitez, Expelly e Alberdi (1), havia conveniencia publica no auxilio moral que nos prestava o *Anglo-Brazilian Times*, porque seus artigos a nosso favor eram transcriptos em muitos jornaes importantes de Londres e New-York.

Scully, porém, ou por abuso de confiança, ou para dizer-se independente ou ainda por ignorancia dos nossos *costumes*, entendeu dever traduzir e publicar em seu jornal diversas criticas apaixonadas e injustas que as gazetas do Rio da Prata faziam aos actos do Marquez de Caxias.

Isso bastou para que na imprensa e no proprio parlamento os politicos explorassem o facto com rara habilidade emprestando-lhe um caracter odioso, e o Marquez, crendo na sinceridade dos que lhe enviavam informações da Côrte, ficou tão prevenido que o mais simples acto do ministro da guerra em relação ao exercito, se lhe afigurava um accinte, uma desconsideração á sua autoridade.

Como todos os grandes homens, Caxias tinha immenso orgulho de seu valor e, cioso de suas prerogativas, sentio fundo o que julgava ingratidão dos que o queriam desgostar com picardias e *guerra de alfinetes*, depois de o forçar á acceitar um posto de sacrificios, acenando com os interesses da patria.

— Vibrava os ultimos golpes no quadrilatero: á quéda de Humaytá, deviam seguir-se as jornadas gloriosas da *dezembrada*. Pikiciry, Lomas Valentinas e Angustura iam ser dominadas após Itororó e Avahy. O velho general devia em breve ordenar abertura da estrada do Chaco para realisar a marcha de flanco mais extraordinaria e feliz deste seculo: ia repetir a

(1) Desses escriptores só Alberdi não recebia soldo de Lopez: escrevia contra a triplice alliança porque entendia ser ella prejudicial aos interesses argentinos e á democracia americana. O terrivel pamphletista era um convicto. Sobre sua vida e acção na politica do Rio da Prata, veja-se o magnifico livro do Dr. Martin Garcia Merou: — Juan Bautista Alberdi — Buenos Aires, 1890.

lenda biblica da passagem do Mar Vermelho pelos Israelitas, quando saltasse nas barrancas de Santo Antonio; ia aos 70 annos de idade realisar em Itororó a mesma façanha do jovem Bonaparte em Arcole. Com o ultimo tiro de canhão disparado nas Lomas Valentinas, ia terminar a *grande guerra* com a destruição do maior exercito que tem visto a America do Sul.

Foi em meio dessa empreza colossal — que constitue hoje a pagina mais gloriosa da historia militar do Brasil — que a calumnia e a intriga feriram o alvo... o venerando guerreiro cedeu ao amor proprio offendido, subjugando por momentos o sentimento da patria.

* * *

O coronel João de Souza da Fonseca Costa, chefe de estado-maior do commando em chefe, seguiu do theatro da guerra para o Rio de Janeiro levando despachos reservados ao governo imperial. O general em chefe, allegando molestia, em officio ostensivo, pedia exoneração do cargo e a designação de seu substituto; mas em carta reservada ao ministro da guerra confessava franca e lealmente os motivos que o impelliam abandonar seu posto.

Eis os termos em que se dirigiu ao ministro:

«... Remettendo a V. Ex. o incluso officio, no qual peço minha exoneração do commando em chefe das forças de terra e mar em operações contra o governo do Paraguay, em virtude de encommodos de minha saude, consideravelmente augmentados pelo rigor da estação calmosa que atravessamos, entendo dever na presente carta particular declarar a V. Ex. a verdade inteira *acerca desse passo que muito reflectidamente dei.*

«Os jornaes recebidos da Côrte e minha correspondencia particular me trouxeram a desagradavel noticia de que meu nome tem estado em plena discussão na imprensa, travando-se renhida luta entre os meus gratuitos detractores e aquelles que generosamente se tem apresentado tomando a minha defesa.

«A causa objectiva de tão grande celeuma é (ao menos ostensivamente) o prolongamento da guerra em que estamos empenhados, attribuindo um folicularío inglez, no Rio de Janeiro, á tibiesa, frouxidão e não sei que mais de minha parte, dando-se a *circumstancia notavel* de ser elle acompanhado em suas observações a meu respeito pelo jornal politico que ahi se publica

com a denominação de *Diario do Povo*, o qual *com razão ou sem ella* se diz inspirado por um membro do actual gabinete. (1)

« Extranhou-se, e com razão, que o aventureiro inglez, vivendo á custa de uma consignação pecuniaria sahida dos cofres publicos brasileiros, tivesse a ousada temeridade de fallar pelo modo por que o fez da guerra a que fomos provocados, apreciando a seu talante *ou de quem quer que seja que lhe impôz*, os homens e os factos, e pretendendo exercer impertinente iniciativa na mais grave e melindrosa questão para um paiz constitucional, isto é, continuação ou sahida de gabinetes e exoneração do general em chefe a quem se confiou o commando de todas as forças na presente guerra.

« O gabinete a que V. Ex. pertence, que me confiou a alta missão, e que deve ter sempre presentes á sua memoria todas as circumstancias que precederam e acompanharam esse acto e que sabe que o seu empenho em me fazer partir para o theatro da guerra era tão grande que de mim dependeu sua modificação; o gabinete actual, com quem tenho constantemente entretido a mais franca e leal linguagem, se viu na forçosa necessidade de ordenar que seu orgão official fallasse sobre a questão a meu respeito e este o fez confessando a subvenção que se paga ao folicularío estrangeiro, o fim della, proclamando com maravilhosa ingenuidade que o governo imperial nada tinha que vêr, nenhuma interferencia podia exercer sobre as apreciações que o jornal inglez fizera em referencia á guerra e ao general brasileiro de que ultimamente se occupou.

« As phrases descoradas e estudadamente frias da gazeta official em tão solemne conjunctura e sobre assumpto de tão reconhecida e palmar magnitude *vieram robustecer, senão confirmar, as suspeitas, que nestes ultimos tempos nutria*, de que a meu respeito e da guerra que sustentamos não existe no gabinete actual a necessaria e indispensavel solidariedade . . . (2) Ta-

(1) São essas as principaes « razões « que tanto melindraram a Caxias; vê-se bem que o « animo prevenido » exagereu a offensa . . .

(2) Quando assim se exprimia o Marquez sob o influxo de sentimentos controversos, Paranaguá, ministro da guerra, escrevia:

« . . . Fomos incansaveis na remessa de recursos de todo o genero de que carecia o exercito e o habilitamos para a victoria

lhado para a luta, eu nunca a provoquei, mas tambem nunca a temi, nem a temo, quando franca e descoberta; tive, porém, sempre grande asco á simulação e a essa pequena *guerra chamada de alfinetes.*»

. . . . . .

«Acaba o coronel Agostinho Maria Piquet, que nomeei para interinamente commandar as forças brasileiras em Corrientes, de officiar-me remettendo-me os avisos da repartição a cargo de V. Ex. datados de 4 e 14 do mez de Janeiro. No primeiro desses avisos V. Ex. se dirige directamente a esse meu subalterno, ferindo todas as conveniencias da disciplina e subordinação.

«No aviso de 14 de Janeiro, relativo ao vapor *Pedro II*, permittirá V. Ex. que *eu descubra*, além da falta de confiança, uma offensa que não posso deixar de repellir com a maior energia. Recorde-se que, quando V. Ex. me officiou a respeito desse vapor, já eu um mez antes, pouco mais ou menos, havia dado minhas ordens sem a menor solicitação da parte de V. Ex. para que fosse elle despedido do serviço, como o foi desde então, dirigindo nesse sentido a competente parte a V. Ex.

«Recebel-a, ficar ao corrente do que eu havia praticado e dirigir-se agora V. Ex. a um meu subalterno para ter noticia, por seu intermedio, acerca do que eu já havia officiado a V. Ex., é querer offender-me gratuitamente e obrigar-me a declarar ainda uma vez que o não tolero e repillo.

«O maior favor que o gabinete actual me pode fazer, Exm. Sr., é acceitar quanto antes a minha exoneração, indicando-me *sem perda de tempo* qual o meu successor, afim de tirar-me de uma posição que, á vista do exposto, julgo insupportavel e me não compellir a qualquer acto que della me desembarace por violento que seja.» (1)

---

e completo desagravo da honra nacional. Com este intuito trabalhamos lealmente, dando toda força e prestigio ao general em chefe das forças brasileiras em operações no Paraguay.»

(1) O documento acima appareceu no livro de Suetonio — O Antigo Regimen — publicado especialmente para agradar aos republicanos, pois é bem conhecido o «dono» do pseudonymo...

— Como adiante se verá o original desse documento foi entregue pelo conselheiro Zaccarias ao Imperador, durante a sessão do Conselho de Estado, e depois devolvido ao Marquez de Caxias por intermedio de seu irmão o Conde de Tocantins.

Logo que o Marquez de Paranaguá recebeu e tomou conhecimento dos despachos que lhe entregára o coronel Fonseca Costa, sentidissimo com a injustiça que vinha de ser alvo, dirigiu-se ao Presidente do conselho para este obter de S. M. o Imperador a sua immediata exoneração, como unico meio de lançar solemne desmentido a toda aquella baixa intriga que estava prestes a transformar-se em graves perturbações politicas.

Zaccarias, entretanto, convidou os collegas para uma conferencia, na qual ficou assentado o pedido de demissão collectiva do ministerio, como medida de prudencia para não alterar a marcha da guerra...

S. M. o Imperador, a quem foi presente aquella resolução e documentos que a motivaram, quiz ouvir o Conselho de Estado pleno — que foi logo convocado para o dia 20 de Fevereiro de 1868.

III

Presentes os conselheiros de Estado Marquez de Olinda, Viscondos de Abaeté, Rio Branco, Jequitinhonha, Sapucahy, Bom Retiro, S. Vicente, Muritiba, Inhomerim e Nabuco de Araujo, o presidente do conselho de ministros, pedindo venia a Sua Magestade, exprimiu-se nestes termos (1):

« Senhor. Pelo transporte chegado hontem do sul, o Ministro da guerra recebeu do Marquez de Caxias um officio em que o general pede licença para se retirar allegando molestia, mas recebeu ao mesmo tempo uma carta particular em que o Marquez expõe francamente as verdadeiras razões que o levaram a dar semelhante passo.

« Essas razões se resumem em acreditar o Marquez, á vista dos jornaes e de sua correspondencia particular, que o governo longe de ter nelle a mesma confiança que a principio manifestava, procura por diversos modos lhe tirar a força moral.

« Quando em Outubro de 1866 o governo convidou

(1) Desde aqui começo a transcrever um precioso manuscripto, do proprio punho do ministro da guerra de então, que resume todos os detalhes da memoravel sessão do Conselho de Estado e todos os incidentes da questão até o seu honroso desfecho.

Esse manuscripto me foi offertado com muitos outros documentos importantes pelo venerando Marquez de Paranaguá.

o Marquez de Caxias para ir tomar o commando das forças brasileiras no Paraguay e elle acceitou o convite *sem outra condição que não fosse a plena confiança do governo em sua pessoa*. eu declarei-lhe *em conversa* que ao governo parecia tão necessaria a sua presença no Paraguay. que si elle houvesse recusado a commissão e nos parecesse que a recusa provinha *da repugnancia em servir comnosco*, estariamos dispostos a deixar o poder, porque, para nós a questão não era questão de partido e o essencial era acabal-a com honra. estivesse quem estivesse no poder.

« O governo pensa hoje como em 1866 — que a presença do Marquez de Caxias é da maior conveniencia no Paraguay e, pois, que o general inesperadamente mostra-se persuadido, aliás sem razão, de que o governo lhe tira a força moral, *o ministerio antes quer se retirar do que usar do direito de pedir a exoneração do general, desfazendo com esta prova de abnegação as suas infundadas aprehensões.*

« De accôrdo com os meus collegas venho, portanto, pedir a Vossa Magestade Imperial a demissão do gabinete, submettendo á apreciação de Vossa Magestade Imperial a carta do Marquez, que peço licença para entregar sem ler. »

Sua Magestade disse que ia tomar em consideração o pedido do gabinete.

Retirou-se o presidente do conselho e o Imperador declarou desejar ouvir o parecer de cada um dos conselheiros de Estado sobre esse assumpto, franqueando-lhes a leitura do officio do Marquez de Caxias e da carta particular que elle dirigiu ao ministro da guerra.

Os conselheiros assim se manifestaram:

Visconde de Abaeté: — disse que não podia deixar de manifestar a sorpreza que lhe causára a declaração feita pelo presidente do conselho de ministros.

« O Marechal do exercito, commandante em chefe de todas as forças brasileiras no Paraguay, pelos motivos que expõe em sua carta confidencial, com data de 4 do corrente mez, dirigida ao Sr. ministro de guerra, pediu demissão daquella commissão.

« Recebendo essa carta, entendeu o ministro que devia pedir a Sua Magestade Imperial a dissolução do gabinete e assim o fez.

« A questão sobre que são ouvidos os conselheiros de Estado *é si convém dar ao ministerio a demissão pedida.*

« A sorpreza que teve nasce — primeiro da in-

opportunidade do pedido de demissão pelo general Sr. Marquez de Caxias; segundo — de não lhe parecerem plausiveis os motivos allegados para pedir demissão.

« Ninguem melhor reconhece a pericia, os serviços, os sentimentos e as eminentes qualidades do Sr. Marquez de Caxias, como militar e como cidadão; mas como homem não o julga isento de uma allucinação e infelizmente lhe parece que no caso de que se trata S. Ex. foi victima de uma allucinação.

« Corre ha muito tempo a noticia de que nos primeiros dias deste mez deveria haver no Paraguay uma batalha, se não decisiva, ao menos muito importante; não comprehendo, pois, como nas vesperas dessa batalha peça sua demissão o general em chefe que *deve e hade* commandar a acção. Não parecem plausiveis os motivos apresentados.

« E' patente a improcedencia dos factos deduzidos na carta *e cita outros bem significativos da plena confiança do gabinete no general.*

« A' vista de provas taes de confiança tão claras e tão fortes, o que poderião valer os factos que tanto impressionaram ao Sr. Marquez de Caxias?

« A dissolução do gabinete, coincidindo com o pedido de demissão feita pelo Sr. Marquez de Caxias, pode prestar-se a commentarios desfavoraveis e perigosos.

« Diz-se que a influencia militar do Sr. Marquez de Caxias tem parecido a muitos razão para dever se chamar ao poder um dos partidos politicos que existem entre nós. Sou o primeiro a não dar o menor credito aos boatos que a tal respeito se tem espalhado. Entretanto si o pedido de demissão feito pelo general trouxesse a dissolução do gabinete e a organisação de outro no sentido dos boatos que se tem espalhado, taes boatos apparentemente realisados, tomariam uma força e consistencia que fôra muito difficil se não impossivel desvanecer.

« A organisação dos gabinetes, como a sua dissolução, está nos governos de fórma representativa, sujeito a certas regras e condições; e seria um perigo gravissimo a suspeita, ainda que mal fundada, de se ter feito uma excepção *por causa de influencias militares.*

« O sacrificio do principio de autoridade seria patente neste caso.

« *Assim, como conclusão, entendo, que não se deve dar ao ministerio a demissão pedida.* »

Visconde de Jequitinhonha: — não acha procedente as razões que o Marquez de Caxias allega para pedir demissão; admira mesmo que taes considerações entrassem na cabeça bem organisada do general e o fizessem dar semelhante passo.

« Tudo isso só pode ser attribuido a um ataque de amor proprio excessivo a que deva ceder a gravidade da situação.

« Não se deve, pois, dar demissão nem ao Marquez de Caxias, nem ao ministerio. »

Marquez de S. Vicente: — entende que o assumpto é de muita gravidade e que na hypothese dada, qualquer das demissões, ou seja a do general Marquez de Caxias, ou a do ministerio, pode trazer serias consequencias.

« Procurando explicar o procedimento do Marquez de Caxias, acredita que as razões allegadas são exactamente as que actuaram em seu espirito e que por não poder julgar os factos por outra forma foi adiante do desejo supposto.

« Entretanto, a se conceder a demissão ao Marquez de Caxias, póde isso, talvez, comprometter a sorte da campanha, alterar os planos que elle tem concebido, trazer novas rivalidades em a nomeação de seu successor, pois não conhece outro general que goze de maior confiança do exercito.

« Por outro lado o ministerio demonstra que o Marquez não tem razão, que, pelo contrario, tem nelle inteira confiança e que o tem auxiliado com todo esforço, que nenhuma culpa tem nesse acto hostil do periodico inglez nem em outros; que, pelo contrario, defendeu o general pela folha official e que o julga tão necessario á frente das forças em operações que prefere dar sua demissão, retirar-se, para que elle continue.

« Este acto é honroso para o ministerio, porque é um acto de abnegação e um serviço que assim entende prestar ao exito da guerra.

« Deverá, porém, ser elle acceito?

« Entendo que não. O serviço publico aconselha que Vossa Magestade Imperial não conceda a demissão pedida pelo Marquez de Caxias, nem pelo ministerio. »

Nabuco de Araujo — não considera justificados os motivos que o general allega para pedir demissão, maximé nas vesperas de uma acção que se annuncia e quando é elle o mais proprio para executar o plano

que traçára; attendendo ao caracter e aos precedentes do Marquez, acredita haver ahi allucinação.

«Seja como fôr, o facto é muito grave ou em relação á guerra ou em relação á politica do paiz; ou o caso se resolva pela demissão do general, ou pela demissão do ministerio.

«No primeiro caso ha a difficuldade da substituição do general e o transtorno ou demora das operações planejadas.

«No segundo caso, a demissão do ministerio para satisfazer ao general, e para elle se conservar, *torna impossivel qualquer organisação que não seja da politica do general*, e assim haverá necessariamente uma mudança politica, por um modo fatal ao systema representativo; por diversas que fossem as intenções do general, *a todos parecerá que a demissão pedida é uma imposição.*

«Nessas condições, o arbitrio mais prudente é o lembrado pelo Sr. Visconde de S. Vicente, isto é, que o ministerio não conceda a demissão pedida, explique os factos a que allude o general e lhe faça sentir que são infundadas as apprehensões que elle tem de que o ministerio não confia nelle: *não ha inconveniente algum nessas explicações do governo.*

«Com effeito, si o governo, como elle diz, tem plena confiança no general, que dezar ha em que o governo manifeste esta verdade, explique os factos e destrua as apparencias?

«Por outro lado, explicados os factos, o general não será tão temerario que tome a responsabilidade de abandonar o commando; deve elle pesar como maior o dever do general do que o capricho do homem politico.»

Visconde do Rio Branco: — tanto a demissão do ministerio como a destituição do general em chefe apresenta graves inconvenientes.

«A guerra entrou n'uma phase de operações activas e conducentes ao seu desenlace final.

«A mudança do ministerio que está no segredo de todas as necessidades e conveniencias militares e diplomaticas, que tem por si a dedicação dos actuaes presidentes de provincia, podia causar e muito provavelmente causará uma interrupção prejudicial, já na acção governamental, já na remessa de reforços para o theatro da guerra.

«A retirada do general tem tambem inconvenientes muito sérios. Actualmente o Marquez de Caxias não

é só o general em chefe das forças do Brasil, elle exerce esse commando em relação a todas as forças alliadas.

«A confiança que esse general brasileiro mereceu dos alliados seria continuada no seu successor, ou levantaria alguma nova pretenção da parte dos alliados?

«Em todo caso é certo que uma mudança de general, no estado em que se acham as operações da guerra, causaria a esta um grande detrimento, porquanto o novo general, ainda que fosse algum dos que lá se acham, precisaria de tempo para proseguir sob sua responsabilidade.

«A causa da crise é o pedido de demissão do general, e este pedido, como se vê da carta particular do Marquez escripta ao Sr. ministro da guerra, como seu collega e amigo, deriva de uma desconfiança.

«Não parece, pois, impossivel que uma abertura franca entre o ministro e o seu delegado dissipe aquella desconfiança e ponha termo a tão lamentavel occorrencia.

«E' este o alvitre que julga preferivel.

«O general em suas communicações officiaes não deu o mais leve motivo de queixa aos senhores ministros; a sua linguagem é qual devera ser e delle se devia esperar.

«As manifestações da carta particular são expressões confidenciaes dirigidas a um collega e amigo que podem ser apagadas por um procedimento do gabinete, sobranceiro a esse incidente e concentaneo com a dignidade do governo.»

Visconde de Inhomerim: — sem entrar na apreciação das razões allegadas pelo Marquez de Caxias para solicitar a demissão, deprehende-se dellas que o mesmo está persuadido de que a plena confiança do ministerio, condição indeclinavel, não existe para elle e conseguintemente não podia deixar de dar o passo que deu.

«Si, entretanto, o ministro entende que são infundados os receios do general, então nada mais facil, mais simples e natural do que elle mesmo lhe fazer ver a inconsistencia de suas suspeitas e reiterar-lhe as expressões de confiança que o tranquilisem.»

Marquez de Muritiba: — não parece motivo bastante para a demissão do gabinete a suspeita mais ou menos fundada do general de não manter-lhe o mesmo gabinete aquella completa confiança, tão ne-

cessaria para conservar a força moral no exercito, em todo tempo e principalmente no momento de emprehender operações de guerra decisivas.

«O ministerio pode desvanecel-a explicando ao general os factos que a causaram em ordem a convencer o general do engano em que se acha, restabelecendo-se desse modo a confiança reciproca.»

Visconde do Bom Retiro: — pensa como todos os seus collegas presentes que nas circumstancias em que se acha o paiz, é mui melindrosa e gravissima a questão proposta com relação á guerra, quando por suas estreitas relações com a politica interna.

«E' um grande mal a retirada do general em chefe do theatro da guerra, porque, além de outros motivos, não vê quem na actualidade o possa substituir sem risco para o bom exito das operações.

«Considera ao mesmo tempo um grande mal a demissão do ministerio nesta occasião, em que tudo leva a crêr que estamos nas vesperas de uma batalha decisiva e quando o paiz passa por uma crise assustadora a muitos respeitos.

«Assim si houver um meio de conciliar-se as cousas, de modo que se possa sahir da difficuldade, conservando-se o general em chefe, sem que o ministerio se retire, essa será sem duvida o expediente aconselhado pela prudencia e exigido pelos altos interesses do Estado.

«Acham-se felizmente de accôrdo neste ponto todos os conselheiros que até agora tem examinado a questão.

«Pondo de parte a amisade que o liga ao Marquez de Caxias e só obedecendo a considerações derivados do dever de exprimir seus sentimentos com inteira franqueza, acompanha o Sr. conselheiro Paranhos (Visconde do Rio Branco) em tudo quanto disse relativamente ao caracter e distinctas qualidades daquelle general e á pureza de suas intenções.

«Nem a carta dirigida por elle ao Sr. ministro da guerra pode ter outra explicação que não seja a de ter sido arrastado ao passo que deu pelas suspeitas que se apoderaram de seu animo, suspeitas sem duvida injustas, mas aggravadas em consequencia de artigos publicados em um periodico protegido pelo governo, artigos que foram commentados imprudentemente em outros jornaes e é de crêr tambem em cartas particulares escriptas daqui para pessoas do exercito, e que seguramente excitaram ainda mais o melindre do general, levando-o a expandir-se pelo modo porque o fez.

«O ministerio por seu lado magoou-se com taes suspeitas que considera offensivas de seu caracter e á dignidade e altamente injustas. Viu tambem offendido o seu melindre, mas convencido de que não convinha absolutamente a demissão do general em chefe, no pé em que se acha a guerra, preferiu pedir sua demissão, dando com isto, *é preciso primeiro que tudo ser justo*, uma prova significativa de lealdade para com o mesmo general em chefe.

«Si pois o que apparece é de um lado a suspeita da parte do general de falta de confiança e de lealdade para com elle e do outro uma manifestação tão solemne em contrario, que leva o ministerio a preferir a sua demissão solicitando-a expontanea e immediatamente, a tentar a substituição do mesmo general, razão parece que tem os mesmos conselheiros que pensam que as cousas se podem ainda conciliar de modo que sem quebra de dignidade cheguem a accôrdo um e outro, como imperiosamente exigem as conveniencias publicas.

«Convém notar-se que o general pediu demissão em um officio muito polido e dando como motivo simplesmente o ter-se aggravado o máo estado de sua saude.

«Até aqui nada ha de offensivo, nem de menos respeitoso ao governo. O fundamento que houve para este julgar-se offendido, nasceu da confidencial que veio na mesma occasião do officio, mas essa confidencial é uma carta inteiramente particular, com essa designação expressa no competente logar do papel e terminando com as palavras — *De V. Ex. collega e amigo.*

«Estas palavras principalmente tiram toda a duvida que possa haver sobre a natureza da confidencial. Ora, sendo isto assim a carta não é senão um desabafo particular de uma pessoa que julgou seus brios offendidos por outrem com cuja amisade e absoluta confiança contava e jámais deve ser considerada como tendo sido escripta no proposito deliberado de atacar a dignidade do ministerio da Corôa e de faltar o respeito devido ao governo.

«A' vista disto ainda mais firmemente entende que em presença das criticas circumstancias do paiz, que de todos nós exigem os mais pesados sacrificios, sobretudo com relação á guerra de honra em que nos achamos empenhados e cujo bom exito não deve ser por forma alguma arriscado. — não fica mal ao ministerio, antes procederá de maneira digna de elogio, fazendo apparecer a verdade mediante explicações dadas

tambem em carta particular acerca dos factos que originaram as desconfianças do general em chefe do nosso exercito.»

Marquez de Olinda: — entende que o general e o ministerio não podem mais viver juntos: deve-se conceder demissão a ambos.

Sua Magestade o Imperador não se conforma com os pareceres do Conselho:

«Pelo que tenho ouvido é urgente uma decisão. Observou-se que o marechal Marquez de Caxias esperará resposta ao seu pedido para emprehender qualquer acção. A experiencia mostra que nem sempre se guarda segredo. Portanto deseja ouvir ainda os conselheiros de Estado sobre o que vae expôr, para se não ver obrigado a consultal-os de novo.

«Os conselheiros viram o que se passou. O ministerio não propôz alternativa sobre sua demissão ou a do Marquez de Caxias; disse que á vista daquella carta particular do Marquez não podia deixar de pedir demissão, porque julgava mais prejudicial a retirada do general.

«Neste caso pergunta: *qual julga o conselho menor mal: a demissão do ministerio ou do general?* (1)

... (2) O Marquez de Olinda disse «que posta a questão nestes termos absolutos entre o ministerio e o general, parece que o general não deve ser conservado.

«Foram do mesmo parecer os Viscondes de Abaété, de Jequitinhonha, de Sapucahy, de S. Vicente e Bom Retiro. dando o Sr. de S. Vicente como razão principal de seu voto — que nesse caso, sim, poderiam os partidos contrarios allegar que a influencia militar foi quem preponderou.

«O conselheiro Nabuco de Araujo entende que a a hypothese é gratuita. porque seria contradição que o ministerio, tendo pedido sua demissão julgando util a conservação do general viesse ao depois pedir a demissão desse mesmo general para elle ficar.

«Dada porém a hypothese: seria um precedente funesto para o systema representativo a demissão do ministerio por imposição do general ou para satisfazer

---

(1) Vid. Joaquim Nabuco — Um Estadista do Imperio, tom. III p. 112.

(2) Continuação da memoria — Paranaguá.

ao general, tanto mais que essa demissão deve por força das cousas operar uma mudança de politica, porquanto o motivo de desconfiança que determina a demissão deste ministerio ha de tornar impossivel outra organisação que não seja conservadora. Todavia e de presente, no meio dos elementos subversivos que ahi estão accumulados e á vista da anciedade publica pela terminação da guerra — entende que a demissão do ministerio é menor mal. »

— Votam no mesmo sentido, na hypothese de collisão ou alternativa, os conselheiros Muritiba, Rio Branco e Inhomerim.

* * *

Eis o que foi essa memoravel sessão do conselho de Estado pleno, sem duvida a de mais interesse historico e de mais gravidade de quantas houve durante o segundo Imperio.

Quanto ao desfecho da questão, eis como termina o precioso manuscripto a que me tenho referido:

« . . . O ministro da guerra, que aliás manteve sempre as melhores relações com o Marquez de Caxias, commandante em chefe, devolveu-lhe aquelle documento, embora trouxesse a nota de *particular*, por intermedio do Conde de Tocantins, irmão do Marquez. Este melhor aconselhado e certo da confiança plena e do apoio que nunca lhe faltou, da parte do ministerio, continuou á testa do valente exercito que nos deu tantos dias de gloria no completo desagravo da honra nacional. »

A MORTE DE UM BRAVO (1)

Calaram-se os canhões da esquadra, emudeceram as baterias de Curuzú, após seis horas de vigoroso bombardeio.

Do quartel general do commando em chefe partiu o emocinante signal de *avançar* . . . os clarins de todas as divisões e brigadas, os tambores de todos os corpos responderam ao toque de *carga* . . .

E ao clangor dos bellicos instrumentos, dezenove mil homens, em quatro columnas, correram impavidos contra as alterosas linhas de Curupaity.

Serpenteando na vasta planicie, qual terrifica avalanche rolada da montanha, aquella immensa multidão corria a *marche marche* contra cincoenta e oito boccas de fogo e nove mil carabinas trepadas nas fortissimas ameias do baluarte paraguayo.

Imponente espectaculo!

. . . . . .

. . . . . .

Subito um relumpago correu na crista do entrincheiramento inimigo; esbranquiçada fita de fumo desdobrou-se celere por sobre aquelle dorso gigantesco, seguindo-se medonho estampido que reboou lugubremente nas selvas virgens do Gran-Chaco qual trovão cyclope nas convulsões dantescas de uma tempestade infernal. E uma abóboda de granadas, assoviando sinistramente no espaço escuro de fumo e pó, saudou os alliados que avançavam a passo de carga, deixando na planicie uma esteira sangrenta de cadaveres e feridos.

Cerrou o fogo!

A's descargas de fuzilaria seguiam-se as descargas de canhões sem o intervallo de um instante e aquelle

(1) Publicado em Paris, na «Revista Moderna», tom. II 1898, n. 24, illustrado com o retrato do Conde de Porto Alegre e com a gravura da tomada de Curuzú.

continúo esturgir de obuzes, casando-se com a explosão das bombas, semelhava o rufo pavoroso de immenso e descommunal tambor!...

Em ondas alterosas rebentavam as aguas do rio, açoitadas violentamente pela expansão prodigiosa daquella atmosphera revolta.

Tremia a terra em vibrações extranhas!

. . . . . .

. . . . . .

O primeiro entrincheiramento da grande fortalesa paraguaya foi tomado sem um tiro, á couce d'armas, á baioneta, no violento empuxo do primeiro arranco.

Mas... quinhentos metros atraz do primeiro, corria o segundo entrincheiramento, mais alteroso, mais formidavel, mais difficil para o assalto.

— Triplice linha de abatizes, precedendo vinte e quatro ordens de *boccas de lobo*, na frente de largo e profundo fôsso, estendia-se ao pé da escarpa de alterosa muralha com trinta e tres palmos de elevação.

Quatro reductos salientes cruzavam fogos mergulhantes com a cortina em zig-zag e os redentes que uniam as selvas impenetraveis da Lagoa Pires á barranca abrupta do rio Paraguay.

Contra esse colosso de argilla, coroado de canhões e carabinas que vomitavam milhares de projectis, avançaram a peito descoberto, armas suspensas, bandeiras desfraldadas, cincoenta e dois batalhões de infantaria.

E ao aspecto imponente dessa carga sem exemplo na America, a guarnição paraguaya deu meia volta e fugiu...

O paúl, os abatizes, as boccas de lobo, a fuzilaria, a metralha, os fóssos, o talude ingreme da trincheira, deteve por instantes aquella massa confusa de homens enegrecidos em espessa nuvem de pó... Quarenta brasileiros, pertencentes á columna da extrema esquerda, os mais ageis e resolutos, já estavam dentro da fortalesa paraguaya...

Um ultimo esforço, vinte minutos mais naquelle inferno de lodo e sangue, e a mais estrondosa victoria assignalaria a quéda immediata do famoso quadrilatero.

. . . . . .

. . . . . .

O signal de *retirada* partiu do quartel general argentino.

Trezentas cornetas repetiram aquellas notas sentidas que echoaram lugubremente como um pio agorento de funesto presagio...

Os paraguayos, animados por esse toque sinistro, reforçados com as reservas, voaram ás trincheiras e cobriram a planicie com uma chuva de granadas.

Começou a matança!

Os alliados deram as costas ao inimigo e á metralha na contra-escarpa dos fóssos; e, lentamente, apanhando os feridos que ás centenas se revolviam no campo, recuaram para Curuzú.

A retirada a principio se operou em ordem, com calma admiravel, sem precipitação, por divisões e brigadas, apezar de graniso de metralha que açoitava os cançados batalhões; mas pouco depois o 11.º de voluntarios, que fechava a cauda da columna do centro, atropellando os corpos da frente, *como mais exposto á metralha*, introduzin a desordem na brigada do coronel Silva Paranhos.

Gritos subversivos provocados pela ignorancia do que se passava na rectaguarda, estabeleceram o panico na columna do centro.

Então afrouxaram-se os laços da disciplina, e o exercito, perdendo a formatura, se envolveu n'um bolo immenso, ondulando na planicie sob um vulcão de ferro e fogo.

Debalde os chefes, revólver em punho, procuravam deter a onda... debalde Astrogildo da Costa estendera a sua brigada na orla da matta e a tiros de fuzil e a côto de lança tentava restabelecer a ordem; debalde Porto Alegre percorria o campo desafiando a morte naquellas historicas phrases:

« Só para mim não ha uma bala! »

E a onda rolava sempre com a impetuosidade de desespero, deixando naquella necropole immensa uma esteira sangrenta de cadaveres e moribundos!

. . . . . .

. . . . . .

Quando o 8.º batalhão de voluntarios de Sergipe transpunha victorioso o primeiro entrincheiramento, a explosão de uma bomba paraguaya no flanco da 1.ª companhia derribou dezoito homens!

De bruços, coberto de sangue, tambem cahiu Francisco Camerino — *o livre caçador*, o idolo querido da soldadesca do 2.º corpo do exercito.

Transportado ao hospital de sangue, causou espanto aos proprios medicos o aspecto daquellas feridas: as apophises espinhosas das vértebras dorsaes e lombares

ficaram de todo descobertas; por alguns pontos mais descarnados via-se arfar os pulmões.

Vivia ainda!

* * *

Francisco Camerino nasceu na Estancia, em Sergipe, a 21 de Agosto de 1841.

Poeta distincto, imaginação de fogo, patriota exaltado, sentiu fundo a afronta paraguaya, e, tomando lugar entre os primeiros cidadãos que se agruparam em torno do pendão nacional para a desafronta da patria, correu á fronteira com esses abnegados heróes — hoje olvidados pela geração moderna — que a inspiração do gabinete Furtado chamou *Voluntarios da Patria*.

Exemplo unico nos annaes da porfiada campanha: não se alistou em corpo algum; cumpriu alevantado dever civico sem entregar-se á pesada disciplina militar.

« . . . Não porque a mochila me possa nodoar, mas porque foi alli que comprehendi e conheci em meu genio um que impossivel de supportar o rigor da disciplina; tambem vi que podia ser util ao paiz e prestar á minha nação o serviço ao meu alcance sem a dependencia do Estado. » (1)

Nada percebia dos cofres publicos: os alimentos e a propria munição que gastava nos combates adqueria com os recursos proprios de sua modesta bolsa.

Armado de magnifica carabina, atirando com rara pericia, entrava em fogo na frente do 8.º batalhão de voluntarios, enthusiasmando a soldadesca com o exemplo e com a palavra inspirada do genio.

Ao lado daquelle moço de 23 annos, imberbe quasi, figura extremamente bella e sympathica, que se batia com valor admiravel, que afrontava os perigos com stoica abnegação, os fracos creavam brio, os covardes se retemperavam, dando razão ao poeta:

. . . Medo tem toda gente.
Saber desfarçar — é ser valente.

* * *

Horrivel espectaculo no hospital de sangue!

Sangue por toda parte: — fragmentos humanos, pernas e braços em repugnantes pilhas, misturavam-se

(1) Carta dirigida ao irmão em 23 de Agosto de 1865.

com os corpos mutilados que sahiam sem vida dos bancos das amputações.

Os medicos, os ajudantes, os enfermeiros — braços arregaçados, sudorentes, ensanguentados, se multiplicavam em nobre esforço para attender os feridos que ás centenas, aos milhares (1), carregados em padiólas, em macas, sobre varas, nos capotes, sobre carabinas cruzadas, nos braços dos amigos, não poucos ás costas dos filhos, as proprias mulheres conduzindo os maridos — n'uma procissão lugubre, commovedora, interminavel, á formiga, emquanto do extremo opposto da extensa ramada, fileira sem fim de padiólas transportava os mortos para a valla que os sapadores abriam . . .

E tudo isso apressadamente, sob a impressão moral do desastre soffrido, em confusão, n'um concerto pavoroso de gemidos e lamentos, de pragas e maldições, de ais lascinantes, cruzando-se com a vóz grave dos Capuchinhos que entoavam psalmos exhortando os moribuudos!

Entretanto, de um extremo ao outro do vasto barracão, correu de bocca em bocca a noticia de que expirava Camerino, fazendo cessar por instantes aquelle indescriptivel alvoroço: — os gemidos cessaram como por encanto, e, n'um respeitoso silencio, quasi todos poderam ouvir as ultimas palavras do jovem sergipano que se finou repetindo a estrophe sentida de *D. Jayme:*

Ou morre um homem na lida.
Feliz, coberto de gloria.
Ou surge um homem com vida.
Mostrando em cada ferida
O hymno de uma victoria.

(1) Neste hospital receberam os primeiros curativos 2.520 feridos (1.313 brasileiros e 1.207 argentinos) que em seguida foram transportados pela esquadra para os hospitaes de Corrientes.

VALOR INDOMAVEL

Foi diante dos muros de Paysandú.

A brigada brasileira do general Antonio de Sampaio avançava pelo norte da praça, tomando á baioneta as barricadas oppostas pelo inimigo de quarteirão em quarteirão; cada assotéa, transformada em inexpugnavel reducto, exigia uma escalada em regra.

As bombas e a metralha cruzavam-se por toda parte; o sangue corria a jorros, formando póços, escorrendo pelas sargetas das ruas cobertas de mortos e feridos.

Quarenta e duas horas havia decorrido desde o começo do ataque e nesse longo espaço de tempo o estrepito da fuzilaria não cessára um segundo; a cidade, envolvida em espessa nuvem de fumo, parecia presa de um vasto e pavoroso incendio.

A' tenacidade do ataque igualava o heroismo da defeza.

* * *

A confusão era horrivel!

A' medida que iam avançando os batalhões por aquelle dedalo de ruas, viélas estreitas e tortuosas, se cuidava de conduzir os feridos que ficavam na rectaguarda. Havia o perigo da retirada e era necessario salvar esses desgraçados que podiam a cada momento encontrar a morte debaixo das patas dos cavallos, pois os esquadrões de Flores, os corpos da brigada ligeira e os regimentos de Osorio manobravam em todas as direcções a par da infantaria!...

Duas companhias do 3.º batalhão atacavam a *Ancla Dorada*, onde alguns centos de inimigos defendiam com furor o velho casarão crivado de obuzes.

O capitão Francisco Frederico Figueira de Mello, como official mais antigo, dirigia o ataque: — verdadeira escalada.

Um soldado, tranquillamente ajoelhado junto a sua carabina, fazia atadura de lenço; — um golpe de lança lhe atravessára a face direita, a esclerotica saltára e pelo alveo da cornea um jorro de sangue sahia.

Que fazes ahi, Alexandre. Estás ferido? Vae para ambulancia! gritou-lhe Figueira de Mello.

Para ambulancia! Eu para ambulancia, meu capitão? responde o velho soldado de Moron.

Vae te curar antes que fiques ahi desmaiado. Estás com a vista perdida, desgraçado!

E' verdade, meu capitão, mas o *canhoto* ainda encherga . . .

E o soldado, prompta a atadura, endireitou-se, tomou da espingarda com gesto energico e correu para a frente antes que Figueira de Mello podesse detel-o.

Um quarto de hora depois a *Ancla Dorada* era tomada, mas a luta continuava nos muros dos quintaes, transformados pelos *blancos* em outras tantas trincheiras!

Uma bala inimiga veio ferir o braço direito de um soldado que se esforçava para trepar um muro . . .

O soldado rolou por terra, já do lado opposto, onde se brigava corpo a corpo, á baioneta, com os *blancos* entrincheirados atraz de uma pilha de tijollos.

Figueira de Mello corre a levantal-o . . .

Ah! é *vamcê* meu capitão? Os gringos *impilicaram* commigo, mas eu me vingo . . .

E ainda não estás satisfeito, Alexandre? Vae p'ra ambulancia si ainda podes andar!

O soldado não respondeu, mas agarrando a carabina pela bocca e manobrando-a com clava atirou-se no meio da luta, gritando:

Agora, *gringos*, é com o canhoto!

* * *

O capitão Figueira de Mello, maravilhado ante tão grande bravura, seguiu o valente caboclo que fazia com a sua clava horrivel destroço no grupo dos *blancos* que lutavam como leões.

Sua primeira victima foi um official: formidavel pancada com a face da coronha esmigalhára o craneo do infeliz . . . tres victimas seguiram-se á primeira, derrubadas pela força herculea do caboclo nortista . . .

De repente, ferido em pleno peito, cahiu o desgraçado!

O official aproximou-se: horrivel expressão naquelle rosto mutilado. Olhou para o chefe, quiz fallar e uma golphada de sangue sahiu pela bocca...

Suas ultimas palavras resumiram um mundo de felicidade e amor: recordava o regaço materno e a patria querida.

Minha mãe... Viva o Mossoró! (1)

* * *

Alexandre Baraúna Mossoró, soldado da 5.ª companhia do 3.º batalhão de infantaria, era natural da margem cearense do rio Mossoró, onde tinha sua velha mãe a quem servia de arrimo.

Era um caboclo baixo de estatura, physionomia sympathica, excessivamente reconcentrado, obediente, serviçal e muito estimado no corpo onde servia desde 1851, sem commetter uma só transgressão disciplinar.

O asseio de seus uniformes e o trato cuidadoso de seu armamento, mais de uma vez chamára attenção dos chefes que lhe dispensavam particular attenção.

Quando o exercito reunia-se em Pirahy-Grande, em Novembro de 1864, foi promovido a *cabo de esquadra* e escolhido para *ordenança effectiva* do commandante em chefe, o general João Propicio.

O caboclo cearense foi logo á barraca do coronel Sampaio se empenhar para ficar sem effeito a sua promoção, confessando ao coronel que assim procedia porque não *nascera para criado de ninguem*, e de tal modo se expressou que Sampaio, tomando vivo interesse por aquella rude e nobre altivez de caracter, conseguiu do general a nullificação do posto dado ao soldado Mossoró.

* * *

Findo o combate, o general Antonio de Sampaio, informado da tragica morte de Alexandre, foi em pessoa procurar o seu cadaver e, acompanhado por muitos officiaes, assistiu á inhumação, mandando collocar sobre a sepultura tosca cruz de madeira com esta inscripção:

Respeitae o jazigo de um bravo.

---

(1) Com o estrepito da luta não se percebeu bem si elle queria dizer que sua mãe «vivia em Mossoró» ou se deu um «viva» ao berço natal.

Depois da capitulação de Montevidéo, o general Antonio de Sampaio enviou á mãe de Alexandre 350$000 em dinheiro, producto de uma subscripção iniciada pelo capitão Figueira de Mello entre os officiaes cearenses da 6.ª brigada: ultima homenagem prestada á memoria do ignorado heróe de Paysandú, cujo nome, felizmente, pude salvar do olvido.

A PIRIQUITA

Estava ainda escuro quando entrou em forma o 2.º corpo do exercito.

Das trincheiras de Curuzú rompeu vivo fogo de artilharia.

Os canhões do 4.º corpo provisorio, assestados no espaldão construido durante a noite, responderam com vigor.

Duas columnas lançaram-se ao assalto: na esquerda o general Gonçalves Fontes guiava cinco batalhões de infantaria; na direita Albino de Carvalho conduzia seis corpos contra o baluarte paraguayo.

E esses onze batalhões, rivalisando em audacia e disciplina, a passo de carga, galgaram impetuosamente a alterosa trincheira; no recinto travaram renhida luta á baioneta, a couce d'armas, com a guarnição paraguaya que defendia com furor a posição que lhe confiara o marechal Solano Lopez.

A 4.ª brigada de caçadores, commandada pelo coronel Agostinho Piquet, obliquou á direita para contornar a esquerda da praça; a chegada desses quatro corpos desmoralisou o inimigo: principiando a fuga, começou a matança . . .

Em tres quartos de hora o 2.º corpo do exercito, tomando de assalto o forte inimigo, realisou uma das mais ousadas façanhas que registram os annaes dessa porfiada e longa guerra.

Curuzú será sempre o maior florão de gloria para esses *paisanos armados* que o general Conde de Porto Alegre guiou ás plagas inimigas em desafronta da honra nacional.

* * *

No flanco direito da 6.ª companhia do 5.º corpo de caçadores, *um soldado* se distinguira na escalada e na luta á arma branca travada no recinto do forte.

Ainda na meia obscuridade em que principiou o ataque, o coronel Piquet observára por vezes *esse soldado* animar os companheiros e manobrar com precisão a pesada carabina Minié; vira a destresa com que escalára a trincheira guiando o primeiro grupo que por esse lado entrou na fortificação.

Quando começou o intervêro e que as companhias debandaram nessa desordem caracteristica que pronuncia a victoria, na qual soldados e officiaes em grupos formados ao acaso, em absoluta promiscuidade de graduações, agem por conta propria no exterminio do inimigo desmoralisado e vencido, o commandante da 4.ª brigada de caçadores ainda observou o *mesmo soldado* praticar um acto de destresa e sangue frio, quando dirigia o grupo nosso contra outro do inimigo que se retirava combatendo.

Alentado official atirára formidavel golpe de longa e recurvada espada contra um soldado brasileiro, mas o cano da carabina do *companheiro* recebera em cheio a pancada e, por um rapido movimento que faria honra a adestrado esgrimista, embebera no peito do adversario a baioneta triangular...

O coronel chegava junto ao grupo no momento que o soldado, tão opportunamente livre de tal golpe, dizia ao companheiro:

Obrigado, Piriquita!

O coronel Piquet, intrigado com o extranho appellido em tão bravo soldado, reparou então que ainda mais extranho era o seu fardamento: — blusa azul, *saia encarnada* e chapéo de voluntario... duas bolsas cheias de cartuchos e bórnal a tiracollo, cinturão e patrona completavam o equipamento...

* * *

Findo o combate foi a *Piriquita* interrogada...

Simples e natural, a sua presença representando o elemento feminino no assalto de Curuzú; protesto solemne ao preconceito social que empresta á mulher incapacidade para as grandes emprezas.

Na Tranquera do Loreto embarcou o 2.º corpo do exercito nos navios da divisão Torres e Alvim para descer o Paraná até o Passo da Patria.

As mulheres tiveram ordem de acompanhar as bagagens, os fornecedores e a cavalhada que desceram por terra, seguindo á margem correntina até o porto de Corrales.

A *Piriquita*, porém, não estava resolvida a separar-se da *seu homem*, e não tendo coragem de soffrer as dores surdas e acabrunhadoras da saudade, enfronhou-se n'um fardamento, embarcando com a brigada no meio da soldadesca que a protegeu no ardil...

Desembarcou em Itapirú, seguiu para Tuyoty com o 5.º de caçadores que entrou em fogo no Boqueirão e no Sauce (16 e 18 de Julho), arranjando-se por tal forma que a sua presença não foi notada pelos superiores.

Resolvida a occupação de Curuzú, na direita do quadrilatero paraguayo, o Barão de Porto Alegre ordenou que todas as mulheres que já se achavam com o 2.º corpo do exercito seguissem para Corrientes.

A *Piriquita não teve coragem* de cumprir a ordem do quartel general; usou do mesmo estratagema que tão bons resultados lhe dera na Tranquera do Loreto e lá se foi com o 5.º de caçadores cobrir-se de gloria no assalto de Curuzú.

* * *

Quando o 2.º corpo do exercito marchou de S. Borja para o theatro da guerra no Paraguay, levava um verdadeiro exercito de mulheres acompanhando a sua pesada bagagem e immensa cavalhada.

Exercito organisado com paisanos, resentia-se de todos os defeitos inherentes a tropas milicianas.

O Barão de Porto Alegre, encarregado de disciplinar essa massa de *paisanos armados* — que aos reclamos da patria se reuniram em torno do pendão nacional para vingar ultrajantes afrontas do despota paraguayo —, sensatamente tomou a resolução de ir pouco a pouco cortando semelhantes defeitos, á medida que militarisava os corpos — unica maneira, aliás, de evitar as deserções em massa tão communs nos improvisados exercitos da America latina.

Entretanto, a presença da mulher é de extrema necessidade nos acampamentos e si não fosse o perigo de incutir o desanimo no soldado em momentos de ataques subitos ou de insuccesso em qualquer operação, seria medida de grande alcance pratico lhes dar todas as facilidades para acompanhar o marido á guerra.

Refiro-me, porém, á mulher do soldado: á mulher que, pertencendo ás classes inferiores da sociedade, é capaz dos mais nobres sacrificios, da mais sublime dedicação; á que *marcha a pé*, carregando satisfeita e contente a

metade do equipamento do *seu homem:* á que, depois de percorrer a regulamentar dezena de leguas, vae ainda, no bivac, buscar lenha, preparar a frugal refeição, lavar a roupa e cuidar dos filhos; á que, nas ambulancias e hospitaes de sangue cérca de mil cuidados os desgraçados enfermos que nesse ente dedicado encontram compensação do perdido conforto, nas agruras da vida em campanha. (1)

Essa é a mulher necessaria na guerra e si não houvesse cerca de quatro mil filhas de Eva nos acampamentos de Tuyoty e Curuzú quando invadidos pelo cholera, duplicado seria o numero dos victimados pelo terrivel habitante do Ganges.

Porto Alegre assim comprehendeu; levou dois exercitos: só um combatia, o outro ajudava.

---

(1) Testemunhei a fortalesa de animo dessas mulheres, que na minha terra têm o significativo nome de «cunhã de soldado», quando em Abril de 1885 marchei de Bagé para o Caverá com o 17.º batalhão de infantaria.

Muitas vezes, depois de violenta marcha atravez de interminaveis cochilhas, um terço do batalhão ficava prostrado na estrada: jámais vi cahida uma só das 86 mulheres que nos acompanhavam! e ainda mais, quasi sempre, quando os sargentos tomavam alinhamento para acampar, da «aldeia» das mulheres, lá da costa do arroio, já subia esbranquiçado fumo de improvisadas fogueiras, annunciando «boia» aos debilitados estomagos...

Quantas vezes, estendido em minha barraca, exhausto, alquebrado de cansaço por forçada marcha de seis, oito e dez leguas, ouvia gemer a viola, na aldeia, ao compasso da qual ellas «sambavam» toda a noite, e no outro dia, quando recomeçava a viagem, lá iam as nossas companheiras, carregadas de «apetrechos», na rectaguarda da columna, em alegre vozeria!...

MORTE DE SPARTANO

As bandas marciaes do 2.º corpo do exercito já tocavam os hymnos da victoria.

O Barão de Porto Alegre, á frente daquelles paisanos que acabavam de receber o baptismo de fogo, conquistára á baioneta o forte de Curuzú no memoravel dia 3 de Setembro de 1865.

Gonçalves Fontes perseguia os fugitivos paraguayos na direcção de Curupaity; Albino de Carvalho reorganisava os corpos que debandaram durante aquella carga admiravel, sem exemplo em tropas bisonhas, que nos deu a pósse de respeitavel entrincheiramento artilhado com 13 boccas de fogo e guarnecido por 3.500 homens.

Um esforço mais, e o quadrilatero ficaria flanqueado; mas o cansaço das tropas, o numero de feridos e a ignorancia da topographia daquelle intrincado terreno, obrigou o velho soldado de Moron a limitar o feito da dia á tomada do forte avançado da grande fortalesa paraguaya.

Ainda assim foi uma acção digna do soldado brasileiro.

Cumpriram bem os seus deveres os que ali se bateram . . .

* * *

O coronel Astrogildo da Costa, superior de dia, multiplicava-se em assombrosa actividade, providenciando na remoção dos feridos para bordo dos navios da esquadra e auxiliando aos commandantes de divisões e brigadas no restabelecimento da ordem tactica dos corpos, após áquelle combate á arma branca que nos deu não pouca gloria.

Entrava em forma o 2.º corpo de caçadores a cavallo, que combatera a pé, armado á infantaria; Agostinho Piquet ordenava a brigada em columna cerrada

de batalhões, obedecendo á ordem do commando em chefe que mandára cessar a perseguição e entrar em formatura todos os corpos para a revista geral.

Nesse momento se divisou um grupo de paraguayos que passava dentro da matta, fugindo na direcção de Curupaity.

Astrogildo, a todo galope, aproxima-se da brigada Piquet e ordena que a 6.ª companhia do corpo de caçadores estendesse em linha de atiradores com a frente para a matta e fuzilasse o grupo inimigo.

O capitão Julião José Tavares, cumprindo a ordem, estendeu a sua companhia na perpendicular do flanco direito da columna e rompeu cerrado fogo contra aquelles retardatarios que passavam correndo na esperança de alcançar a trincheira do outro forte.

De repente alentado paraguayo surge da macéga que crescia á esquerda de Curuzú: corria em campo aberto, entre a matta e os atiradores na direcção do rio para umas palhoças situadas na angulo da rectaguarda de Curuzú: — um grupo de cerca de 60 brasileiros perseguia o paraguayo aos gritos:

— Não atira...

— Péga á unha...

— Cerca... não mata.

Julião Tavares fez suspender o fogo de sua companhia para deixar passar o perseguido e os perseguidores, pois estes procuravam tomar os lados para metter em circulo o fugitivo que voava para as palhoças em medonhas cabriólas...

O valente paraguayo, naquella carreira vertiginosa, aproximou-se de um monticulo de areia que se erguia no meio do campo; contornando-o, desappareceu no momento mesmo em que o grupo de brasileiros, completando o cerco, alcançou o local em que mysteriosamente sumiu-se o corpulento guarany.

Todos estacaram perplexos ante a subita desapparição do homem de *chiripá* e camisa vermelha: — cautelosamente avançavam para o monticulo no intuito de agarral-o no *fojo* em que o julgavam mettido.

Subito, horrivel detonação esturgiu no espaço: immensa columna de fumo e areia ergueu-se violentamente do sólo, atirando em todos os sentidos os corpos despedaçados do grupo de brasileiros.

Uma hecatombe!

O paraguayo vendo-se perdido não quiz ficar prisioneiro, embora comprehendesse que não lhe queriam tirar a vida, pois nada mais facil a tantos perseguí-

dores que derribal-o a tiro, preferiu morrer dando a morte aos inimigos da patria.

Havia atraz do monticulo, habilmente desfarçada com galhos de arvores, a entrada de um *polvarin* abbobadado, onde guardava-se 1.500 libras de polvora: — penetrar nesse deposito, puchar o isqueiro, chegar a mecha ao explosivo, voar tudo n'um torbilhão espantoso — foi a obra de alguns segundos.

O sólo fendera-se em diversos sentidos; grossos angicos, seculares lapachos, foram arrancados pela raiz e atirados á grande distancia.

Dos sessenta brasileiros foram apenas encontrados alguns braços, algumas pernas longe do lugar do sinistro; a cabeça de um soldado foi cahir a bordo do *Princeza de Joinville*, fundeado a cerca de milha e meia em linha recta!

Dias depois, bandos de urubús denunciavam a presença de carne humana no cimo das arvores alterosas que circumdam o forte de Curuzú.

E assim morreu um bravo, digno dos heróes da antiga Sparta.

O TENENTE VASSIMON

I

Desde que romperam as hostilidades entre o Brasil e a Republica do Uruguay, o corpo diplomatico e os chefes das estações navaes européas no Rio da Prata mostraram decidida sympathia pelo governo *blanco* que dominava a Republica.

Provocava esse sentimento, a politica indefinida do governo brasileiro e a dubiedade de sua acção militar nos primeiros mezes do anno de 1864 — que mais parecia occulta animação ao partido que hasteára a bandeira da revolta, que um formal ajuste de contas entre potencias soberanas.

E ainda mais: o poder de um vasto Imperio contraposto ao de uma fraca Republica, dilacerada e empobrecida pelas guerras civis, a apparencia de *provavel* guerra de conquista, justificada pela tendencia natural das grandes nacionalidades em absorver os pequenos povos visinhos, após esses attrictos de fronteira onde se chocam e se confundem tantos interesses publicos e privados, todas essas razões, que avultavam pela apparencia, alliadas á sympathia que desperta o fraco que luta com o forte, tudo isso, digo, determinava attitude quasi hostil assumida pelos representantes das grandes potencias ante o conflicto brasileo-uruguayo.

Felizmente, a chegada do conselheiro Paranhos (mais tarde Visconde do Rio Branco) ao theatro dos successos, pôz termo á situação embaraçosa em que se achava a politica brasileira no Rio da Prata.

Os *colorados* foram reconhecidos belligerantes e solemnemente declarados alliados do Imperio, em sancção ao accôrdo secreto de Santa Lucia, ficando assim definida a attitude do Brasil em face do direito das gentes.

Officialmente todas as sympathias se voltaram para nós, mas os *sentimentos individuaes* dos agentes euro-

peus continuaram ligados ao governo *blanco*, que *aliás* sabia exploral-os com rara habilidade e maestria admiravel.

II

Atravez das difficuldades inherentes á falta de *mobilisação* do resumido numero de navios da esquadrilha que o governo confiára ao Barão de Tamandaré, o bloqueio dos portos uruguayos ia sendo pouco a pouco estabelecido, mas sem o rigor exigido por esses actos de força.

A impertinencia dos commandantes das estações navaes européas se manifestava a cada passo, agravando a situação e difficultando o objectivo dos brasileiros: ora perturbando a regularidade do bloqueio sob pretexto de que a operação não era feita com sufficiente numero de navios, ora solictiando e *obtendo* a entrada e sahida de barcos mercantes, como deferencia á bandeira amiga a que pertenciam.

Assim, para o Brasil exercer um direito soberano — qual o de exigir do partido politico que dominava a Republica o comprimento de solemnes tratados, e applicação dos mais comesinhos principios de justiça para os seus nacionaes alli domiciliados, sem levar guerra formal a toda nação uruguaya, cujo maioria a nós se acha vinculada pelos estreitos laços de familia e amisade, — tinham os seus representantes de proceder com extrema prudencia para evitar conflictos com os parcialismos neutros, que por todos os modos procuravam embaraçar a nossa attitude, esquecendo com manifesta injustiça o principio nobre e elevado que guiava a politica brasileira no Rio da Prata — principio que se podia resumir nos moldes da magnanimidade e moderação: exigir da facção exaltada que governa o paiz, garantia para a vida, honra e propriedade de 40.000 brasileiros residentes no territorio oriental.

Entretanto, os acontecimentos se precipitaram após o conflicto da corveta *Jequitinhonha* com o transporte uruguayo *Villa del Salto:* a revolução progredia triumphante e os *blancos* perdiam terreno.

Cerro Largo cahia dominado por um fraco destacamento brasileiro; a Florida, ponto estrategico importante da campanha oriental, rendia-se com armas e bagagem ao valente caudilho *colorado* que pouco a pouco ia dominando o interior da Republica e circumscrevendo o poder de seus antagonistas ás tres praças

fortes de Salto, Paysandú e Montevidéo, contra as quaes marchava, atacando-as da peripheria para o centro, com o auxilio das armas do Brasil.

III

A' medida que o governo *blanco* perdia terreno na luta que imprudentemente provacára contra o partido alliado do Brasil, crescia surdamente animosidade entre a officialidade de nossa esquadrilha e a dos navios de guerra europeus.

Sómente os officiaes inglezes faziam excepção nessa regra: mantendo verdadeira neutralidade ante aquelle conflicto sem precedentes nos annaes militares. E apezar do rompimento das relações diplomaticas entre as duas potencias, em consequencia da questão Christie, elles cultivavam essa solidariedade ou espirito de classe que, n'um laço de mutua sympathia, liga todos os marinheiros do mundo.

Um acontecimento inesperado veio realçar a correcção da officialidade ingleza e demonstrar claramente a parcialidade e pouco criterio dos italianos, francezes e hespanhóes.

— O general D. Venancio Flores, chefe do exercito *colorado*, depois de tomar a villa do Salto, auxiliado por alguns dos nossos navios, cercou a cidade de Paysandú, emquanto esperava a divisão brasileira do general João Propicio para assaltar esse forte baluarte dos *blancos*.

No intuito de soccorrer a praça sitiada, antes da chegada das forças brasileiras, o governo de Montevidéo enviou á marchas forçadas uma columna de 2.500 homens ás ordens do general Juan Saá (o *lança secca*) com o objectivo de bater o exercito de Flores, que então se veria apertado pela columna movel de encontro á guarnição da praça.

Flores, sabendo da aproximação de Saá, resolveu contra-bater o golpe e, de combinação com o vice-almirante Tamandaré, levantou o cerco e avançou rapidamente para o rio Negro ao encontro dos *blancos*, emquanto Tamandaré, bloqueiando o porto e hostilisando a cidade, impossibilitava a sahida da guarnição, podendo assim serem batidas as duas forças separadas.

O coronel Leandro Gomez, commandante da praça de Paysandú, valente e exaltadissimo *blanquillo*, resolveu festejar ostensivamente o levantamento do cerco,

certo como estava de que Flores seria batido no Rio Negro, e a praça, soccorrida antes da chegada de João Propicio, sustentar-se-hia, repellindo qualquer ataque do lado do rio.

IV

Para o grande e sumptuoso banquete com que pretendia solemnisar o *começo da victoria*, Leandro Gomez convidou a officialidade dos navios de guerra europeos surtos no porto. Encorporados, em grande uniforme, compareceram ao *festin de Balthazar* os representantes armados da França, Italia, Hespanha e Inglaterra.

Leandro Gomez, rodeado de seu estado maior e autoridades civis, fazia as honras da recepção, ao som das musicas e das salvas de artilharia.

No vasto salão onde ia ter lugar o banquete, via-se nos lindos tropheus que ladeavam a mesa as cores de todas as bandeiras do mundo; no chão, junto á entrada, *estendida com as honras de capacho*, o amiverde pavilhão do Brasil recebia supremo ultrage — para que fôra preparada toda aquella soberba ensenação . . .

Ninguem hesitou pizar aquella emblema de uma nacionalidade amiga; francezes, italianos e hespanhóes tripudiaram alli, limpando as botas naquelle trapo que representava um Imperio: todos seguiram o exemplo do commandante da canhoneira franceza *Dicidié* que primeiro entrou no salão.

A officialidade ingleza, porém, estacou no vestibulo! . . . E o commandante, dirigindo correcta continencia militar ao grupo de officiaes *blancos*, que recebia os convidados, retirou-se immediatamente com os seus commandados.

Debalde foi levantado o *capacho*; debalde o proprio Leandro Gomez, entre mil desculpas, quiz deter os briosos officiaes da canhoneira *Dottorel* . . .

V

A's 6 horas da manhã do dia 5 de Dezembro de 1864, a canhoneira *Parnahyba*, sob o commando interino do 1.º tenente Francisco Antonio Vassimon, tomava posição em frente á cidade de Paysandú, fundeando entre as baterias de terra e a canhoneira *Dicidié*.

No dia seguinte ia começar o bombardeio contra a praça.

Momentos depois atracava á *Parnahyba* a canôa do commandante do vaso francez.

Vinha reclamar contra a *desattenciosa* posição em que fundeára o navio brasileiro, muito estranhando que se interpozesse entre o seu barco e a terra...

Vassimon, polidamente, respondeu que aquelle lugar tinha sido designado pelo seu almirante — *de quem unicamente recebia ordens* — e que, sem elle lh'o ordenar, não levantaria ferro para mudar de ancoradouro.

Então o commandante da *Dicidié*, tomando aspecto arrogante, disse: — *Pois bem, logo que começar o bombardeio, si algum estilhaço tocar o meu navio farei fogo sobre o «Parnahyba». E desde já lhe advirto que toda minha gente é myope...*

— Póde fazel-o a seu salvo, Sr. commandante; nós aqui temos duas baterias: uma para terra e outra para responder-lhe. E posso garantir a V. S. que se ha de dar por satisfeito com a nossa resposta, *porque toda minha gente enxerga perfeitamente...*

A' essa resposta firme e resoluta, o capitão-tenente Mr. Olivier conheceu que se illudira bastante na opinião em que tinha os nossos officiaes: bateu *amigavelmente* no hombro do tenente Vassimon e proferiu estas palavras:

«Comme vous y allez, mon petit commandant! C'est bien; nous restons bons amis. Mais je vous prie, ne dites pas rien du tout á l'almiral.»

E o actual vice-almirante da marinha franceza, Mr. Olivier foi acompanhado até o portaló da *Parnahyba* e o guardião apitava á vóz:

Cabos:...

ELISA LINCH

Nefasta a influencia exercida no animo do marechal Solano Lopez pela celebre aventureira Eloise Alice Linch.

Aos planos tenebrosos dessa mulher extraordinaria, dessa hyena engastada n'um corpo de anjo, se attribue, com razão, a maior somma de crueldades praticadas contra o povo, que vivia escravisado sob o ferreo guante do mais atróz despotismo que se conhece na historia americana, tão fertil, aliás, em tyrannias politicas.

Francia, Lopez I, Rozas e Oribe foram, comparativamente, mais humanos, praticaram menos crimes, fizeram correr menos sangue em tantos annos de absoluto dominio, que Solano Lopez durante o curto periodo da guerra que sustentou contra a triplice alliança.

Essa mulher, reverenciada durante o seu fastigio, acatada e cortejada como a mais poderosa rainha, era, naturalmente, odiada por todas as classes sociaes, e um grito unisono de vingança irrompeu de todo povo no dia em que baqueou o tyranno nas margens memoraveis do Aquidaban.

* * *

Elisa Linch, parte integrante do singular governo que afinal extinguiu-se envolto com a maldição de quatro povos, foi aprisionada em Cerro Corá como *individuo perigoso* ás novas instituições plantadas na Republica, que cumpria expellir do paiz a todo custo, a despeito mesmo das interpretações desfavoraveis que se fizesse no estrangeiro sobre esse acto violento, apparentemente contrario ao sagrado direito de locomoção.

Chegando a Assumpção nos primeiros dias de Abril de 1870, as autoridades brasileiras recolheram-n'a a bordo do transporte de guerra *Princeza de Joinville*, para evitar provavel desacato por parte desse povo em que cada individuo tinha uma vingança a tirar.

A principio era tratada friamente e com certo desprezo pela officialidade do navio, que compartilhava da prevenção e animosidade que existia contra a terrivel aventureira, cuja vida cheia de crimes e infamias despertava o mesmo sentimento de asco e horror que inspira a presença de venenosa serpente...

A astuciosa ingleza, porém, revestindo-se do papel sempre sympathico de perseguida victima do destino, fingindo admiravelmente a resignação que na desgraça é o apanagio das almas nobres, pondo em acção todos os requintes da arte eminentemente feminina da dissimulação, com maneiras affaveis e insinuantes, soube em breve predispôr os animos e pouco a pouco foi sendo admittida nas reuniões da camara dos officiaes, na práça d'armas.

O conselheiro Paranhos, astuto como todo politico, que previa o partido que podia tirar de tal mulher para aprofundar a politica tenebrosa de Lopez, naquelle tempo quasi ignorada, lisongeava-a, vindo diariamente visital-a a bordo, tratando-a com particular consideração e carinho. A' custa de muito trabalho e *diplomacia*, deixando entrever a possibilidade de vir ella residir no Rio de Janeiro, gosando os *favores* de altos personagens, conseguiu arrancar da manhosa prisioneira revelações de alta importancia para esclarecimento de *certos actos* das potencias neutras em relação á guerra que acabava de findar. (1)

---

(1) O—The Standart — periodico inglez que se publicava em Buenos Aires, disse o seguinte:

„...Dizem que Miss Lopez entretem amiudada correspondencia com Lord Palmerston, «o lord cupido de outros tempos»... que é um dos mais furibundos amantes do «sexo» que tem apparecido neste mundo. Não ha muito, apezar dos seus 80 annos, introduziu elle a desordem n'um casal!...

„Mas Lopez nesse caso fazia «vista grossa», certo de que á tão grande distancia só pode haver uma união mystica...

„Sabe-se ao certo que Miss Lopez e Lord Palmerston não se fallam senão em politica e isto é ainda uma prova de amor que a interessante ingleza dá ao seu presidencial amante.

„D'aqui vem que com todo fundamento se attribue a «Lord Cupido» uma parte activa na declaração da guerra ao Brasil...

„A Inglaterra jámais esquece o que considera «injuria»; a victoria moral alcançada pelo Brasil na questão Christie, foi uma «injuria» inflingida ao orgulho inglez. Era preciso tirar desforra. Qual e como será?... disse o poderoso ministro:— Uma luta com o Paraguay; posso auxilial-o ás occultas e vingo-me... Muito bem, depressa uma carta á Miss Lopez.

„Eis ahi como a nova Helena accende o facho da guerra entré os Estados!

„Em que mãos estão os destinos dos Imperios!..."

Excessivamente vaidosa, a ingleza se julgou então personagem de alto valor moral ante as considerações de que era alvo por parte do mais poderoso dos representantes da triplice alliança, pouco a pouco foi se animando a tirar a mascara e, afinal, insolente e orgulhosa, mostrou-se tal qual era e o profundo despeito que a dominava . . .

Soberana, gosára a embriagadora sensação das culminancias sociaes; depois, sorte adversa confundiu-lhe o orgulho no pó da igualdade: hontem o capitolio, hoje a rocha tarpeia (1) . . .

* * *

Certo dia, reunida no tombadilho a officialidade do *Princeza de Joinville*, conversavam sobre a marcha que levára a guerra, as immensas desgraças que pesavam sobre o povo paraguayo, commentando-se a série de circumstancias desaproveitadas pelo marechal Lopez, que vieram pesar na balança politico-militar para a victoria completa alcançada pela triplice alliança.

A Linch emittiu sua opinião:

« S. Ex. o Sr. Presidente *(sempre assim tratava o ex-amante)* teria mudado a face da guerra a seu favor, após a passagem de Humaytá, si, como devia, tomasse o meu conselho. »

Como? perguntaram em côro os officiaes.

« Muito simplesmente: comprando o Delphim, cuja probidade nos era conhecida . . . Tres a quatro mil onças de ouro e a fuga garantida chegaria . . . e assim S. Ex. o Sr. Presidente teria os encouraçados precisos para destruir a esquadra brasileira . . . »

O capitão-tenente Eduardo Wandenkolk, indignado, repelliu em termos asperos semelhante arrojo e tão amargas verdades lançou ao rosto da audaciosa ingleza que a obrigou a retirar-se chorando . . . talvez as primeiras

---

(1) La Situacion — jornal diario da Assumpção, em seu numero de 23 de Setembro de 1870, traz o seguinte epigramma:

No hace un año todavia
que éra impossible pedir
una mirada siquiera
á la hermosisima Linch . . .

Por treinta pesos hoi en dia
— graças al fecundo Orion —
si puede gosar con ella
a toda satisfacion . . .

lagrimas que rolassem pelas faces impudicas da ex-soberana do Paraguay.

* * *

Formosa, intelligente, perfeitamente educada, a Elisa Linch.

Casára com um joven official de um regimento francez e com elle seguira para a Argelia. (1)

Mezes depois entretinha relações amorosas com o coronel do mesmo regimento; mas tendo este contrahido matrimonio com uma filha do governador da colonia, a Linch entregou-se a um russo que desfructava immensa fortuna viajando pelo mundo e ao acaso devia o achar-se no calido clima argeliano.

Destacado o marido para fóra do lugar onde tinha quartel o regimento, passou ella a viver publicamente com o amante, até que, voltando o esposo e encontrando-a em escandaloso adulterio, propôz acção de divorcio, separando-se della para sempre.

O russo em breve deixou-a tambem . . .

Passando á Inglaterra entregou-se a um opulento lord, com quem viajou por toda Europa até que foi pelo mesmo abandonado em Paris em castigo de algumas falcatruas que praticára durante a viagem de *recreio* , . .

Em 1862 vivia em Paris.

Solano Lopez viu-a pela primeira vez no Campo de Marte (funesto presagio) quando assistia a uma revista passada pelo imperador Napoleão III.

---

(1) E' essa a versão mais corrente entre nós sobre o passado de Elisa Linch. (Vid. Leite Castro — «Dicc. Hist.-Geogr. das Campanhas de Uruguay e Paraguay».

Entretanto em um curiosissimo folheto que, entre outras obras de grande valor historico, acaba de me offerecer o illustre Dr. Itiberé da Cunha, nosso ministro em Assumpção, lê-se a p. 19:

„ . . . Y que Madama Linch era casada no cabe dudarlo „ desde que ella misma lo confiessa en 16 de Noviembre de „ 1875, al declarar, bajo su firma, que en 3 de Junio de 1850 „ se casó en Inglaterra, a la edad de 15 años, con Mr. Quatre-„ fages . . . "

O folheto em que se lê tão interessante revelação, tem o seguinte titulo, que bem mostra os assaltos que soffreu a Fazenda publica do Paraguay por parte dos „herdeiros" de seu tyranno:

„ Réclamacion temeraria | Las pretendidas 3.105 leguas | de Terras Publicas en el Paraguay | de | Madama Linch y de sus subrogantes | consideradas ante la Razon y el derecho | .—etc.— Asuncion. Typ. de La Nacion. 1888.—in 4.º de 35 p. en 2 cols.

Oito dias depois era sua amante, passando em seguida para o Paraguay.

Habitando luxuoso palacio em Assumpção, era visitada por tudo que havia de mais selecto na sociedade paraguaya que lhe tributava homenagens proprias de uma soberana.

* * *

Um antecedente curioso, que talvez explique a consideração que mereceu do ministro brasileiro, quando prisioneira . . .

Em Março de 1869, o conselheiro Paranhos foi residir no palacio do marechal Lopez, na capital paraguaya, então occupado pelas tropas brasileiras.

Por acaso encontrou elle sobre uma secretaria riquissimo timpano que o creado informou ser o que usára a Linch em sua alcova.

Paranhos collocou-o em seu gabinete de trabalho para com elle chamar os famulos a seu serviço.

Naturalmente alguns desses creados, que dias depois fugaram para o acampamento do dictador, informaram do occorrido, e a ingleza, coquette como sempre, achou naquelle acaso uma grande honra e quiz pagar fineza com fineza.

Entre os despojos roubados em Matto Grosso pelo general Vicente Barrios, veiu um retrato do conselheiro Paranhos — lythographado no Imperial Instituto Artistico do Rio de Janeiro para a *Galeria de Homens Illustres*, uma das obras bem importantes que se tem publicado no Brasil.

Linch tratou de obtel-o a todo custo e o collocou em seu quarto de dormir na magnifica quinta de Patino-Cué, onde foi mais tarde encontrado pelos nossos officiaes.

Excentricidade ingleza em materia de campanhias . . . (1)

---

(1) O conselheiro Paranhos foi victima da mordacidade de muitos, em consequencia de suas relações com a Linch, tanto que em pleno Senado do Imperio, na sessão do dia 5 de Setembro de 1870, elle julgou dever-se justificar assim.

Sr. Paranhos (ministro dos negocios estrangeiros): . . . Sr. Presidente, o nobre senador perguntou-me si eu, achando-me no cargo de ministro dos negocios estrangeiros, tambem seria de opinião que se prohibisse o desembarque de Mad. Linch no Rio de Janeiro. Eis aqui uma das perguntas, Sr. Presidente, que tomei a liberdade de chamar maliciosas . . .

O Sr. Zaccarias — Não uzei de malicia; declaro . . .

O Sr. Paranhos — ... porque realmente não é um ponto muito importante para que seja liquidado no Senado. O nobre senador, não sabendo como explicar o facto que lhe pareceu repugnante ou injustificavel, disse-nos que talvez o desembarque fosse vedado em consequencia da larga conferencia que eu já havia tido com essa senhora, e pareceu-me que o nobre senador notára que eu em uma communicação official a denominasse „prisioneira".

Sr. Presidente, o facto dessa longa conversação que o nobre senador descreveu com sorriso mui significativo ... não é exacto. Eu estive a bordo do navio chefe brasileiro, onde se achava essa senhora com outros prisioneiros; fallei com ella, tive mesmo intenção de proceder a um interrogatorio. Estavam presentes muitas outras pessoas levadas pela curiosidade, do que resultou que não houvesse tempo para pedir declarações á Mad. Linch. Depois persuadi-me de que taes declarações não podiam trazer luz alguma para a historia nem para averiguação de factos que fossem de interesse immediato. Renunciei, portanto, ao intento de pedir declarações á Mad. Linch. A conferencia, pois, a que alludiu o nobre senador,, que, segundo disseram, foi conferencia larga ...

O Sr. Jobim — De duas horas ...

Outro Sr. senador — Para vêr os archivos ...

O Sr. Paranhos — ... expansiva, não teve lugar. Não é certo ,que eu visse o archivo (riso) que comsigo por ventura conduzisse Mad. Linch; nem sei que ella o tivesse. O mais importante a respeito dos archivos de Lopez tinha cahido em nosso poder desde a tomada de Perebebuy; não precisavamos mesmo de revelações da Linch, altamente suspeita em tudo quanto for relativo á guerra do Paraguay e á memoria ou reputação do ex-dictator Lopez. O desembarque não foi permittido: as opiniões podem divergir a este respeito, mas é provavel que a permissão tambem levantasse censuras.

Mad. Linch estava em condições especiaes. E' crença geral, que não averiguei si bem ou mal fundadas, que ella muito concorreu para a prolongação da guerra e para os actos de crueldade que praticou o ex-dictador: ha muitos depoimentos contra ella nesse sentido.

Ora, nós tinhamos declarado Lopez incompativel: si nunca quizemos tratar com elle, nem ouvir-lhe proposições do paz, que interesse haveria para que permittissemos a satisfação desse desejo de Mad. Linch que esteve sempre ligada ao ex-dictador, que, segundo a crença geral, foi motora de muitas crueldades, que se tornou notavel tambem pelas demonstrações de odio ao Brasil?

Me parece que o governo imperial, prohibindo o desembarque dessa senhora quando ella regressava do theatro de taes façanhas, praticou um acto de dignidade, levou-se de um sentimento que podia ser exagerado, mas certamente era muito nobre."

PASSAGEM DE HUMAYTÁ

Quadro original de DE MARTINO (1)

Reproducção de LUIZ CUNHA

Memoria escripta a pedido do pintor Luiz Cunha para a exposição inaugural do novo quadro.

I

RESUMO HISTORICO

A fortalesa de Humaytá, considerada praça forte de primeira ordem, foi reputada inexpugnavel pelas

(1) Edoardo De Martino, o celebre pintor de marinhas que tão assignalada deixou a sua passagem pelo Brasil, chegava em 1869 á cidade do Rio Grande, baldo de recursos, após sua deserção militar da estação naval italiana no Rio da Prata, em consequencia de ter repellido á bala injuriosa afronta de um official superior; desgostoso, não quiz esperar o veredictum de um conselho de guerra. Hoje, millionario, com universal reputação firmada, vive na Inglaterra gosando o immenso prestigio artistico que soube conquistar á força de talento e trabalho.

Obtendo aqui algum auxilio de particulares, pintou o magnifico quadro «Passagem de Humaytá», o seu primeiro trabalho no Brasil, que vendeu por 1:000$000 á Camara Municipal.

Conservado o quadro sem o menor cuidado até 1895, um funccionario municipal entendeu dever limpal-o e arranjar qualquer ingridiente que o preservasse das moscas e da poeira: lavou-a com potassa e estendeu sobre a téla grossa camada de cólla á guisa de verniz!... isso em pleno inverno, na estação humida. Quando veiu o vérão, o calor contrahiu a cólla e a esplendida téla, estallando em todos os sentidos, inutilisou-se completamente!

O intendente municipal, Dr. Manoel Ignacio de Lacerda Werneck, encarregou então o pintor Luiz Cunha de reproduzir o original: o trabalho está feito o melhor que é possivel esperar de uma cópia, não possue, porém, os tons e as côres do primitivo quadro com as nuances só proprias do pincel de De Martino.

Sobre a destruida téla, que não soubemos conservar, eis como se exprime Vittorio Vechy:

„... E' gloria nostra che le dure battaglie sui fiumi siano ricordati sur tela dal pittore Edoardo De Martino da Sorrento,

summidades militares da epocha, notadamente o almirante Mouchez que a visitou alguns annos antes de declarada a guerra, quando ainda se achavam incompletas suas obras complementares.

Edificada na parte concava de grande curva do rio Paraguay, apresentava perfeita figura de gigantesca ferradura, n'um canal de oitocentos metros de largo e com o desenvolvimento de sete e meio kilometros.

Montava 180 canhões em quatorze baterias para o lado do rio.

Proximo ao angulo *S* da fortalesa, em oito metros acima do nivel maximo das aguas, erguia-se a celebre bateria de *Londres*, casamatada, com dezoito canhões de 80 calibres; seguiam-se: a da *Cadena*, á barbeta, com dezeseis peças; a de *Ambóro* prolongava-se para o N, com dez; a da *Concha*, com quatorze; a de *Humaytá*, com duas de 120 calibres; *Maestrança*, com uma; *Taquary*, com seis; *Coimbra*, com tres; *Commandancia*, com cinco; *Octava*, com onze; *Cambrone*, com doze; *Umbú*, com onze.

Do lado de terra, trinta e seis boccas de fogo de 32 e 68 guarneciam o sector denominado — *Division del Sur* — e quarenta e quatro, a maior parte de 68, cobriam o sector *Division del Este*.

Toda artilharia do lado do rio podia em dado momento convergir o fogo para o ponto mais estreito do canal, onde triplice linha de *cadêas de fragata*, cóchadas com duplo fôrro de cabos de arame, o atravessava obliquamente, apoiado em pontões de ferro.

Um navio, detido por essa fortissima corrente, desgovernado pela reveza das aguas, sem manobra possivel em consequencia da estreiteza do canal que não offerecia espaço para virar ainda mesmo empregando as helices, — estaria irremediavelmente perdido sob acção de 100 boccas de fogo de grosso calibre, por mais poderosa que fosse a couraça que o revestisse.

II

Resolvido pelo marechal Marquez de Caxias, commandante em chefe de todas as forças brasileiras, o

---

un tempo sotto-tenente de vacello nell'armata italiana ed ora meritamente considerato come il migliore penello marinista vivente.»

— Vid. — Storia Generale della Marina Militare. — Firenze 1892.

forçamento das temerosas baterias afim de completar o cerco da praça com a occupação da parte superior do rio e operar contra as linhas de recursos do inimigo, o vice-almirante Barão de Inhauma (1) entregou ao capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho (2) uma divisão de couraçados para levar a effeito o ousado commettimento.

No porto Elisiario organisou-se a expedição com os seguintes navios:

Barroso — Capitão-tenente Arthur Silveira da Motta. (3)

Bahia — Capitão de fragata Guilherme José Pereira dos Santos. (4)

Tamandaré — Capitão-tenente Augusto Cezar Pires de Miranda. (5)

Pará — 1.º tenente Custodio José de Mello. (6)

Rio Grande — 1.º tenente Antonio Joaquim. (7)

Alagôas — 1.º tenente Joaquim Antonio Cordovil Maurity. (8)

Para proteger a operação e durante ella bombardear as fortificações do inimigo, seguiram os couraçados:

Lima Barros, com o pavilhão do chefe José Maria Rodrigues, e o *Silvado*, que deram fundo em frente á bateria de *Londres*, para batel-a e metralhar todo o espaço alcançado pelos seus canhões: o primeiro propositalmente encalhou de prôa e o ultimo amarrou-se ás arvores da margem para maior estabilidade dos fogos.

Em linha, junto á costa do Gran-Chaco, postaram-se o *Colombo* e o *Cabral*. O *Brasil*, com o pavilhão do commando em chefe, collocou-se a meio do rio, no

---

(1) Mais tarde almirante e visconde. Depois de destruir todas as fortalesas paraguayas, retirou-se do theatro da guerra, fallecendo ao chegar no Rio de Janeiro a 8 de Março de 1869.

(2) Por esse feito foi agraciado com o titulo de Barão da Passagem. Falleceu no posto de almirante a 20 de Maio de 1896.

(3) Agraciado com o titulo de Barão de Jaceguay. Hoje assigna-se Arthur de Jaceguay. E' um dos poucos sobreviventes desse feito glorioso e um dos profissionaes mais competentes da nossa marinha.

(4) Falleceu no naufragio da lancha «Pimentel», no rio Paraná, a 1.º de Novembro de 1868.

(5) Falleceu de molestias adquiridas nessa campanha.

(6) Hoje almirante e desgraçadamente no quadro effectivo da armada!... Adquiriu tristissima celebridade chefiando a revolta de uma parte da esquadra nacional em 1893.

(7) Falleceu no combate de abordagem que sustentou o monitor «Alagôas», de seu commando, a 9 de Agosto de 1868 no Tagy.

(8) Hoje almirante.

lugar de maior perigo e ponto de convergencia para a metade dos canhões da praça.

No porto Elisiario o couraçado *Mariz e Barros* ficou guardando o hospital de sangue e os depositos.

Na Lagoa Pires, o capitão de mar e guerra Affonso Lima, com as canhoneiras *Iguatemy*, *Mearim*, bombardeira *Pedro Affonso* e chata *Mercedes*, tomou posição conveniente para bater de revéz as baterias contrarias.

Diante do forte Curupaity, o contr'almirante Torres e Alvim postou-se com as canhoneiras *Magé*, *Belmonte*, *Beberibe*, *Ipyranga*, *Araguay*, *Princeza de Joinville*, bombardeira *Forte de Coimbra* e chata *Cuevas*, com ordem de bombardeal-o vigorosamente logo que o inimigo presentisse a aproximação dos couraçados.

III

A' meia noite de 19 de Fevereiro de 1868 suspendeu toda a esquadra e a expedição do capitão de mar e guerra Delphim de Carvalho navegou rio acima.

O *Bahia*, governando mal, encalhou no Chaco, e, desembaraçado após grande trabalho, aproximou-se do navio almirante: o pratico do rio manifestou receio de investir assim o estreito canal; a resposta do Barão de Inhauma foi breve e concisa:

— Siga!...

O *Barroso*, com o monitor *Alagôas* abóssado por B B, tomou a dianteira; o *Bahia* com o *Pará* navegaram na rectaguarda da linha.

A's 3 horas da madrugada a esquadrilha investiu o canal fortificado.

O inimigo, apercebido do nosso movimento pelos signaes de foguetes atirados de Curupaity, rompeu o fogo: toda a esquadra respondeu.

IV

Simultaneamente com a operação naval, moveu-se todo o exercito alliado contra as linhas do quadrilatero, abrangendo o circulo da acção um raio de doze leguas geographicas.

Ao serem ouvidos os primeiros tiros da esquadra, o 2º corpo do exercito, ao mando do marechal Argollo Ferrão, avançou de Tuyoty contra os sectores de Rojas, Sauce e Espinilho; o exercito argentino, sob o com-

mando do general Gelly y Obes, auxiliado pelas tropas uruguayas do general Enrique Castro, atacou o Angulo e o Passo Canôa; o 3.º corpo do exercito, guiado pelo marechal Osorio, sahiu de Tuyo-Cué contra o sector de Passo-Pocú.

O general Andrade Neves, á frente de uma divisão de 7.000 homens das tres armas, atacou o forte *Estabelecimento*, obra avançada de Humaytá, defendido por 2.000 homens, 15 boccas de fogo e dois navios no rio que lhe protegiam os flancos.

V

«De repente», diz o almirante, «grandes fogueiras illuminaram o Chaco em frente ao canal, recrudece a furia do inimigo e a atmosphera tornou-se uma abobóda de ferro e fogo: *na minha longa vida militar* nunca vi espectaculo tão grandioso.

«A's 4 horas um foguete lançado além das cadêas, annunciou-me ter o primeiro grupo dos nossos navios transposto esse passo.

«O enthusiasmo com que este signal foi recebido pelas guarnições da esquadra, é indescriptivel.

«Outro foguete depois e terceiro mais tarde, deram-me a conhecer que a victoriosa 3.ª divisão demandava já novos perigos, tendo vencido os primeiros, reputados insuperaveis.

«Vejo, porém, vir aguas abaixo um monitor.

«Era o *Alagôas*, que, cortados por balas inimigas os cabos do seu reboque, quando já havia ultrapassado as cadêas, fôra obrigado a separar-se de seu chefe e vinha receber ordens á esquadra.

«Ordenei-lhe que désse fundo.

«Mas seu commandante, 1.º tenente Antonio Joaquim Cordovil Maurity, ouviu tanto a minha ordem como Nelson viu em Copenhagen pelo olho cégo o signal de retirada que lhe fez Parker: seguiu rio acima e lá foi em demanda de sua divisão.

«Arrojos como este só os pratica um verdadeiro bravo; deixei-o seguir seu bello destino.

«Deus protege actos tão nobres.

. . . . . .

. . . . . ,

«O fogo de Humaytá cobria o fraco monitor; ia amanhecer, elle ficaria exposto a irremediavel e infallivel ruina; um novo foguete annuncia-me a sua passagem.

«Estava ganha uma grande victoria, estava resolvido um difficil problema: a marinha brasileira tinha-se elevado á altura das mais importantes.

«O prestigio de Humaytá esvaecera-se como em 15 de Agosto esvaccera-se o de Curupaity; o memoravel 19 de Fevereiro ia registrar não só uma victoria, mas ainda um acto da mais insigne bravura: o feito do 1.º tenente Maurity.»

VI

MOMENTO HISTORICO

O quadro representa a parte *S* da fortalesa, deixando vêr nitidamente a casamata da bateria de *Londres;* um pouco confusa como que cobertas por nuvens de fumo, se avistam as da *Cadena*, *Ambóro e Concha* e os diversos aquartelamentos situados atraz e um pouco ao longe.

O couraçado *Brasil*, fundeado a meio canal, bombardeia as quatro baterias paraguayas que lhes ficam ao alcance; o *Cabral* e o *Colombo*, protegidos pelas sombras da densissima matta do Chaco, batem todo o espaço fortificado desde a bateria de *Londres* até o extremo *S* da praça.

Os couraçados *Lima Barros* e *Silvado*, postados junto á alterosa barranca da margem esquerda, em vantajosa posição, cobrem de granadas a parte da fortalesa comprehendida entre as baterias *Concha*, *Humaytá*, *Maestrança*, *Taquary*, *Coimbra* e *Cambrone*, ficando ao alcance de seus poderosos canhões a igreja de S. Carlos, os aquartelamentos de infantaria, o quartel general e os depositos de viveres da 1.ª divisão.

Montando a peninsula do Chaco, em frente á bateria da *Cadena*, vê-se o couraçado *Tamandaré* e o monitor *Pará* transpondo o local de maior perigo, onde a reveza das aguas maior acção exerce sobre o flanco do navio que sóbe, em consequencia da direcção curvelinea da corrente.

Entre o navio almirante e o ponto em que se vê fundeado o *Lima Barros*, apparece bem visivel o monitor *Alagôas*, illuminado pelo clarão da fogueira do Chaco, enfrentando aguas acima o fogo convergente dos 18 canhões da bateria de *Londres:* é o episodio mais interessante da passagem de Humaytá, realisado com tanta felicidade que os contemporaneos o igua-

laram ás grandes emprezas de Nelson, Hamelin e Farragut.(1)

O clarão que se nota no horisonte, no fundo, é produzido pelo fogo dos 80 canhões paraguayos, oppostos aos exercitos alliados, respondendo ao bombardeio das 160 boccas de fogo que manobravam desde Tuyoty até o forte do Estabelecimento.

No momento da acção funccionavam 589 peças de artilharia e cerca de 50.000 fuzis; as aguas do rio agitavam-se em ondas de altura nunca vista alli; o ribombo dos canhões era ouvido em Itapirú, Passo da Patria e Corrientes.

«... O horisonte em toda a vasta extensão occupada pela nossa linha permaneceu desde então como que illuminado sinistramente pelas chammas de um vasto incendio.

«As bombas, as balas razas, as granadas, os foguetes, os tiros de fuzil se entremeavam e se succediam de tal forma, que não havia o intervallo de um momento nem o repousar de um instante.»

---

(1) O episodio do «Alagôas», vae com os annos se transformando em exagerada lenda, com grave prejuizo da verdade historica. O proprio almirante exagerou o facto.

A verdade é esta: O monitor passou ainda protegido pelo escuro da madrugada, graças as suas pequenas dimensões que permittiram navegar, no primeiro ramo da curva, encostado ás barrancas da margem esquerda, e, depois de transportar as correntes, bem encostado ao Chaco envolto nas sombras da matta. Duas vezes sómente esteve exposto: quando enfrentou a bateria de «Londres» e quando, atravessando obliquamente o canal em frente da «Cadena», passou para a margem direita — nesta sujeito a grave perigo, porque podia receber fogo pelos flancos e pela pôpa.

O mais que se conta é lenda: não houve abordagem nem o navio passou com dia claro.

O MARQUEZ DE TAMANDARÉ

Carta dirigida ao *Diario do Rio Grande*, que a publicou no dia seguinte ao do fallecimento do almirante Tamandaré.
Transcripta na *Revista da Academia Cearense*, tom. III.

Curiosa e bem interessante a *origem* do titulo nobiliarchicho do legendario marinheiro hontem fallecido no Rio de Janeiro.

Facto pouco conhecido e, ao que parece, ignorado pela maioria dos que tem escripto sobre o glorioso almirante, cuja biographia, cheia de lances heroicos, de actos de nobre valor e accendrado patriotismo, abrange a historia da marinha militar do Brasil desde a independencia até hoje, merece ser relembrado para que os seus conterraneos conheçam como o illustre rio-grandense conquistou esse titulo que o collocava nas culminancias da hierarchia nobiliarchica do passado regimen, e, ainda mais, a *razão* porque o imperial nobilitante escolheu em Pernambuco e não no Rio Grande do Sul o local erigido em baronato para agraciar o eminente cidadão que, aos 13 annos de idade, aspirante ainda, mereceu de lord Cockrane as memoraveis phrases pronunciadas em presença de D. Pedro I — o fundador do Imperio:

— *Magestade, aquelle senhor será o Nelson brasileiro.*

Acontecimentos bem distinctos, apparentemente sem connexão, deram *causa* e *origem* á concessão desse titulo, o mais elevado que no segundo Imperio usou um official da nossa marinha de guerra.

* * *

A 24 de Agosto de 1848 sahia do porto de Liverpool, em viagem de experiencia, o vapor *D. Affonso*, sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa.

Levava a seu bordo, além de outras pessoas, a princeza D. Francisca, seu esposo o principe de Join-

ville, os Duques de Aumale, o embaixador brasileiro junto á côrte de Londres e o chefe de esquadra Greenfell.

Uma hora depois de penetrar no oceano, horroroso espectaculo se apresentou aos olhos attonitos dos passageiros do *D. Affonso:*

Alterosa galera, mareando a todo panno, ardia em chammas . . .

No convéz da *Ocean Monarc* se distinguia grande numero de pessoas correndo espavoridas de um para outro lado; a maior parte se refugiava no castello de prôa, no gurupés e até no pica-peixe.

A galera, com todo panno largo, demorava a sete milhas a barlavento (oeste) do navio brasileiro; pouco a pouco, porém, fôra virando, até alcançar a bolina: pondo a prôa ao vento, fundeou.

Já ardia o velame do mastro grande e da gata e as chammas que subiam ao céo envoltas em espesso e negro fumo, alastravam a coberta envolvendo o apparelho e massame que, desprendendo-se das alturas com horrido fragor, levantavam nuvens de fagulhas do braseiro, ou grandes columnas d'agua nos flancos do navio.

Medonho espectaculo!

A situação daquella desgraçada gente era desesperadora: alguns momentos mais e o fogo destruiria os ultimos pontos de refugio onde tantos infelizes esperavam a mais tremenda das catastrophes.

. . . . . .

Salve-os, por Deus, commandante. Salve-os! . . . exclamava sem cessar a princeza de Joinville.

E o commandante brasileiro, sem se arreceiar do perigo que corria o seu navio, cujos paióes estavam attestados de polvora e explosivos de todo genero, navegou a todo vapor para o logar do horrivel sinistro.

Quatro escaleres cahiram ao mar. Do primeiro, partiu um marinheiro (1) levando preso á cintura o merlim de forte espia; nadou corajosamente, com força herculea, por entre immensa quantidade de mastaréos, cabos, velas e milhares de destroços que fluctuavam enredados em volta do barco incendiado e, dando volta á espia nas amarras do *Ocean Monarc*, estabeleceu o salvador cabo de *vae-vem*.

(1) Joaquim de Sant'Anna Gaioso era o valente marinheiro que praticou essa façanha. Natural de Acarahú, desde a mais tenra idade teve como escola pratica os cinco páos da jangada cearense, d'onde sahem os melhores marinheiros do Brasil.

Cento e sessenta pessoas foram salvas pelos escaleres brasileiros, cujas guarnições, lutando com o vagalhão que lhes batia os flancos, difficilmente poderam conter a soffreguidão de tantos desgraçados que, á uma, queriam abandonar aquelle immenso braseiro perdido na solidão do oceano.

. . . . . .

. . . . . .

Dois dias depois, formada a guarnição do *D. Affonso*, o commandante Marques Lisboa ordenava a leitura de um officio do embaixador brasileiro, communicando que o Duque de Aumale enviava 100 libras sterlinas para «os bravos marinheiros que tão relevante serviço haviam prestado á humanidade . . .»

E quando o chefe daquelle punhado de valentes recordava a situação dos infelizes naufragos, que se viam abandonados, sem recursos, orphãos a maior parte mendigando a caridade publica, um marinheiro adiantou-se e disse:

Senhor Commandante, nós cedemos o dinheiro aos naufragos da galera . . .

Sim, cedemos, cedemos, respondeu em côro a marujada.

E assim, os marinheiros do Brasil *cederam* ás victimas do *Monarcha do Oceano* o ouro com que a liberalidade do principe quiz gratificar tão nobre dedicação e coragem demonstrada na horrivel catastrophe da galera ingleza.

Ao commandante do *D. Affonso* offereceu S. M. Britannica riquissimo chronometro de ouro, cravejado de custosos brilhantes, com esta inscripção:

Presented
By the
British Governement
to
Captain Joaquim Marques Lisboa
of the steam frigate
AFFONSO
of the Brazilian Imperial Navy
In Testimony of Their Admiration
Of The Gallantry And Humanity
Disployed By Him
In Rescuing Many British Subjects
From The Burning Wreck
Of The Ship
Ocean Monarch
August
1848

*
* *

No dia 6 de Março de 1850, o posto semaphorico do Morro do Castello assignalava um navio em grande perigo fóra da barra do Rio de Janeiro.

Era a náo portugueza *Vasco da Gama* que, colhida na vespera por medonha tempestade, fundeára a poucas milhas do pharol da Raza totalmente desarvorada, batida ainda por alterosos vagalhões do sudoeste.

O vapor *D. Affonso*, ainda sob o commando do capitão de mar e guerra Joaquim Marques Lisboa, suspendeu do *poço* em soccorro da galera portugueza, ás 11 horas da manhã.

Ao meio dia fazia a primeira tentativa para passar o virador, mas o escaler que se arreiou mal se desprendeu das talhas, foi emborcado por um vagalhão, salvando-se a custo os tripolantes.

Amainando um pouco o vento, Marques Lisboa tentou audaz manobra para passar o cabo de reboque ao vaso portuguez — unica, aliás, naquella situação que podia dar bom resultado, mas revestida de immenso perigo de abalroamento e conseguinte perda dos dois navios em vista da immensa agitação do mar.

Fazendo ala e larga para se collocar pelo travéz da *Vasco da Gama*, que proava ao vento, o *D. Affonso* avançou resolutamente a toda força, e pouco depois, moderando a marcha, se prolongava borda á borda, tão de perto quanto permittiam as guinadas do navio:— possante marinheiro, do castello, atirou o chicote de merlim com tanta felicidade que momentos depois o virador era colhido, ao som da *lupa*, pelos tripolantes da náo portugueza.

A perigosa manobra fôra coroada do mais feliz exito.

Eram 4 horas da tarde; ás 6, immensa multidão de curiosos apinhada no cáes, ao longo do littoral, assistia enthusiasmada, commovida, á entrada da alterosa náo rebocada pelo *chipper D. Affonso*.

III

Vinte e cinco milhas ao S S O do Cabo de Santo Agostinho, na latitude sul de 8° 42′ 35″, extensa solução de continuidade no grande recife que corre ao longo da costa de Pernambuco, constitue a entrada do porto de Tamandaré, o melhor ancoradouro daquelles paragens, pertencente hoje ao municipio do Rio Formoso.

Em frente á barra ergue-se a grande fortalesa de Tamandaré, construida pelos hollandezes, n'uma excellente posição para a defesa do porto, á margem do ribeiro do seu nome.

E' um polygono, systema Vauban, com 113 palmos por face nos baluartes; os flancos, com 45, são perpendiculares ás cortinas que apresentam 220 de frente. As linhas de defesa fixas são dirigidas a um sexto de angulo dos flancos, offerecendo assim a maxima difficuldade para a escalada e o maximo effeito para o cruzamento de fogos. (1)

* * *

A 21 de Novembro de 1859 dava fundo no porto de Tamandaré a divisão naval do chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa, composta da fragata *Amazonas*, corveta *Paraense* e canhoneira *Belmonte*, que comboiava o paquete *Apa*, a cujo bordo iam SS. MM. Imperiaes em viagem de recreio pelas provincias do norte do Imperio.

Desembarcando o Sr. D. Pedro II, examinou detidamente a grande fortificação em cujas arruinadas muralhas ainda se viam vestigios da época gloriosa e memoravel do dominio hollandez no Brasil.

Relembrando alguns feitos da epica luta de sessenta annos, occorridos nesse historico local, referio Marques Lisboa ao Imperador que na defesa dessas ameias perdera um irmão, o Major Marques Lisbôa, cujos restos mortaes ainda jaziam no pequeno cemiterio da villa e que, aproveitando tão propicio momento, pedia licença para transportar em seu navio para o jazigo da familia, no Rio de Janeiro, aquellas cinzas tão caras ao seu coração.

D. Pedro, sempre grande, sempre propenso ás nobres e generosas acções, sensibilisado por aquella manifestação de fraternal amisade, não só accedeu ao desejo do almirante, como assestio a exhumação dos ossos e o acompanhou até a bordo do *Apa*, onde arvorava a sua imperial insignia.

* * *

(1) Hoje, quasi abandonado, ameaçando ruinas, para nada serve ante a artilharia moderna. Só a posição é aproveitavel para um forte blindado.
Em seu tempo foi uma fortalesa de primeira ordem.

Manoel Marques Lisbôa, por alcunha *Pitanga*, que posteriormente usava como appellido *official*, tomou parte na guerra da Independencia, bateu-se com valor em Pirajá (8 de Novembro de 1822 e 7 de Janeiro de 1823) ás ordens do General Pedro Labatut.

A alcunha *Pitanga*, fôra dada pela celebre heroina da *Independencia D. Maria Quiteria de Jesus*, (1) porque, durante o cerco da cidade de S. Salvador, tinha por habito se approximar diariamente das linhas portuguezas, que não cessavam de lhe fazer fogo, emquanto elle tranquillamente comia os fructos de umas *pitangueiras* situadas nas proximidades da praça — que então estava cercada pelas tropas brasileiras do tenente coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque. (2)

Expellidas da Bahia as tropas lusitanas do general Ignacio Madeira, seguio o major *Pitanga* para Pernambuco, commandando o 2.º batalhão de caçadores (golla e canhão azul).

Pouco depois rebentava ali a revolução de 1824, a principio sem objectivo politico, mas pouco depois transformada nessa desastrosa guerra civil de que resultou a ephemera e gloriosa *Confederação do Equador*, monumento de audacia, valor e patriotismo, que tanto sangue generoso fez escorrer dos patibulos de Pernambuco, Parahyba e Ceará.

Abraçando o partido do presidente Manoel de Carvalho Paes de Andrada, o Major *Pitanga* foi incumbido da defesa do importante ponto de Tamandaré afim de evitar o desembarque das forças imperiaes nesse facil e seguro ancoradouro.

A 8 de Junho de 1824 o major Pitanga á frente

---

(1) D. Maria Quiteria alistou-se como «soldado» no exercito libertador, distinguindo-se sempre nos combates pelo heroismo, indomavel coragem e força physica pouco commum — qualidades que alliava á conducta digna de uma senhora da mais fina educação.

Mais de uma vez, empunhando a bandeira do nascente Imperio, estimulava no mais alto grao o brio dos soldados que a adoravam. O Imperador D. Pedro I, na Bahia, tirou de seu proprio fardão a insignia do Cruzeiro e collocou-a no peito da jovem heroina, que recebia assim do monarcha a sagração do seu patriotico valor.

O decreto n. .... de 20 de Agosto de 1823 concedeu-lhe as honras, o soldo e gratificações do posto de alferes do exercito.

Mylady M. Graham, em sua interessante obra — Journal of a Voyage to Brazil (Londres, 1824) nos dá o retrato da heroina e bem curiosos pormenores de sua vida.

(2) Mais tarde Visconde de Pirajá.

de seus caçadores desalojou de Tamandaré uma força contraria, tomando-lhe muita munição, viveres e á tiros de peça obrigou a fuga o brigue *Bahia* que auxiliára a defesa do porto.

Constando no quartel general das forças imperiaes que os rebeldes haviam occupado o forte de Tamandaré, uma expedição, destacada do corpo de exercito, que em onze vazos de guerra vindos da Bahia, desembarcou a 18 de Agosto em Maceió, ás ordens do general Francisco de Lima e Silva, seguio da Barra Grande para retomal-o o que realisou a 2 de Setembro seguinte. (1)

Logo aos primeiros tiros cahio mortalmente ferido o major *Pitanga* que poucos momentos sobreviveu a victoria dos contrarios.

IV

De regresso ao Rio de Janeiro, na primeira reunião do ministerio, D. Pedro II lembrou ao conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz (2) a concessão de um titulo ao chefe de esquadra Marques Lisboa, justificando-o não só com os serviços prestados desde a sua primeira praça, como os desta viagem, lembrando os casos do *Ocean Monarc* e *Vasco da Gama*, pelos quaes merecera significativas manifestações de apreço dos governos da Grã-Bretanha e Portugal.

Francisco Xavier Paes Barreto, ministro da marinha, aventou então a ideia de agracial-o com um baronato no Rio Grande do Sul, de onde era filho, mas D. Pedro, ainda impressionado pelo episodio do major Pitanga, mandou lavrar o decreto concedendo-lhe o titulo de *Barão de Tamandaré*, em homenagem, dizia, á memoria do irmão, veterano da independencia, morto nas ameias do velho forte pernambucano. (3)

---

(1) Nesse encontro foi gravemente ferido o tenente-coronel de engenheiros Conrado Jacob Niemeyer, mais tarde um dos membros da «Commissão Militar» encarregada das celebres devassas sobre a Confederação do Equador, que tantos patriotas enviou ao patibulo.

(2) Presidente do conselho de ministros do gabinete de 10 de Agosto de 1859.

(3) Uma das maiores preoccupações do grande Imperador, era «unificar» os brasileiros, isto é, fazel-os esquecer sentimentos de provincia.

Eis por que serie de circumstancias Joaquim Marques Lisboa, o *Nelson brasileiro*, teve um titulo nobiliarchico de *origem* verdadeiramente republicana.

---

mentos bairristicos, para lembrar-lhes unicamente que a patria commun era o Brasil.

Hoje está solapada a grande obra do velho monarcha: brasileiros degenerados exploram a ignorancia do povo pregando a necessidade das «pequenas patrias», no que, infelizmente, são ajudados pela maldita «federação» que cedo demais ha de subdividir o Brasil em «republiquetas» sem o menor prestigio perante o mundo.

UMA BALA HISTORICA

Existe em meu poder a bala que victimou o legendario Barão do Triumpho — o Murat da cavallaria brasileira.

E, como esse pedaço de mineral, fundido ao acaso, roubasse ao Brasil um dos seus mais valentes generaes, fazendo tombar para a eternidade o *bravo dos bravos* (1), merece que se recorde detalhadamente a sua historia.

Dolorosos pensamentos occorrem ao espirito, despertando amargas reflexões sobre a misera contingencia da humanidade, quando, no silencio do meu gabinete, contemplo essa porção minima de chumbo de que se serviu o destino para cortar a existencia de um vulto da estatura de Andrade Neves, acostumado a ignea atmosphera das batalhas, cujo nome, aureolado por um arrojo sem par, fazia tremer as massas inimigas a quem combatia sempre vencendo.

A's 3 horas da madrugada de 21 de Dezembro de 1868, Andrade Neves penetrava no potreiro Marmoré, á frente de sua divisão, para contornar o inimigo acastellado nas celebres linhas das Lomas Valentinas.

O ataque, iniciado ás 6 horas da manhã, tornára-se tremendo, combatendo-se com furor. O inimigo, desenvolvendo extraordinaria bravura, defendia palmo a palmo os seus ultimos entrincheiramentos: a mortandade era medonha.

As granadas fendiam os ares em todas as direcções e o estrepito continuo da fuzilaria demonstrava a energia daquella luta bem poucas vezes igualada.

A's 6 horas da tarde a columna da esquerda, ás ordens do general Jacintho Machado, tomava de assalto a primeira linha dos entrincheiramentos paraguayos,

(1) Como o qualificou o marechal Marquez de Caxias, na ordem do dia em que noticiou ao exercito o seu passamento.

mantendo-se na posição conquistada até o dia 28, a despeito dos ingentes esforços empregados para reconquistal-as.

A's 6 1/2 horas da tarde, Andrade Neves recebia grave ferimento: uma bala inimiga quebrando-lhe o osso do tornozelo, encravou-se nos ossos posteriores do pé direito. Esmagado quasi esse membro, a ferida parecia ter sido produzida pelo choque de um estilhaço de bomba, e os medicos, conhecendo a extrema gravidade de semelhante fractura, em um corpo já debilitado por uma febre continua, não quizeram sujeital-o a um exame por demais doloroso, nem abreviar existencia tão preciosa com uma amputação de resultados problematicos.

Transportado para o antigo palacio do marechal Lopez, depois que as nossas tropas se apossaram de Assumpção, ali falleceu na manhã de 6 de Janeiro de 1869.

Quando em 1873 o corpo do illustre rio-grandense veio para o Brasil, deu-se em Porto Alegre o seguinte facto que veio demonstrar a verdadeira causa de sua morte, geralmente admittida como consequencia de febre perniciosa.

Na occasião de mudar-se os restos mortaes para outro caixão, *cahiu d'entre os ossos do pé direito* esse projectil que me foi confiado pelo general José Joaquim de Andrade Neves, filho do illustre Barão do Triumpho.

Juntamente com o projectil o illustre herdeiro de tão glorioso nome confiou-me uma sobrecarta com os seguintes dizeres:

« Provincia do Sul — Porto Alegre.
« Dentro deste sobr'Escripto acharão hum papel « q. foi posto dentro d'hua Garrafa e sepultado com « o Corpo do General Barão do Triumpho, na Ca- « pital da Republica do Paraguay, a 26 de Janeiro « d'1869. Andrade Neves foi ferido a 21 de De- « zembro d'1868; derão-n'o morto de Febre: mas « na Exumação de seus Restos Mortaes, achou-se « n'hum pé huma balla de Chumbo feita a martello « — d'adarme 17!.... Esta balla de peso 8 oitavas « acompanha este.

$18\frac{29}{4}73$

P. C. »

O papel a que se refere o documento acima, tem os seguintes dizeres já quasi apagados:

« Aqui Jazem os restos mortaes do Barão do « Triumpho, fallecido a 6 de Janeiro de 1869 e « sepultou-se a 7 do mesmo mez. »

Paraguay.

Barão do Triumpho.
Fallecêo a 6 de Janeiro de 1869
Este papel foi posto dentro
d'hua Garrafa e sepultado
com o B. do Triumpho para
maior signal.

Tirado no dia 5 de Julho de 1872 para seguir para a provincia do Sul onde nasceo.

Chegou a Porto Alegre a 24 de Abril de 1873 e seguiu para Rio Pardo a 26 do mesmo mez.

P. C.

Nestes documentos, escriptos com tres caracteres de lettra differentes, existe divergencia quanto á data da inhumação do cadaver: foi realmente dado á sepultura a 7 de Janeiro de 1869.

O volume relativamente consideravel do projectil, que é feito de ferro coberto com uma camada de chumbo batido a martello ou para melhor adherir áquelle metal, ou para entrar com mais facilidade na alma da carabina, com o diametro de 17^{mm} e o peso de cincoenta e tres grammas, justifica o erro dos medicos em admittir que o esmagamento dos ossos fosse consequencia de um estilhaço de bomba.

Na verdade, quem poderia então admittir que um projectil de carabina, geralmente de chumbo, podesse produzir semelhante fractura, e ainda mais, attenta as armas então em uso, que possuisse força de penetração bastante para atravessar a tação da bota e os ossos anteriores até alojar-se entre os da parte posterior do pé?

Hoje temos explicação do facto com o modo e os meios porque os paraguayos fabricavam os projectis de carabina na penultima phase da guerra.

Com effeito, tornando-se extremamente escassos no Paraguay todos os artigos de procedencia estrangeira, em consequencia do rigoroso bloqueio estabelecido pelos alliados, o marechal Solano Lopez, com a assombrosa energia que o caracterisou nessa guerra

singular, arrancou elementos extraordinarios do proprio paiz, e com os recursos de seu genio inventivo, pôde crear o que não existia, prolongando a luta até encontrar a morte na sua ultima trincheira, nos confins do paiz.

Os metaes quasi desappareceram e até os sinos das igrejas desceram das torres para os fornos dos arsenaes. E este facto, que passaria desapercebido em qualquer outro paiz, assumia especial gravidade no Paraguay, onde o espirito do povo, eminentemente religioso e profundamente ignorante, era capaz de todos os excessos pela conservação das velhas tradicções jesuiticas, dá ideia tambem da situação desesperada em que se viu aquella nação heroica e ao mesmo tempo da tremenda oppressão da dictadura de Lopez que com a sua indomavel energia conseguiu abafar todas as resistencias, vencer todos obstaculos, realisando impossiveis.

O chumbo quasi desappareceu do anno de 1868 em diante, mas o ferro o substituiu em quasi todas as applicações. E os arsenaes fundiram com esse metal muitos milhões de projectis de carabina com que foi prolongada a luta.

Esta circumstancia explica tambem o facto da especial gravidade de que se revestiram todas as fracturas produzidas por armas de fogo no ultimo periodo da guerra.

Os pesados projectis de ferro fundido deviam prejudicar o alcance do tiro e, pelo attrito, destruir as estrias das carabinas, mas é incontestavel que havia toda propabilidade de inutilisar para sempre a quem fosse chocado por uma dessas bolas capeadas de chumbo.

A escacez dos artigos de procedencia estrangeira deu ensejo para o desenvolvimento do genio inventivo dos paraguayos que, como disse, arrancaram elementos de guerra do proprio paiz, tirando partido de tudo.

O papel tornou-se tão raro que os archivos da Republica foram revolvidos e *todas as meias folhas em branco* retiradas para o serviço da secretaria do marechal Lopez.

Escolheu-se em todo o exercito os sargentos e mesmo officiaes subalternos que tinham a *lettra mais miuda* e essa faculdade tornou-se um titulo de recom-

mendação para quem a possuisse: Silvestre Aveiro, o terrivel executor das sentenças de Lopez, não teve, a principio, outra recommendação.

O meu mallogrado amigo, o general Francisco Manoel da Cunha Junior, possuia um curioso documento que comprova o estado desesperado a que chegou o Paraguay com a falta de manufacturas estrangeiras.

E' um mappa das fortificações de Curupaity, desenhado sobre *papel de cigarro*, cujas folhas minusculas foram cuidadosamente emendadas até alcançar o tamanho de 1.m20 × 0.m80! (1)

O desenho é um tanto grosseiro, mas perfeitamente exacto em seus detalhes: representando o espaço comprehendido entre a casa de Lopez *(mayoria)*, em Passo Pocú, até as trincheiras de Curupaity, junto ao rio Paraguay.

Os canhões de grosso calibre estão figurados a lapis encarnado e as peças de campanha, bem como as foguetei*r*as, á tinta preta; os bosques, as linhas de abatizes e as boccas de lobo a lapis azul; os paióes, caminhos de serviço, bem como as diversas legendas explicativas, escripta a lettra de mão, á tinta preta já bastante desmaiada pela acção do tempo.

Este curioso documento foi encontrado no bolso de um official paraguayo, provavelmente do estado maior de Lopez, morto na tomada do Sauce a 21 de Março de 1868.

* * *

Para guardar a bala que robou a vida ao notavel *cavallariano* rio-grandense, (2) mandei fazer uma co-

(1) Quando o general Cunha Junior veiu ao Rio Grande do Sul tratar de pôr termo á guerra civil, trouxe-me esse curioso mappa.

Devolvi-o mais tarde por intermedio do general João Telles em sua ultima viagem ao Rio do Janeiro, constando-me que está quasi inutilisado por se ter quebrado o vidro do quadro que o emoldurava.

Possúo, porém, nitida copia photographica que representa perfeitamente todas as emendas do «papel de cigarro» e todas as dobras do papel.

(2) Não é hyperbole. Andrade Neves era tão adestrado em equitação que, montando em um potro «bagual» (recem-domado, espantadiço e arisco) mandava sujeitar o animal, emquanto collocava duas moedas de cobre em cada sapata do estribo pousando sobre ellas a ponta da bota: depois de mil corcóvos cabriólas e carreiras, ao parar o potro offegante e domado, lá estavam as duas moedas no mesmo lugar!

lumna de bronze, aproveitando para isso um fragmento de canhão paraguayo que obtive do Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro.

A columna, de ordem *corinthia*, méde 0.m16 de alto por 0.m10 de diametro na base do pedestal: sobre o capitel, em cavidade apropriada, descança o projectil.

Na face superior do primeiro batente, na base, tem a seguinte inscripção:

Esta columna sustenta a bala que matou
o General José Joaquim de Andrade Neves
(Barão do Triumpho)
na batalha das Lomas Valentinas a
21 de Dezembro de 1868.

No ultimo friso do pedestal, onde assenta o fuste:

J. Arthur Montenegro, inv.

e na borda do primeiro batente da base

Feita nas officinas da Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway.

Confiei a execução do plano ao habil moldador James Andrew, pertencendo todo trabalho de gravura ao meu companheiro de trabalho naquella estrada de ferro Carl Wilhelm Ewald, distincto engenheiro russo ha muito domiciliado no Brasil.

O MARECHAL SOLANO LOPEZ

Passa como facto provado ter tido o marechal Solano Lopez grandes conhecimentos scientificos e vastissima erudição.

Entre outros, Silvano de Godoi em suas *Monographias Historicas*, Chrisostomo Centurion em suas *Memorias*, e Elisée Reclus em artigos na *Revue des Deux Mondes*, não se cansaram de bater nesse thema, citando factos, apontando occasiões em que Lopez provou a saciedade ser o espirito mais culto dos homens ds seu tempo na America do Sul.

Centurion entre muitas puerilidades, affirma até que Lopez *inventou* o vocabulo — *Concio* — accrescentando (tom. II p. 15 das *Reminiscencias Historicas*):

« Esta palabra no trae el Diccionario, y és una « invencion de Lopez, y significa — *consciente!* »

Entretanto, pelos detalhes que tenho colhido da vida intima do dictador, pela analyse fria e imparcial de todos os seus actos relativos á politica internacional e sobre tudo pelo modo brutal por que governou o paiz, julgo-o muito *superficial*, dispondo apenas de algumas *tinturas* de civilidade, adquerida em suas viagens ao exterior e com o contacto dos raros diplomatas que em seu tempo foram ao Paraguay: no mais era grosseiro, brutal, orgulhoso e de uma vaidade sem limites. (1)

O seguinte episodio contado pelo cirurgião George Frederic Masterman em suas memorias (2), convence de que o meu juizo sobre o grande despota americano é de todo fundado.

* * *

(1) O meu distincto amigo, coronel José Clementino Soto, director geral das Penitenciarias da Republica Argentina, tem em preparo estudo muito completo sobre a individualidade de Solano Lopez — que, a meu pedido, vae dedicar ao Instituto Historico Brasileiro.

(2) Seven Eventful in Paraguay.—London 1870, p. 123.

Durante o cerco de Humaytá, o marechal lembrou-se de arranjar um — *passa-tempo* — para si e para os seus officiaes, com o fim de vencer o tedio e monotonia dos longos dias que succediam-se sem outro acontecimento mais que algum combate no qual as suas tropas eram invariavelmente batidas.

Eis o que diz Masterman:

« . . . Pensei demorar-me sómente uma semana na fortalesa, porém fui detido durante tres por uma razão tão absurda que não a posso recordar sem rir-me.

O presidente Lopez mandou vir de Paris uma caixa com *vistas* semelhantes ás que se vêem nas feiras da Inglaterra, porém em escala maior, acompanhadas de uma *laterna magica*.

Chegaram sem avaria pouco antes do bloqueio dos rios, porém, desgraçadamente para mim, extraviaram-se as *instrucções* sobre o modo de usal-as.

Assim é que S. Ex. ordenou ao capitão (agora tenente-coronel) Thompson e a mim que as montassemos, *pondo-as em exhibição*.

Não gostamos de semelhante tarefa, mas tivemos de nos resignar senão . . .

Quando tudo estava prompto, Lopez, acompanhado do bispo e de tres ou quatro generaes, percorreu o recinto da *Exposicion* (como chamava) as som das musicas marciaes e seguido por nós que eramos os *cicerones*.

Tivemos muita difficuldade em conter o riso: a tal ponto chegavam as *falsas ideias* e pueril encanto da nosso roliço patrão, que punha-se nas pontas dos pés para contemplar nos vidros de augmento a — *Bahia de Napoles á luz da lua (The Bay of Napoles by moonlight)* — ou a um — *Caçador d'Africa combatendo com dez arabes (Chasseurs d'Afrique engaging ten Arabs at once.)*

A *giringonça* era mais risivel ainda: cerrava-se com uma cortina de ganga a extremidade de um saguão que unia dois alpendres e a outra com um biombo: a *machina* estava collocada n'este ultimo, em cuja frente estendia-se uma ordem de cadeiras em semi-circulo para *El Famoso* e seu sequito, emquanto que os soldados, para quem se armára a *Exposicion*, deviam contentar-se em ficar do lado de fóra.

Muitos dos quadros representavam as batalhas feridas na ultima guerra franco-italiana, mas eu e Thompson tomamos a liberdade de baptisal-os a nosso gosto, como por exemplo:

— *Batalha de Copenhagem entre os Persas e Hollandezes.*

Ah! que horroroso combate foi aquelle, dizia Lopez ao bispo, fazendo-se de entendido.

— *O Campo de Trafalgar depois da batalha: os mamelucos levando os feridos.*

Que humanidade christã, Excellentissimo Senhor, murmurou o bispo...

Seguimos com a farça:

— *Tomada de Moscow na ultima carga de Magenta.* disse Thompson com voz pouco segura, dando-me ao mesmo tempo um beliscão na perna, por baixo da meza.

— *A morte do general Ordenes no momento da victoria* —, foi o titulo do quadro seguinte que soava pomposamente em hespanhol e com o qual concluia-se a primeira série.

Succederam-se a estes os quadros comicos com o *titulo* dos quaes o bispo quasi nos perdeu. O biombo reflectia luz sufficiente para poder se vêr atravez da ganga as *sacudidelas* que eramos obrigados a fazer para conter o riso, mettendo o lenço na bocca.

Não nos atreviamos a soltar a gargalhada, mas era difficillimo conter-nos. Thompson, muito sanguineo, quasi morre de convulsões, sobre tudo ao ver em uma das vistas o nariz de um anão tomar gradualmente dimensões colossaes.

A diversão teria sido magnificamente famosa para uma ou duas noites, porém trabalhamos tão *acertadamente* que recebemos ordem de continuar com a diversão até novo aviso — *y la cosa no era broma*...

Fiquei doente poucos dias depois, obtendo então licença para voltar á capital.

Por esse tempo Lopez não permittia que *pessoa alguma* dissesse graças em sua presença e muito menos rir-se, pois ambas *as cousas* constituiam um desacato á sua pessoa. »

Masterman, um dos mais graduados cirurgiões do exercito paraguayo, tinha a seu cargo os hospitaes de Assumpção, n'essa occasião repletos de convalescentes e feridos dos combates de Maio a Dezembro de 1866; como auxiliares em tão afanoso serviço, tinha apenas *oito praticantes*, que, quando muito, seriam bons enfermeiros: pois bem, no Paraguay, durante a sabia administração de Lopez, arredava-se um medico da cabeceira de milhares de enfermos para encarregal-o da manobra de um cosmorama proprio de ciganos ambulantes!

HOSPITAL FLUCTUANTE

Carta dirigida á redacção d'A *Republica* do Ceará, em 11 de Junho de 1898.

Sr. Redactor.

Noticiando *A Republica* de hontem o equipamento do hospital fluctuante *Solae*, da marinha militar dos Estados Unidos, para servir na actual guerra entre essa potencia e a Hespanha, accrescenta:

«... E' o primeiro navio *no seu genero* na historia das operações navaes.»

Permitta, meu caro confrade, que reivindique para o Brasil a prioridade do invento, pelo menos nas campanhas navaes feridas na America, pois tenho á vista a celebre obra de Vittorio Vecchio — *Storia Generale della Marina Militare (Firenze 1892)* e nenhuma referencia encontro sobre tal assumpto antes da nossa luta com o Paraguay.

Durante a campanha de 1864—1870, tivemos diversos hospitaes fluctuantes, entre os quaes cito de memoria — o *Onze de Junho*, *Eponina*, *D. Francisca* e *Annicota*, além de outros que foram se armando á medida que progrediam as operações.

O primeiro hospital fluctuante que tivemos foi o *Onze de Junho*.

Esse navio, antigo vapor argentino *Iniciador*, que se empregava no trafego de passageiros entre Buenos Aires e Montevidéo, foi comprado pelo vice-almirante Tamandaré, juntamente com o *Tramandahy* (antigo *Fra*), para armal-os em guerra e compor a esquadrilha que, sob o commando do chefe Barbosa da Lomba, devia transpor o *Salto Chico* no rio Uruguay e ajudar o cerco da villa de Uruguayana, então occupada pela columna paraguaya do tenente-coronel Estigarribia, onde não podiam chegar os vasos da esquadra em consequencia do seu grande calado.

Com magnificas acommodações, serviu algum tempo de *navio almirante*, e o nosso legendario Tamandaré,

içando o seu pavilhão em tal navio, honrava a data que hoje commemoramos, da grande batalha naval de Riachuelo, travada ha 33 annos precisos.

A 5 de Março de 1866 o *Onze de Junho* foi incorporado á esquadra de operações no Paraná e Paraguay, transformado em *hospital de sangue*, com todas as installações necessarias a tão importante serviço.

Dirigiram os trabalhos medicos nesse hospital, onde se praticaram as mais importantes operações cirurgicas em toda campanha, os Drs. João José Damasio e Pedro Autran da Matta Albuquerque.

A ideia de transformar o *Onze de Junho* em hospital fluctuante, pertence ao benemerito conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, nosso ministro no Rio da Prata, o qual, tomando parte activissima nos conselhos de generaes durante todo o trabalhoso periodo de organisação, sempre lembrava medidas humanitarias tendentes a minorar os horrores da guerra — medidas que escapavam aos responsaveis pelos successos propriamente militares que se viam absorvidos pelos graves problemas tactico-estrategicos, na espantosa confusão dos primeiros mezes da campanha de invasão em que *tudo* estava por fazer.

Portanto, ao nosso eminente patricio conselheiro Francisco Octaviano cabe a gloria de tão util *invenção*, pois é certo que si não existissem os tres hospitaes fluctuantes *Onze de Junho*, *Eponina* e *D. Francisca*, após os sangrentes combates da Confluencia, Estero Bellaco, Tuyoty, Curuzú, Curupaity, Boqueirão e Sauce, nos quaes tivemos mais de 15.000 homens feridos, que receberam os primeiros curativos ali junto ás barrancas do rio Paraguay, sendo depois commodamente transportados para os hospitaes de Corrientes — muito mais avultado seria o numero de mortos, como facilmente se comprehende em uma epocha em que a cirurgia e a antesepsia estavam tão atrazadas.

E taes foram as vantagens colhidas com esse systema, que o governo sueco, impressionado pelo relatorio do tenente Alfredo Lindback (que assistiu ás operações da nossa esquadra), mandou construir um navio expressamente para esse fim, segundo os planos do mesmo tenente e do corpo medico naval.

A Suecia foi, pois, a segunda potencia que armou hospitaes fluctuantes.

* * *

E já que tratei dos nossos hospitaes fluctuantes, permitta recordar aqui a commovente historia do *Eponina*:

A colonia brasileira residente em Buenos Aires, por meio de subscripção, comprou o vapor *Portená* que, como os outros acima mencionados, empregava-se no trafego de passageiros entre a capital argentina e Montevidéo.

Deram-lhe o nome de *Eponina*, em honra á esposa do conselheiro Francisco Octaviano, e o offereceram ao governo brasileiro para o serviço da guerra.

Logo que começaram os combates do anno de 1866, esse vapor foi empregado no transporte dos feridos para os hospitaes de Corrientes, Buenos Aires e Montevidéo, e a seu bordo falleceu em viagem, além de outros, o nosso conterraneo general Antonio de Sampaio, ferido na batalha de Tuyoty, quando era transportado para o nosso magnifico hospital central de Buenos Aires.

A 6 de Janeiro 1867 foi esse navio totalmente destruido por violento incendio, cuja causa jámais poude ser averiguada.

Achava-se atracado á barranca de Curuzú, servindo de hospital de sangue e cheio de feridos e doentes, quando occorreu o sinistro.

De cerca de duzentos enfermos, nenhum poude ser salvo: toda tripolação pereceu!

Logo que arvorou o signal de *fogo a bordo*, toda a esquadra suspendeu para soccorrel-o, mas as chammas o envolveram tão rapidamente que foram improficuos os desesperados esforços feitos para salvar os desgraçados enfermos; tornou-se necessario mettel-o a pique, porque estava transformado em medonho brazeiro.

Nunca se poude averiguar tambem o numero das victimas, pois apenas boiaram onze cadaveres.

Eis o que lhe posso dizer, de momento, sobre os nossos hospitaes fluctuantes.

Ceará, 11 de Junho de 1898.



9 786553 061491

ISBN: 978-65-5306-149-1

CENTRO DE ESTUDOS GLOBAIS

UNIVERSIDADE ABERTA www.uab.pt

CÁTEDRA UNESCO DE ESTUDOS GLOBAIS

unesco Cátedra

EDIÇÕES BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE